



SOMOS VÍTIMAS DA INVASÃO TECNOLÓGICA

O cooperativismo dito moderno completou 135 anos em julho. Se considerarmos que outros sistemas econômicos — o capitalismo, por exemplo — perdem-se na poeira de um passado remoto impossível de ser identificado por data, se chega fácil a conclusão que a cooperação mútua está apenas engatinhando. Como consequência imediata dessa infância vivida pelo cooperativismo, ele padece dos fatores circunstanciais que tolhem seu desenvolvimento como sistema econômico. No Brasil, país cuja economia antes de se consolidar em termos nacionais vem sofrendo um processo intervencionista de potentes grupos multinacionais, a tendência lógica é que o cooperativismo tenha cada vez mais, tolhido o seu desenvolvimento como sistema econômico. De outro modo, o país sofreu um processo de invasão tecnológica que se mantém em ritmo acelerado. Fábricas foram importadas e seus produtos, a maioria na categoria de supérfluos, com



o rótulo de “indústria brasileira”, foram apenas montados aqui. Essa modernização forçada, motivada por um processo de publicidade massificante de um lado e por outro lado

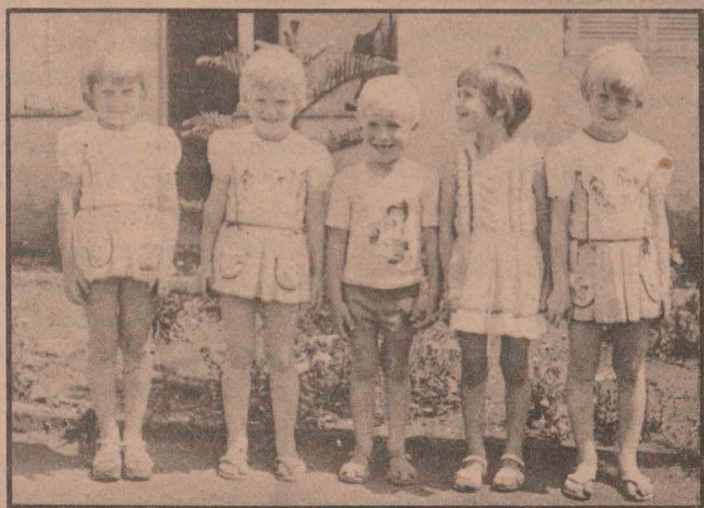
estimulada pelas facilidades de crédito, vem modificando os hábitos do povo. O Brasil é o único país do mundo que exporta húmus, fertilidade de solo, microorganismos, em troca de perfumes, uísque,

desodorantes, lâminas de barbear, revistas pornográficas, discos de “rock’n rool” e filmes obscenos. Da página 4 à página 9 da presente edição, esses assuntos são tema de um

debate entre editores do COTRIJORNAL e 11 agrônomos e 2 veterinários do Departamento Técnico da COTRIJUI. Aconselhamos também a leitura dos editoriais à página 3.

ALEGRIA DO LAR

As crianças são a alegria do lar. No lar da família Dobra-chinski, em Rincão do Tigre, há muita alegria. Cinco crianças alegrem os dias de seus pais e avós. Leiam na página 15.



PATRONO DA AGRICULTURA GAÚCHA

Página 12

COTRISOL VOLTA A CIRCULAR

Encarte

COOPERATIVISMO NA PECUÁRIA

Páginas 22, 23 e 24



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS

GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva - Eng. Agr.

Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabó, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Bruno Eisele, Antonio Cândido da Silva Netto, Olympio Belline.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Cláudio Koehler, Leonides Dallabrida, Telmo Rovemo Ros.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	12.000 t
Rio Brilhante	12.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 17.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE:

Redação e Administração

Rua Tiradentes 449,

Caixa Postal 111

IJUI - RS

TELEFONE: 332-1574

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Reg. profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa

João Roberto Vasconcellos

Composto no JORNAL DA MANHÃ, Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

"GRAN UTILIDAD"

Senhor redator responsável: No ano passado realizamos uma gira pelo Rio Grande do Sul. Entre outras cooperativas visitamos a COTRIJUI, onde solicitamos ao eng. agr. Luiz Volney Mattos Viau que fizesse chegar até nós o COTRIJORNAL. Agora, passado um ano, temos analisado o jornal e constatamos que o mesmo nos é de grande utilidade para o contato com os assuntos técnicos e também de assuntos gerais.

Ao finalizar esta, reiteramos nosso interesse em receber o COTRIJORNAL, enfatizando a V.S. que não deixe de nos remetê-lo regularmente.

Sem outro particular e na espera de V./notícias, lhe saudamos cordialmente. Luis M. Castello, Cooperativa Agrícola Eldorado, Departamento de Fomento Agropecuário y Florestal, Eldorado, Misiones, Argentina.

ACERVO DO MUSEU

Senhor diretor: Seria desnecessário ressaltar a satisfação que nos causa a colaboração prestada por V.S. para o enriquecimento do acervo do Museu Hipólito José da Costa, completando-nos a coleção do COTRIJORNAL.

Confiantes em poder contar com o mesmo apoio e compreensão, renovamos nossa mais alta estima e distinta consideração. Ligia Maria Peres Tricot, diretora.

ASPECTOS POLÍTICOS

Há anos venho lendo o COTRIJORNAL, o qual me proporciona uma leitura agradável e ao mesmo tempo bem dosada com técnica. Gostaria de parabenizá-lo especialmente pelo artigo "Aspectos políticos competitivos da atividade cooperativista", da qual tirei bom aproveitamento.

Aproveito para solicitar que atualizem meu endereço para fins de remessa, que passou a ser rua Moron, 2022, Passo Fundo. Atenciosamente, Valdocir Luiz Roman.

PROJETOS DA EMATER

Trabalhando como coordenador regional de Projetos da EMATER/RS, região de Caxias do Sul, que abrange 15 escritórios municipais, necessitamos de informações sobre cooperativismo e agropecuária em geral, principalmente do lado humano dos pequenos proprietários de terra. E é o COTRIJORNAL que nos pode dar todas essas informações.

Pedimos que abram inscrição para os seguintes escritórios municipais: Antonio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guaporé, Nova Bassano, Nova Petrópolis, Nova Prata, Salvador do Sul, São Marcos e Veranópolis, cujos endereços seguem anexo.

Antecipo agradecimentos. Eng. agr. João Luiz Guadagnin, coordenador regional de projetos. Caixa Postal, 246, Caxias do Sul.

ASSUNTOS RELEVANTES

Dada a relevância dos assuntos focalizados no COTRIJORNAL, solicito esclarecimentos sobre como proceder para receber regularmente esse jornal. Consulto também da possibilidade de receber pelo menos alguns exemplares atrasados, pelo que antecipadamente nos confessamos extremamente agradecidos e honrados. Banco do Brasil, agência de Erechim.

COMO ECONOMISTA

Como economista que sou, estudioso e entusiasta do cooperativismo, gostaria de receber o COTRIJORNAL, o qual ser-me-á de grande valia em meus estudos. Cordiais saudações, Gilberto Beltrão Moraes, rua Silva Jardim, 1924, Santa Maria.

JORNAL O "CHOQUE"

Anexo a presente estamos enviando o último exemplar do jornal "O Choque" por esta cooperativa. Tal publicação está sendo distribuída a todos

os associados, autoridades e entidades ligadas ao cooperativismo.

Outrossim, solicitamos que nos remetam, em troca, o COTRIJORNAL. Atenciosamente, Cooperativa de Eletricidade Rural Teutônia Ltda. Egon Edio Hoerlle, presidente.

AGRONOMIA DE LAVRAS

Sou estudante de Agronomia na Escola Superior de Agricultura de Lavras, Minas Gerais. Através do Diretório Acadêmico desta escola tomei conhecimento do COTRIJORNAL. Achei muitíssimo interessante e de grande valia para mim os artigos abordados. Ficarei muito satisfeito se for contemplado com uma assinatura.

Como já estou em final de curso, gostaria de recebê-lo em minha residência, que é em São Paulo, na cidade de Fartura, na Fazenda Bom Jardim. Antecipo agradecimentos. Oto José Antonio de Souza.

TURISMO MADEIRA

Tendo deixado a gerência da Agência de Viagens Passo da Areia, para onde V.S. endereça o muito apreciado COTRIJORNAL, e por haver-me associado a outra empresa, agradeço se for alterado meu endereço para: TURMA - Turismo Madeira Ltda., à rua Dr. Flores, 453, Porto Alegre. Atenciosamente, Fernando M. Pereira.

"JORNAL TREZE"

Comunicamos a V.S. que a Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze, Ltda, lançou o jornal denominado "Jornal Treze", já tendo circulado a primeira edição.

Atenciosamente, Raul Pereira, presidente - Treze, Lagarto, Sergipe.

"AGROPECUÁRIO"

Presidente Ruben Ilgenfritz da Silva. Estamos encaminhando a apreciação de V.S. um exemplar do "Correio Agro-Pecuário", edição referente a 2a.

quinzena de outubro, onde às páginas um, quatro e 16, inserimos matérias que julgamos de seu especial interesse. Atenciosamente, Mário Mazzei Guimarães, diretor. São Paulo.

REVISTA RAINHA

Comunicamos que transferimos a sede da revista "Rainha", de Santa Maria, para Porto Alegre. Nosso endereço na capital do Estado é: Revista "Rainha", av. Plínio Brasil Milano, 2145 - caixa postal, 6071, Porto Alegre. Atenciosamente, Simone Pizzatto.

ARMA DA VERDADE

Vosso trabalho está edificando o Templo da Virtude, cujas armas são a VERDADE e o costume LIVRE de bem transmitir aos seus leitores matérias de transcendental importância, primando sempre por enriquecer nossos conhecimentos e "modus vivendi", culminando tudo isso com sermos um povo mais feliz e com mais paz em nossos corações.

Desejando sucesso em suas atividades, subscrevo-me com um tríplice e fraternal abraço. Anatolio Perrezeiff, Rua Boa Vista, 225 - 98.900 - Santa Rosa - RS.

INFORMAÇÕES DIVERSAS

Comunicamos que anotamos ou já providenciamos os assuntos dos seguintes missivistas: Wilmar Schau de Araújo, Brasília; Telmo Rudi Frantz, Paris, França; Bruno Seidler, a/c Banco do Brasil, Tâpera; Raul Machado de Lima, Taguatinga, Brasília, DF; Antonio Viane Vargas Lampert, Nelson Luz da Silva e Dioclides Luz da Silva, todos de Tupanciretã; Manoel Soares de Oliveira, Alegrete; Centro de Documentação e Biblioteca do Banco da Amazônia, Belém, Pará; Humberto Ortiz Machado, Wilson von Borowsky e José Alberto Mattioni, todos de Santa Maria; Alberto Emmanuel Whitaker, São Paulo e Luiz Zordan, 1a. Exposição Feira de Gado Leiteiro, Erechim, cujo convite, lamentavelmente, chegou atrasado.



PRIORIDADE À AGRICULTURA

"Antes de tomar qualquer iniciativa as pessoas precisam se alimentar. Se desejamos influenciar alguém, tornando-o dependente, acredito que não haja dependência melhor do que a alimentação". A frase é de Umberto Humphrey, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, e foi proferida quando o mesmo era senador e empenhava-se para melhorar a legislação agrícola do país.

Achamos que em nosso país a frase do político norte-americano deveria ser impressa em decálogo para ser exposta em locais bem visíveis de nossas salas de visita, tal a sua exatidão. É um dito chavão que o homem é escravo do próprio estômago. E não se admite que possa alguém raciocinar, agir com desenvoltura ou auto-determinar-se, sem estar devidamente alimentado.

Theodore White, famoso jornalista norte-americano, disse que as primeiras coisas que um governo deve fazer por seu povo são garantir suficiente estabilidade e fornecer alimentos bastantes para a sobrevivência. Do contrário, sem essas duas coisas, o povo se entregará a qualquer um, até aos inimigos, contanto que estes o alimentem.

É fato notório que a fome no mundo é uma constante que se acelera cada vez mais. Nesta edição estamos apresentando trabalho de economia política condensado da revista "Ceres", da FAO, onde o leitor poderá tomar conhecimento de alguns dos processos usados pelas grandes potências no sentido de se assegurarem do domínio pleno e global dos meios de produção de alimentos. É que essas potências sabem que só realmente governa quem possui os alimentos; só se determina quem os controla e dirige.

Parece ser o caso de nos questionar-mos até que ponto estamos conscientizados dessa

realidade. O momento é oportuno para uma análise, visto que nos aproximamos da data em que um novo Governo assumirá o comando do país.

Conforme o que tem sido divulgado de declarações esparsas do futuro Presidente, sua excelência dará prioridade ao setor agrícola. Isso é bom. É mais do que bom, é ótimo. Mas resta saber em que proporções e de que forma essa prioridade será praticada.

Nossos dois últimos presidentes, Médici e Geisel, ao assumir os respectivos Governos, anunciaram que dariam atenção especial à agricultura e seus problemas. Mas agora, ao final do Governo deste último, seu porta-voz mais categorizado no setor — o Ministro da Agricultura — penitencia-se de viva voz da modesta operacionalidade de sua Pasta, dizendo não ter feito mais por falta de dinheiro.

Ora, num país onde se concede favores alfandegários à indústria de manufaturados supérfluos e se concede subsídios e isenções para esse mesmo setor, é difícil justificar falta de dinheiro para estimular a produção agrícola. Tanto mais se se considerar que a maior parte dessa indústria nem chega a ser nacional. De outra parte, toda vez que a nível fazendário surge necessidade de contenção ou qualquer mudança de rumos na política financeira, o primeiro ato é contra a agricultura.

Daí a grande expectativa com que se cerca a ascensão do futuro Governo. Sem dúvida, de sua sensibilidade para prever medidas eficazes ao setor e disposição para aplicá-las nos momentos corretos, vai depender o desenvolvimento do Brasil. E não se precisa ser "douto" em economia para saber que nenhum desenvolvimento real, global e duradouro será possível, a margem da agricultura e da pecuária.

CONSCIÊNCIA COOPERATIVA

O cidadão comum entra numa drogaria e compra um tubo de pasta de dentes. Estimulado pela propaganda ele pensou em economizar e comprou um dos tubos chamados "gigante" ou "tamanho família". Ao chegar em casa e abrir a caixa, vê que a bisnaga é bem menor do que seu invólucro. E ao começar a usar a pasta constata mais uma vez que o seu conteúdo é bastante inferior ao espaço da bisnaga. Resumo: a pasta chamada "tamanho família" comprada aparecia na prateleira da drogaria, dentro de um invólucro com 20 centímetros de altura e outros 20 centímetros de circunferência. E já ao primeiro uso na humilde pia-lavatório do cidadão comum, ficou reduzida a modestos 10 centímetros.

O cidadão, que conforme já se disse, era comum, não reclamou. Sequer tirou a mínima lição do fato. Não culpou o vendedor, o fabricante; a chamada lei da oferta e procura, a propalada livre iniciativa, o capitalismo, enfim, sequer gastou um minuto para pensar a respeito dessa realidade quase que constante em nossas vidas.

Mas no dia seguinte esse mesmo cidadão foi fazer o rancho na sua cooperativa. E dentre os produtos comprados, por lamentável falta de atenção de um funcionário classificador dos produtos perecíveis, ele acabou levando para casa algumas batatas estragadas. Qual foi o comportamento desse cidadão comum? Ele teria reagido normalmente, minimizando o fato e considerado que qualquer um que venda produtos perecíveis está sujeito a passar por esse risco? Não! A sua reação foi completamente diferente. Neste caso ele se considerou roubado, e acusou o cooperativismo em geral.

Por que essa diferença de comportamento?

Se analisarmos que no primeiro caso ele foi lesado por força de um processo planejado e cientificamente executado por empresa, ou grupo de empresas, multinacionais, cujas matrizes estão no exterior, o desfecho do fato é ainda mais grave. É evidente. Quem fabricou um tubo maior para conter uma certa quantidade de produto e depois acondicionou-o em caixa ainda maior, agiu preconcebidamente. Planejou um roubo, e o executou fria e deliberadamente. Ao passo que, jamais uma pessoa sensata poderá acusar uma instituição, um sistema sócio-econômico, pelo fato de que, num armazém de uma determinada cooperativa, um certo funcionário distraído ou talvez até mal-intencionado, misturou batatas estragadas.

O fato pode ser resumido numa palavra. Falta de senso sociológico, pelo fato de não termos consciência cooperativista. Enquanto não adquirirmos conhecimentos a nível de podermos discernir com justeza nesses tipos de julgamento, sem dúvida o cooperativismo no Brasil continuará a ser um modesto sub-sistema.

Mas não basta a tentativa de disseminar o cooperativismo de cima para baixo e em períodos circunstanciais, ou até mesmo a base de universidades, como alguns estão querendo. O cooperativismo deve começar a penetrar nas consciências infantis, desde o lar; deve ir para a escola primária, deve ser vivido e praticado desde a infância, enquanto as consciências ainda são puras e portanto ainda não maculadas pelo germe do capitalismo clássico, nossa luta deve ser essa.

MODELO AGRÍCOLA BRASILEIRO. EXISTE?



O Brasil aparece nas estatísticas como dos maiores exportadores de produtos agrícolas do mundo. Mas as estatísticas também o apresentam no rol dos países hospedeiros do maior número de subnutridos, carentes, favelados, marginais, e onde a mortalidade infantil se aproxima dos índices dos países mais atrasados da Ásia e da África. Ora, se de um lado o país é destaque em exportação de alimentos e por outro se destaca também nas estatísticas marginais dos famintos, então algo deve estar errado. E se algo está errado, isso deve preocupar os sociólogos, os técnicos e os especialistas da comunicação social. O COTRIJORNAL reuniu em torno de uma mesa dez agrônomos e dois veterinários do Departamento Técnico da COTRIJUI, todos eles especialistas em áreas específicas e alguns possuidores de cursos de extensão na categoria M.S.

Sob a coordenação jornalística de Raul Quevedo e Valmir Beck da Rosa, do COTRIJORNAL pronunciaram-se sobre cinco perguntas básicas os drs. Nedy Rodrigues Borges, diretor do Departamento; Renato Borges de Medeiros, do Setor de Forrageiras; Cicero C. de Oliveira Junior, Forrageiras; Paulo Roberto da Silva, Planejamento e Projetos; Hélio Ito Ehrhardt Pohlmann, Hortigranjeiros; Celestino Dal Molin, Departamento Técnico, Tenente Portela; Alberto Parenti Filho, Departamento Técnico Ijuí; Enio Hamilton Siqueira, Departamento Técnico Dom Pedrito; Antonio Vieira dos Santos, Departamento Técnico Santo Augusto; Sidnei Gervini Souza, Setor de Sementes; Clóvis Rorato de Jesus, Departamento Técnico Augusto Pestana e os veterinários João Alves Teixeira e Ronaldo Soares de Oliveira.

Nas páginas a seguir apresentamos a íntegra do debate.

COTRIJORNAL — A agricultura brasileira, notadamente aquela praticada nos Estados do Sul, estimulada por governos que chegaram a se considerar bafejados pelo "milagre do pleno desenvolvimento", enveredou para o caminho da adoção da tecnologia. Em poucos anos os tratores tomaram o lugar da junta de bois e da parêlhã de cavalos; se foi abandonando o plantio manual e até a enxada foi substituída pelos herbicidas. É claro, uma agricultura dirigida para a exportação tem de ser trabalhada extensivamente. Ocorre que no caso brasileiro, onde não há nem nunca houve o que se poderia chamar de uma política agrícola, e onde as posições são tomadas ao sabor do acaso, pergunta-se se esse tipo de agricultura po-

de continuar a ser praticado sem trazer prejuízos futuros para o país?

RENATO — Não só creio como defendo o ponto-de-vista de que essa agricultura está trazendo prejuízos, por não estar ajustada aos nossos interesses fundamentais, que é o homem. Fico em dúvida sobre a necessidade de a agricultura ser extensiva para atender as metas de exportação. Talvez sim porque se busca grandes volumes, se constituindo numa agricultura altamente imediatista. Consequência disso é que as pessoas que estão envolvidas nessa agricultura ficam em segundo plano, porque ela só visa equilibrar a balança de pagamentos do país.

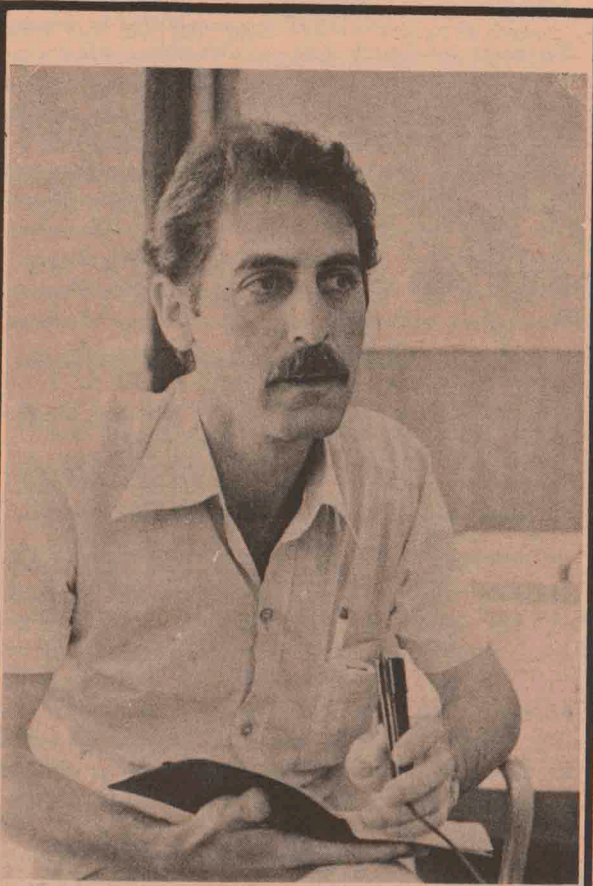
AGRICULTURA PARA CONSUMO INTERNO

NEDY — Na realidade, a política agrícola é dirigida para outros países, não para o Brasil. Vemos que na área de alimentação básica existe pouco. É triste ver a população desnutrida e com falta de alimentação, enquanto nós importamos trigo, importamos leite e uma série de outros produtos que é a alimentação básica, e nós estamos nos preocupando com soja e outros produtos de origem vegetal, mas destinados à indústria para exportação. Na realidade, não podemos acreditar que exista uma política agrícola no país. Em outros países, depois de atender a demanda do mercado interno se preocupam com mercado externo, com exportação. E nós, sem dar atenção internamente, estamos nos preocupando exclusivamente em exportar.

HÉLIO — Também sou de opinião que, a considerar pelo modelo exportador de nossa agricultura, não se pode definir isso como política agrícola. Por outro lado, sabemos que uma política de exportações deve estar diretamente vinculada às reais necessidades do povo. E isso efetivamente não ocorre. Estamos em cima de umas poucas culturas, que dão volumes exportáveis razoavelmente grandes, e não há uma visão global da estrutura onde são cotejados esses volumes financeiros que retornam pela exportação de algumas culturas em relação ao grande número de importações que são feitas mesmo na área de produtos primários, sem contar manufaturados, etc. Então, o que nos parece — a mim em particular — é que dentro dessa orientação mesmo na área de exportações, é totalmente descurado o aspecto de uma visão global da agricultura, da economia, do abastecimento interno. Aí, me parece, está o ponto de estrangulamento.

POLÍTICA AGRÍCOLA E DÍVIDA EXTERNA

PARENTI — A medida que o Brasil começou a fazer a política de exportação, automaticamente também



Renato Borges de Medeiros (Forrageiras)

aumentaram as importações. Acho que importar inclusive gêneros primários, é consequência da política de exportação adotada.

PAULO — Evidente que os prejuízos são incalculáveis com a adoção dessa política agrícola. Tanto isso é verdade, que num seminário de política agrícola recentemente realizado em Brasília, as conclusões foram de que a política agrícola adotada no país nos últimos 14 anos pelo governo, não só não atingiu os objetivos propostos, como também aumentou a nossa dívida externa. Que tipo de política agrícola estamos desenvolvendo, se os resultados são estes a que se chegou em Brasília? Outra conclusão desse seminário, foi que enquanto nós estivermos fazendo uma política agrícola eminentemente de exportação — como evidenciou o colega Parenti — nós vamos estar sempre incorrendo nesse erro. A política agrícola está totalmente errada, ou melhor, nem existe no Brasil. Somente teremos condições de exercermos agricultura dentro de uma política previamente traçada, quando tivermos condições de ao menos resguardar 50 por cento de nossa produção para o mercado interno. Frizo mais uma vez que o resultado a que chegou o seminário em Brasília foi exatamente esse: aumentaram-se as dívidas, a nossa balança de pagamentos não foi equilibrada e estamos com um déficit muito maior em termos de mercado internacional. Em termos de mercado interno, a nossa população, hoje estimada em mais de 100 milhões de habitantes, teria condições de ser abastecida. O caso do leite, por exemplo. Sabemos que não há superprodução de leite, e sabemos que há várias indústrias laticínias que estão jogando leite fora. Sabemos que o problema da nossa população é de sub-consumo. Não há super produção de leite, mas ao contrário, sub-consumo. Há uma série de fatores que influem no caso, dentre os quais a má distribuição de renda e a concentração da mesma.

UM DOS MALES É A TÉCNICA IMPORTADA

CLÓVIS — Um aspecto que gostaria de destacar, é o que diz respeito aos prejuízos que trará ao país, no âmbito social, devido a essa importação de tecnologia. Decorrência da mecanização é o êxodo rural, ocasionando principalmente nos centros maiores, sérios problemas. Dentro da nossa realidade e de nossas condições, o pequeno produtor não está preparado para utilizar estes processos de avançada tecnologia. Isso veio originar o seu afastamento da vida rural. Porque as máquinas e insumos custam caro, e ele não poderá concorrer dentro desse sistema.

COTRIJORNAL — Uma pergunta dirigida ao diretor técnico da COTRIJUI. Prevendo a continuidade dos prejuízos decorrentes da adoção dessa prática agrícola que não foi programada. No âmbito da COTRIJUI, tem se buscado fugir dessa prática desordenada; se procura um modo mais racional de uso da terra já distribuída; ou mesmo diante da possibilidade de uma redistribuição da terra?

NEDY — Talvez se nós considerássemos o projeto da COTRIJUI na Amazônia, vemos que dá uma opção para uma minoria insignificante de seu quadro social. O que se poderá levar para a Amazônia são no máximo duas mil famílias, quando a cooperativa tem 17 mil produtores, dos quais 80 por cento com áreas abaixo de 50 hectares. Esse projeto da COTRIJUI seria um início, para uma preocupação que deveria ter existido já há muitos anos com relação à redistribuição de terras nesse país. Na região da COTRIJUI em Tenente Portela, a média de propriedade gira em torno de 10 hectares. No entanto, nos estados do Mato Grosso, Pará e Amazonas, imensas áreas estão sendo colonizadas por grandes empresas multinacionais, ou mesmo proprietários, até com mais de um milhão de hectares cada uma. Então nós nos acotovelamos com a miséria de determinadas regiões enquanto grandes áreas — as mais férteis — estão nas mãos de uma minoria que está mantendo isso improdutivo somente para valorizar a terra ou tirar outros benefícios no dia de amanhã.

SOMOS DIRIGIDOS PELA PROPAGANDA

COTRIJORNAL — A agricultura brasileira mecanizou-se, modernizou-se. Mas não devemos ignorar que foi uma modernização vinda de fora para dentro. Foi quase que uma imposição de grupos industriais internacionais que disputaram um grande mercado que desde o início se mostrou simpático a esse modernismo. Então, sem que houvesse controle por parte das autoridades ou dos órgãos de financiamento, na sombra do grande proprietário também o pequeno modernizou-se, mecanizando. Agricultores de meia dúzia de hectares venderam os cavalos para os curtiúmes ou mandaram abater a junta de bois no frigorífico mais próximo e ficaram ouvindo o ronco do trator. Pergunta-se até que ponto há hoje uma consciência a esse respeito e se é possível influenciar o pequeno para que retorne ao realismo da agricultura tradicional, única compatível com a pequena propriedade?

CELESTINO — A colocação é bastante válida. Principalmente na região de Tenente Portela, onde 90 por cento ou mais da população tem menos de 20 hectares. Diante disso, não havia viabilidade de mecanização. No entanto, conforme já citado na pergunta, houve uma propaganda massificante onde dizia que o agricultor que não adquirisse trator, que não utilizar herbicida ou outras práticas modernistas que chegam até ele pelo rádio e outros veículos. E então o agricultor — mesmo pequeno passa a adotar tudo porque só assim será visto como alguém que subiu na vida. Se ele não mais cultivar sua terra com arado de bois, subentende-se que ele progrediu. Teoricamente, é esse o status que a propaganda incute na mente do produtor. Para poder vender, é claro. Houve então uma avalanche de agricultores que adotaram todos os modernismos propostos. Em termos de COTRIJUI, e na área onde presto serviços que é Tenente Portela, existe essa consciência de fazer o agricultor voltar para si. Na medida do possível, que ele cultive a sua área com os recursos que possui, como fazia antes. Procura-se conscientizá-lo a que, antes de usar determinado herbicida, busque a solução ou pelo menos seja esclarecido sobre as outras alternativas. E essa tendência conscientizadora poderá modificar outra vez o quadro, quase insustentável da modernização nas áreas reconhecidamente minifundiárias.

NEDY — Eu complementaria Dalmolin, dizendo que apesar de nossa equipe estar desenvolvendo um trabalho nesse sentido, encontra barreiras tremendas incutidas pela propaganda no sentido de sempre levar o produtor ao egoísmo, ao individualismo de ele ter o seu equipamento. Tanto assim que há alguns anos, caso a cooperativa ou o banco não pudessem resolver o problema do agricultor, do trator dele, ele se sentiria marginalizado por não ter o equipamento. Muito embora esse tra-

tor fosse utilizado para ir à missa, para passear com a família, e só usasse na lavoura apenas 20 por cento da sua capacidade. Infelizmente, muito embora o trabalho que se desenvolve no sentido de mudar essa situação, é difícil porque se luta contra todos. Outras forças teriam que entrar nessa luta, para que se pudesse chegar a formação de equipes de máquinas para dar atendimento a diversos produtores. Com isso se poderia tirar de circulação, tranquilamente, 50 por cento do maquinário agrícola hoje existente, e com grande benefício para os produtores.

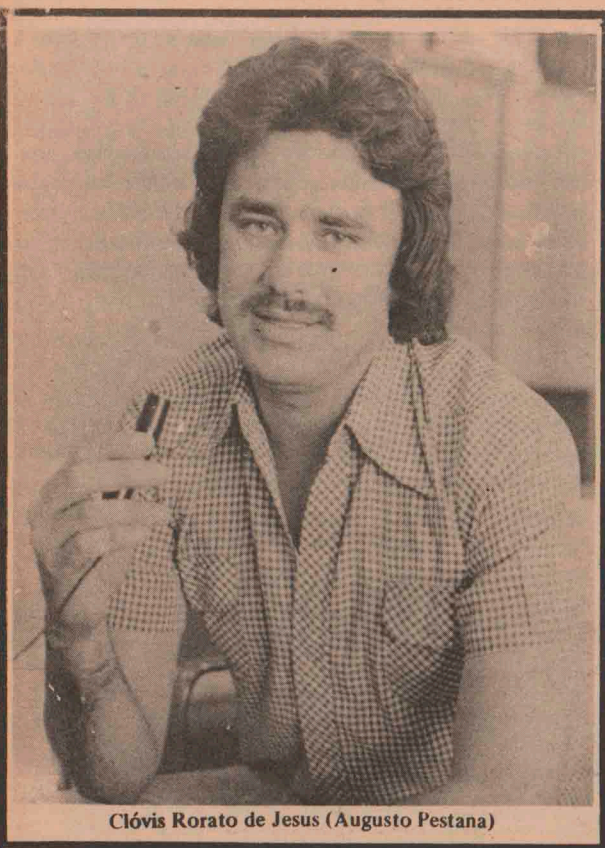
ANTÔNIO — Um grande problema que a gente nota, é o crédito dirigido. Por exemplo. Esses grandes tratores, que fazem serviços por cinco tratores comuns, logicamente só são adquiridos por grandes proprietários. Esses, que já eram possuidores de uma série de tratores, muitos em fim de vida, vendem tal equipamento para o pequeno produtor, por um preço aparentemente razoável. A partir daí, toda a renda da lavoura desse pequeno será quase que só para pagar as reformas desse maquinário usado. Conseqüentemente, a máquina e a cidade, vão levar bastante de seu dinheiro, restando pouco para sua subsistência. Outro problema que se encontra é quando se propõe ao agricultor introduzir uma nova cultura. Ele faz a conta de sua área, para saber quanto é que renderia em soja, para saber então se é ou não viável a nova cultura, sem levar em conta a sua segurança a partir da subsistência. Outro aspecto grave, é a entrada no setor dos chamados falsos agricultores, invariavelmente pessoas da cidade, ligadas à firmas, que estão comprando as áreas dos pequenos proprietários. Põem capataz. Então o êxodo continua mais por interferência de pessoal das cidades que dos próprios agricultores.

PARENTI — Nós da cooperativa, através de levantamento feito no projeto COTRIJUI Norte, em 1975 sabíamos que a área ideal para ser explorada por uma equipe de máquinas era de 37,5 hectares. Isso foge totalmente à realidade de nossa região. São muitos os agricultores cuja área é de 10 até 15 hectares que possuem trator novo, financiado através de estabelecimentos bancários, e que estão totalmente endividados. O agricultor é envolvido nesse endividamento pelo que eu chamo de pacotes das multinacionais, a partir do uso de herbicidas, máquinas apropriadas, etc. Amanhã ou depois veremos o quadro triste. Ao redor do seu galpão e de sua casa, o agricultor só verá montanhas de ferro velho, tão grandes como sua dívida nos bancos. O agricultor como que foge de sua lavoura, não quer mais trabalhar sua terra. Produtores com 4 a 5 hectares, usam herbicidas para controle dos inços. Nem se admite que uma área dessas, pelo seu reduzido tamanho, pudesse ser infestada de inços, quanto mais usar herbicidas para seu controle.

CÍCERO — A consciência desse problema, mencionada pela pergunta, começou a existir a partir das últimas frustrações de safras. Enquanto não ocorresse frustrações, acredito que ninguém se conscientizaria, pelo



Nedy Rodrigues Borges (Diretor)



Clóvis Rorato de Jesus (Augusto Pestana)

menos durante um bom tempo. Só entendo que o problema maior, mesmo que exista uma consciência, seria fugir à esse esquema. Em função das facilidades de crédito existentes, o pessoal investiu muito em diversas áreas da agricultura, e uma vez entrando dentro de um estabelecimento creditício vai ser muito difícil ele sair. Outro problema é que o agricultor em vista disso tudo, se desacostumou a trabalhar. Ele sobe num trator para preparar a terra. Sobe no trator para semear, sobre no trator para controlar as pragas, e a colheita é totalmente mecanizada. Esse é um dos sérios problemas que vejo.

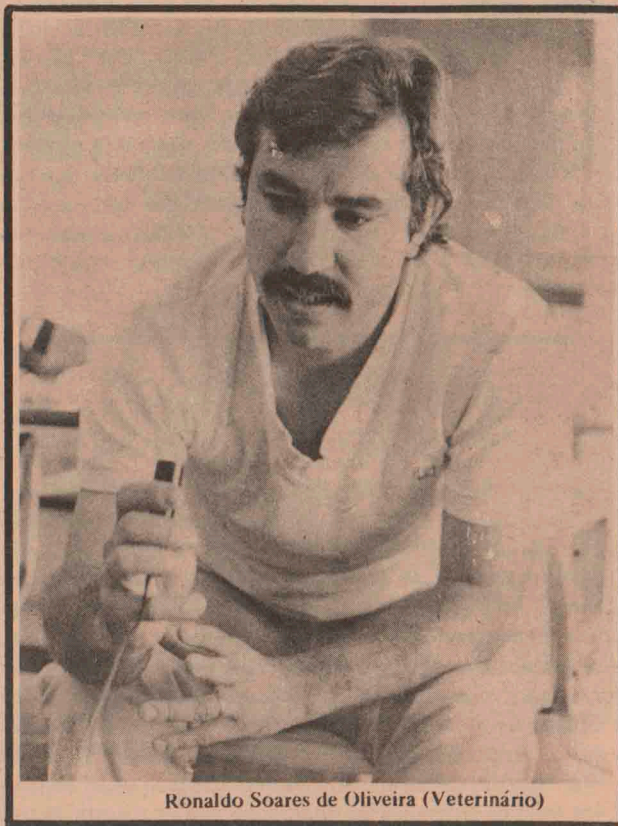
APELO DO GOVERNO FOI À EXPORTAÇÃO

CELESTINO — O Renato no início colocou que o agricultor é levado a exercer uma agricultura a todo o vapor, para equilíbrio da balança de pagamentos. O Parenti falou no endividamento. Da mesma forma, quando o agricultor se endivida acima de suas possibilidades, ele é levado a fazer com que sua área produza a todo vapor. O país pressiona, exerce uma política de exportação para equilibrar a balança, e o agricultor vai ao esgotamento total, utilizando áreas que de maneira alguma poderiam ser usadas na agricultura, na ânsia de cobrir suas dívidas. Chegamos então a um ponto que, na região de Tenente Portela, já são encontrados alguns agricultores. Quer dizer, se eles não morrerem de fome hoje por estarem desmatando áreas que, devido à capacidade de uso daquele solo, não seriam agricultáveis, amanhã ou depois, se eles propriamente não morrerem, os filhos morrerão de fome em tais áreas.

ENIQ — Quanto ao endividamento do agricultor,

principalmente do pequeno. É que não há um planejamento, para aquisição de máquinas. Consequência de tudo isso é que, quem não tem herbicida ou trator para vender, tem dinheiro. Então, nos bancos estão os principais culpados pelo fato de muitos agricultores que não têm condições, comprar mesmo assim. Porque eles querem é vender o dinheiro.

JOÃO — Nesse sistema de crédito, eu acho muito difícil uma mudança, notadamente em áreas onde a mecanização já há muito tempo existe. É bastante difícil fazer com que o agricultor mude, pelo que já foi falado. O que acredito deva ser feito no setor agrícola, é a conscientização a partir das escolas, principalmente nas regiões onde as técnicas de mecanização alcançaram altos índices de modernização e sofisticação. Para que os filhos dos agricultores ao começarem tenham já essa consciência. Cito aqui casos da produção de leite, onde o



Ronaldo Soares de Oliveira (Veterinário)

agricultor acostumado à mecanização já adquire uma ordenhadeira mecânica, muito embora tenha três ou quatro vacas. Ele já não quer utilizar as mãos numa atividade que seria mais lucrativa se assim o fizesse.

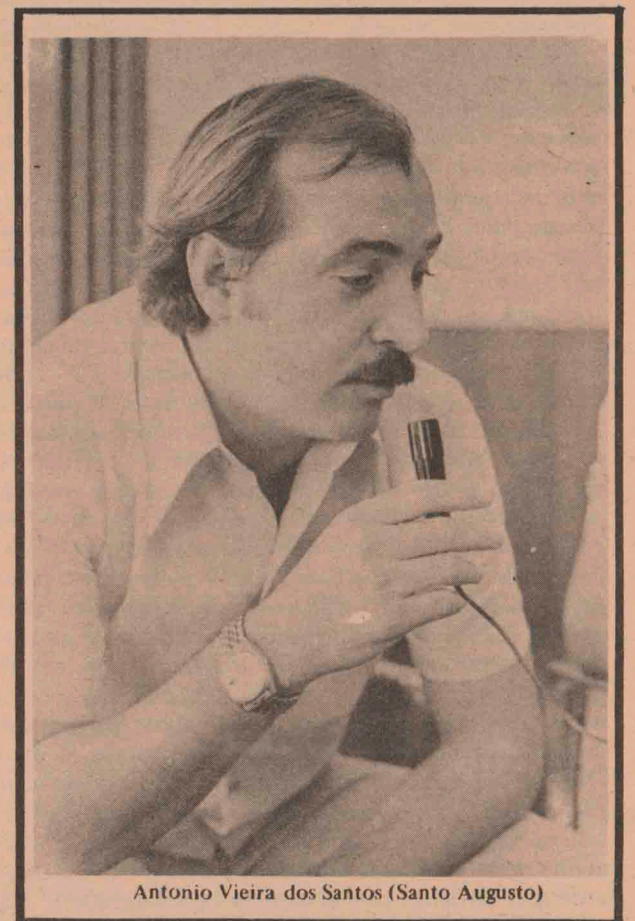
RONALDO — Aproveitando o que disse o João Teixeira, vemos que a unidade econômica para aproveitamento de uma ordenhadeira mecânica, é de 72 a 76 vacas. Mas um fato que já se tornou corriqueiro na cooperativa é o agricultor, mal e mal encaminha seu projeto de leite, logo fala em adquirir uma ordenhadeira. Ele já não admite mais ordenhar manualmente.

PARENTI — O problema maior, diante desse programa de expansão do setor de máquinas agrícolas, muitas indústrias multinacionais se instalaram em nosso país, gozando de todos os incentivos possíveis e até impossíveis. Sabemos que hoje, para uma máquina ser vendida e usada no Brasil, existe um custo bastante caro. A par disso sabemos que se essa mesma máquina for exportada, os custos serão irrisórios, transformando o custo para nosso agricultor.

PAULO — Com relação a essa pergunta, nós entendemos que realmente hoje já existe uma consciência dessa situação. Mas existem também muitas barreiras nesse sentido, e que são obstáculos que fogem ao alcance do técnico. Um exemplo disso é que a ABRAMAVE — Associação Brasileira de Máquinas, Veículos e Equipamentos, já encaminhou uma solicitação aos órgãos de crédito para que haja financiamento integral, de 100 por cento para máquinas e veículos usados. Isso vem atender justamente aqueles princípios contra os quais viemos lutando.

TÉCNICOS USADOS PARA CONSOLIDAR O MODELO

RENATO — Acho que até agora nos posicionamos diante da pergunta falando mais das consequências. Seria bom nós darmos os fundamentos, o porquê dessa tecnologia ter sido aceita, importada e implantada, e nos usado como seus mensageiros. Talvez fosse de lembrar que quando se implantou esse último governo, se criou um clima de paz, um clima de harmonia, quando chegou aos ouvidos de todos os países que era possível entrar no Brasil e desenvolver aqui qualquer projeto industrial e agrícola. Me recordo uma vez em que numa reunião na Assembléia em Porto Alegre, o Ministro da Fazenda afirmou aos presentes que havia sido enviado a todos os países do mundo a informação de que a mão-de-obra no Brasil era efetivamente a mais barata do mundo. Isso possibilitava então que a mesma máquina produzida na Europa fosse



Antonio Vieira dos Santos (Santo Augusto)

Seja um dos nossos.



fabricada aqui por um custo significativamente menor. Um país com harmonia e paz aparente, com mão-de-obra barata, recebe o programa USAID e manda uma avalanche de técnicos, especialmente para os Estados Unidos. Quer dizer, fomos nós mesmos, na minha opinião, que implantamos os modernismo tecnológicos. Fomos usados porque desconhecíamos os problemas e aceitamos pacificamente. Um país, como eles sabiam melhor do que nós, possível de se plantar arroz ainda hoje sem adubo, como em algumas regiões do Mato Grosso; país aberto a qualquer tipo de exploração. Conheciam muito melhor os problemas de solo e de clima do que nós, e sabem muito melhor do que nós onde se deve plantar cada cultura. Nós até hoje ainda não sabemos isso. Sabiam eles também que a maneira de introduzir uma agricultura, é criar o endividamento no agricultor. Se você leram "Vinhas da Ira", de Boris Pasternack, que lhe valeu o Prêmio Nobel da Literatura, ele relata a agricultura desenvolvida na Califórnia cerca de 60 anos atrás, onde foram criados bancos específicos de empresas particulares para financiar algodão. Em vinte e poucos anos esses agricultores se descapitalizaram e hoje, nessas áreas, existem grandes lavouras, de fruticultura de grandes firmas que todo aquele povo ajudou a acionar. Hoje a metade da indústria norte-americana está na Califórnia. E hoje sabemos que a Califórnia é um estado cheio de problemas sociais, bastando citar o que ocorreu recentemente com a chamada seita Templo do Povo, que promoveu suicídio em massa. Essas coisas, incompreensíveis para nós, são fruto da alta industrialização da Califórnia, que se desenvolveu através do endividamento do agricultor. Ao perder sua capacidade de reinvestir, o produtor acaba fazendo aquilo que os bancos e as empresas industriais desejam. Foi isso o que aconteceu no país, nós não estávamos preparados para reagir e o governo ofereceu toda a cobertura de paz e tranquilidade que permitiu aos estrangeiros comprarem terras e instalarem aqui suas indústrias. E ainda mais agora, a tendência de transferir toda essa mecânica do trabalho da indústria para a agricultura, que será fatalmente o fim de tudo. Por isso acho bom que sempre se examine as raízes do problema para que possamos trabalhar com consciência. Qual foi, por exemplo, a reação das economias brasileiras? Foi de se agigantar. Decidimos nós mesmos, no cooperativismo, nos agigantar para ter dinheiro e enfrentar as multinacionais. Quando na verdade preparar pessoas é sem dúvida a única maneira efetiva que nós teremos de liquidar com as multinacionais. É através de pensamento, de idéias e de pessoas, pensando igual e trabalhando com o mesmo objetivo, que nós teremos condições de reagir. Do contrário, seremos grandes iguais a eles e estaremos cumprindo aquela função que todos eles estão cumprindo.

UMA CONSCIÊNCIA A NÍVEL DE GOVERNO

COTRIJORNAL — Nesta região do Estado, pela característica de seus habitantes, não é difícil a disseminação de idéias e divulgação dos princípios que tenham o fim de mudar hábitos consagrados. É sabido que assim como um determinado produtor optou, num determinado momento, pela mecanização sem que realmente necessitasse dela, ou pudesse adotá-la, se bem instruído, ele retornará aos velhos sistemas. Mas a pergunta aqui é se os técnicos das cooperativas estão conscientizados para esse problema e se gostariam de colaborar no sentido de conter, onde seja necessário, esse gigantesco esforço mecanizador que muito geralmente vem beneficiando empresas extra-nacional?

NEDY — Nos parece que realmente a assistência técnica a nível de cooperativas, é a única que tem uma consciência completa dos problemas do agricultor, porque convive com eles, sofre com eles, desde o início da produção na elaboração de programas de trabalho. É também a cooperativa quem fornece os insumos necessários à consecução daquele plano de trabalho; depois será mais uma vez a cooperativa quem vai receber a produção, procurando industrializar ou comercializar. Ao contrário de outros órgãos de assistência técnica que se preocupam apenas na elaboração de planos de crédito que simplesmente não estão vinculados aos insumos necessários a formação dessa produção, e muito menos com a

parte de comercialização que a cada dia se torna mais importante. Portanto, eu acredito que só aquelas equipes técnicas ligadas às cooperativas é que têm uma consciência maior dos problemas que envolvem a produção agropecuária. Os colegas poderão colaborar comigo, mas a mim parece que hoje a equipe técnica da COTRIJUI tem consciência desses problemas, procura na sua assistência técnica fazer com que o agricultor se conscientize também para esses problemas, a fim de que nós, na realidade possamos mudar o rumo dos caminhos que estamos seguindo. Entretanto nos parece difícil esse trabalho se não tiverem consciência dos próprios dirigentes do país. As linhas de crédito provém de lá, enfim tudo está sendo centralizado nos órgãos e planos do governo. E se esses planos não estiverem voltados para o abastecimento do mercado interno, se não houver linhas de crédito voltadas à produção agrícola e pecuária destinada a melhor alimentar a população, dificilmente conseguiremos atingir nosso objetivo a curto prazo. Porque o objetivo de hoje é financiar máquina, insumos e culturas de exportação e não o mercado interno.

HÉLIO — Também acredito que de um modo geral, os técnicos a serviço das cooperativas estão conscientizados dessa situação, e são os que no contexto geral ainda têm algumas condições de agirem nessa área. Se bem que acredito que muitos dos técnicos não ligados a cooperativas, vêm a situação pelo mesmo ângulo, mas em função da característica de seu trabalho, muitas vezes ligados a grupos internacionais ou coisa semelhante, faz com que silenciem ou não tomem uma maior decisão nessa área. Por outro lado, o técnico de um modo geral, agindo no seu dia-a-dia de trabalho, ele tem muito mais ação na consequência do que na causa, conforme o colega Renato já falou. Enfatizo também a necessidade de atingirmos as causas do problema, enquanto o técnico a nível geral, está mais ligado em funções já estabelecidas das consequências.

PARENTI — Já se disse que o preparo das equipes das cooperativas é melhor em termos globais. Nós somos abordados diariamente por representantes de firmas, onde esse pessoal vem com um trabalho dirigido sobre seus produtos. E nós, como pertencentes ao departamento técnico de uma cooperativa, temos a função e a missão de filtrar essas informações e pegar o que é de interesse para o desenvolvimento de nosso trabalho. Porque as equipes das empresas multinacionais são bem preparadas e usam propaganda de massa para vender o que desejam. Daí importante destacar o trabalho que as cooperativas realizam, dando assistência técnica e também entregar os insumos com garantia para o seu quadro social.

SIDNEI — Gostaria de salientar que esse alto grau de conscientização dos técnicos, principalmente dos que atuam nas cooperativas, em particular na COTRIJUI, dos problemas regionais enfrentados pelos agricultores, tem estreita ligação com o trabalho desenvolvido pelo IEP — Instituto de Educação Permanente da FIDENE. O trabalho que esse instituto desenvolve foi de muita valia, principalmente para mim que vim de uma região completamente diferente, com outros problemas e com uma formação acadêmica completamente dirigida para interesses de grupos internacionais. Foi muito importante conhecer os problemas da região, para que a gente pudesse no dia a dia filtrar tudo aquilo que vem de cima para baixo e que muitas vezes não é do interesse da região, nem do Estado e muito menos de interesse do país.

ÊNIO — Vocês me desculpem mas vou discordar do pessoal um pouco, pois acho que o nosso técnico ainda não está altamente conscientizado do problema. Eu me lembro quando o Renato entrou na cooperativa. Não foi um nem dois que diziam que o trabalho dele era trabalho de louco, que nunca iria desenvolver (forrageiras). Quando entraram o Hélio e o Lauro (hortifrutigranjeiros) também muita gente duvidou do trabalho. Debate como esse que estamos tendo acho que devem sair mais vezes, porque abre mais a mentalidade do pessoal. Acho que concordam comigo de que altamente conscientizados os técnicos ainda não estão. Houve resistência, e até eu às vezes era levado a pensar: será que a pecuária de corte vai dar certo; será que vai dar certo o programa de hortifrutigranjeiros?

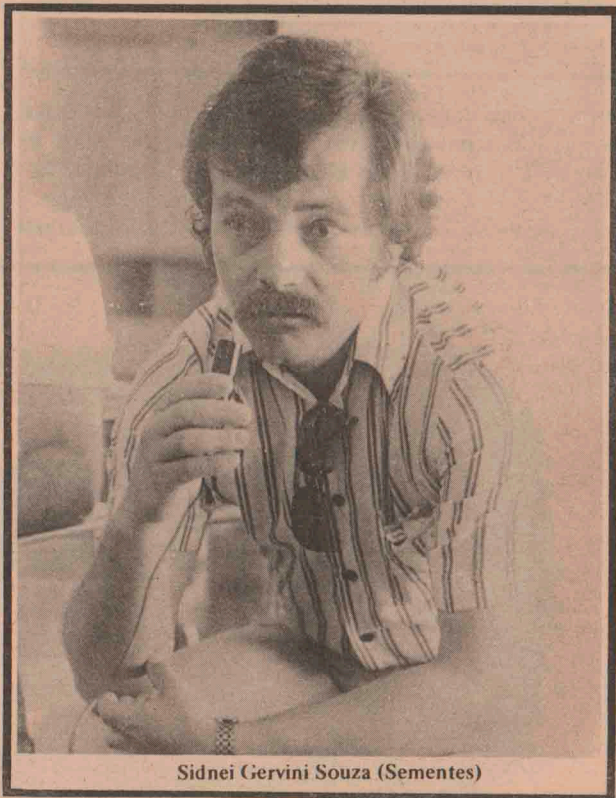
RENATO — Continuando o pensamento do Ênio, discordo dele pois dentro da COTRIJUI hoje existe uma consciência plena de que nós temos de reagir. Agora, quanto as outras cooperativas, pelos poucos encontros dos quais tenho participado, acho que o pessoal ainda es-



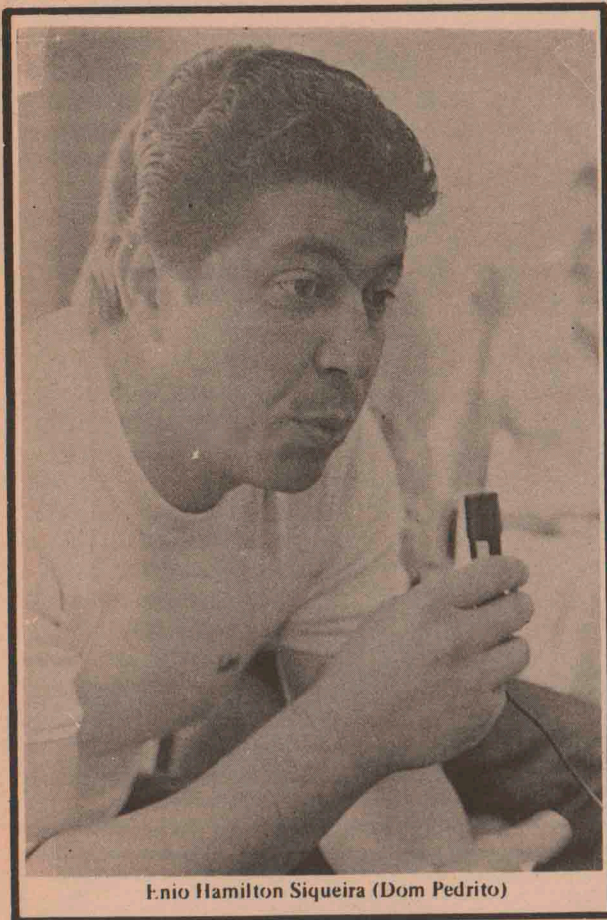
Alberto Parenti Filho (Ijuí)



Paulo R. Silva (Planejamento & Projetos)



Sidnei Gervini Souza (Sementes)



Enio Hamilton Siqueira (Dom Pedrito)



João Alves Teixeira (Veterinário)

tá um pouco confuso, pelo menos na maioria das cooperativas. Com relação a possibilidade de mudança, de reverter a situação eu também acho que é difícil. Nós que estamos vinculados à atividade diferente do trigo e soja, sentimos isso. Antes tínhamos uma propriedade

perfeitamente harmônica, e que acima de tudo gerava riquezas, porque vivia de uma produção de baixa aplicação de insumos, ou de nenhuma. Ou o que aplicava era gerado dentro da propriedade. De maneira que o que resultava dali era realmente uma riqueza. Riqueza de mão de obra e da própria fertilidade do solo. E hoje estamos numa agricultura que está se esvaziando e que não gera mais riquezas, ou seja, tudo o que o produtor tem que comprar é maior do que tudo o que ele tem para vender. Pena que não se tenha hoje dados atuais, mas em 1966/67, quando ocorreu o "rush" da soja, nessa região 77 por cento do capital circulante no Planalto Médio e Missões, era de bancos, enquanto que apenas 23 por cento pertencia aos produtores. Enquanto que na fronteira, numa atividade empírica, extrativa, entretanto harmônica, porque o proprietário não adquiria quase nada para produzir, esse produtor ainda manipulava cinquenta por cento do capital, que ainda era dele. Tanto é que lá, só agora é que o pessoal começa a arrendar e vender terra. Então ele resistiu. É que, na necessidade de aumentar os volumes de produção, porque aqui as terras desgastaram, levaram o agricultor até a fronteira, até o Mato Grosso, já está indo para o norte do Mato Grosso e até para o Amazonas. Até quando vamos continuar derrubando, queimando e ocupando novas áreas e produzindo abaixo de insumos. Porque lá eles produzem arroz sem adubo, só com máquinas, e até soja nessas mesmas condições. Enquanto que nós aqui, temos que produzir com uma tremenda inversão de insumos, o que realmente nos dá um saldo negativo. Acho que para mudar essa situação é bastante difícil e não conseguiremos isso com poder econômico, mas arregimentando pessoas, difundindo idéias, discutindo e pensando como estamos fazendo nesse momento.

UM CHOQUE QUE É INEVITÁVEL

COTRIJORNAL — Cooperativismo no Brasil não é considerado sistema econômico. É, no máximo, considerado um sub-sistema. E não raras vezes, até mesmo "tolerado", "consentido" apenas como uma instituição destinada apenas a produzir para que o grande sistema nacional — o capitalismo — absorva os melhores resultados dessa produção. Nossos técnicos, principalmente os agrônomos e veterinários, que muitas vezes são solicitados a opinar sobre economia, agindo como verdadeiros sociólogos rurais, como analisam essa realidade brasileira?

CLÓVIS — Eu colocaria nesse sentido que o sistema cooperativista no Brasil, está atendendo as necessidades de uma política de exportação, e enquanto atender esse objetivo terá apoio do governo. Mas no momento em que o cooperativismo mudar, não se tem certeza de obter esse apoio.

HÉLIO — De um modo geral, há uma grande preocupação com o produto, e muito menor preocupação com a origem da produção. Visualizando a nossa situação da produção de citros, vemos que o Brasil é o maior exportador de sucos concentrados de citros. Mas se fossemos verificar qual é a real situação de agregação de mão-de-obra, geração de empregos que temos por unidade de capital, nesse tipo de exploração atualmente vigente no país, eu acredito que seria bastante baixo ainda.

Por isso acredito que o sistema cooperativo pode participar nesses tipos de atividades modificando, entrando com outros critérios, observando melhor qual a origem do produto, e não só o produto em si. E tendo a precaução também de que a cooperativa não se torne apenas uma empresa de produção. Há uma tendência dentro de uma economia de mercado, que as cooperativas se tornem meras empresas de produção e que o produtor seja um simples integrador dentro do processo. Uma cooperativa onde o quadro técnico, a direção executiva estiverem voltados para o real interesse do produtor e necessidade da população que não só produz mas também consome, ela então pode atingir seus objetivos.

PAULO — Entendo que o cooperativismo choca frontalmente com o sistema capitalista no Brasil. Enquanto o cooperativismo atender os interesses capitalistas, nós vamos ter apoio. Na medida que o cooperativismo cumprir rigorosamente a filosofia que o rege, nós vamos entrar em choque. Aí então deveremos nos posicionar. Até que ponto nós, técnicos, poderemos trocar as regras do jogo? Enquanto o sistema for capitalista, será que nossa atitude não significa dar socos em ponta de faca? Eu ainda não encontrei resposta para essa questão.

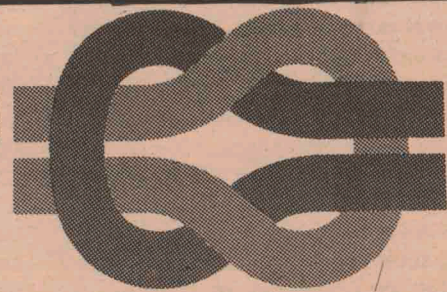
RENATO — Eu não tenho a resposta, mas alinharia algumas coisas que quem sabe tenham efeito maior do que outras tentativas já buscadas no país e que se basearam exclusivamente em pessoas teóricas, pessoas de livro. Eu acredito que só se muda quando há contestação e quando há choque. Se evitarmos os choques, jamais iremos mudar coisa alguma. E que tipo de choque nos temos que por em prática para mudar? É o choque levado na prática, no sentimento. Enquanto que as pessoas que até hoje tentaram, o fizeram simplesmente no campo teórico, sem conhecer a realidade brasileira. Ao contrário disso, nós estamos participando de um debate onde se busca teorizar aquilo que praticamos dia a dia. Sem dúvida, a partir disso, podemos mudar. Mas essa mudança será lenta, e o choque brando a ponto de não desequilibrar o país e evitar problemas sociais. Acredito que seja possível e que essa mudança está nas nossas mãos. Pela prática das teorias, e não simplesmente pela teoria que muitos levaram.

RONALDO — A partir do momento que o cooperativismo arregimentar forças, em função de criarmos estrutura de campo e produção na diversificação, a estrutura de comércio, por si só ele poderá com o tempo conseguir seus objetivos. Um exemplo nosso é a CCGL — central de leite e agora também a parte de hortifrutigranjeiros. Se não criarmos mercado que garanta para o cooperado a colocação do produto, daí fica difícil.

PAULO — É mister que se crie formas, alternativas de luta contra o sistema vigente. E uma dessas formas que estamos iniciando já a fazer, devido ao fruto de várias discussões, é sem dúvida nenhuma capitalização. Porque entendemos que através da capitalização é que poderemos reunir forças para a luta. E o choque, como colocou o Renato, será inevitável. Acreditamos ser o cooperativismo o sistema que mais se adequa ao nosso povo.

NEDY — Nós enfatizaríamos que hoje, no Brasil, a grande vantagem do modelo econômico ou sistema econômico, está com os bancos. O resto está na dependência disso. Hoje vemos bancos obtendo lucros fabulosos e todos os outros setores, principalmente o produtor, na miséria, na dependência desses órgãos financeiros. Nos Estados Unidos foi feita uma pesquisa em 1965, cujos resultados financeiros foram os seguintes: do capital inves-

Mais que um grupo,
um ideal.



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.

tido o agricultor recebia 11 por cento; os comerciantes de insumos, recebiam 35 por cento e os armazenadores, transportadores e industriais, 54 por cento. Convém fazer uma comparação com o produtor americano daquela época com o nosso produtor, hoje. E enquanto o cooperativismo não tiver recursos para ter um banco próprio e respaldar os cooperados, nós sempre estaremos gerando recursos e entregando ao órgão financiador.

RENATO — Foi falado muito em capital, e se constitui de fato em ítem fundamental. Mas faço a pergunta: é o capital a primeira coisa que devemos buscar? Esse capital na mão das pessoas que estão assumindo o cooperativismo hoje será aplicado dentro das idéias do cooperativismo? Ou será jogado fora. Será que não devemos procurar primeiro as idéias, ou pelo menos concomitantemente? Poderíamos citar uma série de diretores completamente desvirtuados, prostituídos, que estão definindo o cooperativismo. Estão surgindo as centrais, que deveriam estar nas nossas mãos, sob nosso controle. Por isso sempre contesto quando se pensa em capital, embora acredite que sem capital não vamos mudar nada. É preciso juntar a este o afinamento de idéias. Todo mundo ainda pensa que plantar com herbicida dá status. Começamos a marchar na grande fase do arroz no Rio Grande do Sul. O camarada que não possuía um jeep naquela época, ou uma rural, não era plantador de arroz.

INTERMEDIÁRIO O GRANDE PROBLEMA

COTRIJORNAL — É tradição que na empresa privada, desde seus dirigentes executivos até os mais modestos funcionários, acreditem na eficácia da livre iniciativa e a defendam. Parece ser chegada a hora de nos questionarmos se nós acreditamos sinceramente no cooperativismo como sistema econômico válido e se estamos dispostos a nos empenhar a fundo para que sua filosofia alcance cada vez um maior número de pessoas.

CLÓVIS — No que diz respeito aos técnicos de cooperativas, acho que realmente acreditam. O que desvirtua é que dirigentes, as vezes, procedem como se estivessem à frente de sociedades anônimas, confundindo sociedade de pessoas com sociedade puramente de capital. E no momento em que tais pessoas assumem direção de cooperativas, colocam em perigo todo o trabalho consciente do grande grupo. É necessário pois que a cada momento mais e mais pessoas se conscientizem da validade do cooperativismo como sistema econômico.

NEDY — Há pouco tempo tivemos aqui no Estado, em Porto Alegre, um congresso de cooperativas, onde se tomou conhecimento de que as cooperativas de produção, ao invés de venderem seus produtos para cooperativas de consumo, estavam vendendo para empresas multinacionais e as cooperativas de consumo comprando dessas mesmas multinacionais. Enfim, nos vários setores de atividades precisaria haver uma integração mais vertical entre as cooperativas, formando um círculo e procurando se defender daqueles que hoje atacam as cooperativas. Imaginem agora com a instalação do Makro em Porto Alegre, e outros que estão para serem instalados. Como é que fica, não só o cooperativismo na área de fornecimento de bens de consumo, mas também os próprios supermercados, a iniciava privada estabelecida. O Makro já anuncia que vai vender abaixo do custo. Como é que vão subsistir os demais?

COTRIJORNAL — Porque alguém antes investiu, formou mercado e, é óbvio, buscou compensação ven-

dendo acima do custo. Agora, o Makro encontra o mercado pronto, vende abaixo do custo, os demais supermercados fecham as portas e ele fica hegemônico. Claro, daí os preços não serão mais nem de custo, mas escorchantes.

NEDY — Na realidade, como disse o repórter do COTRIJORNAL, a cooperativa precisa fechar essa lacuna existente entre o produtor e o consumidor, eliminar o intermediário.

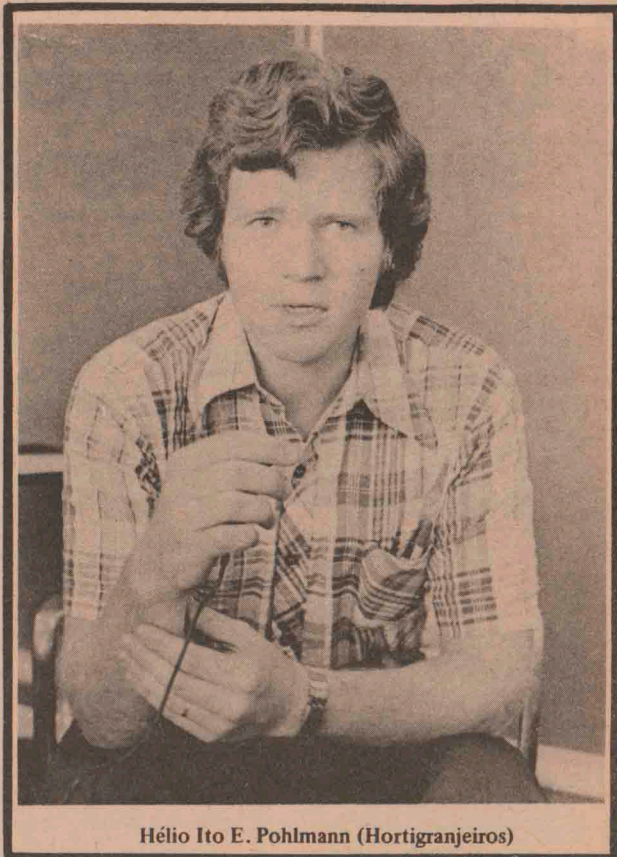
PAULO — É, e uma das coisas difíceis de se conseguir é a integração do produtor com o consumidor. Mas é esse o único caminho.

NEDY — Eu voltaria a citar aqui casos de entidades que hoje procuram viabilizar as suas organizações, as suas indústrias às custas das cooperativas e dos produtores, quando deveriam fortalecer tanto o produtor quanto as cooperativas. Em compensação, constroem a sua indústria de óleo, a sua indústria de inseticidas, o seu setor de transportes. Evidentemente, agindo assim, estão querendo apenas que as cooperativas sejam alimentadoras dessas indústrias. Não têm consciência de que tem de viabilizar as cooperativas.

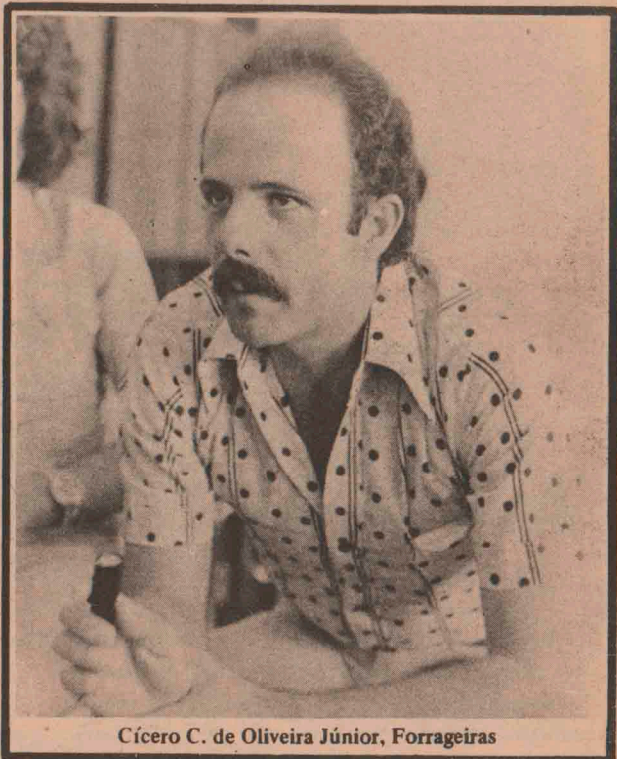
PAULO — No meu entender, o que falta para esse pessoal é maior capacitação técnico-administrativa. Quais são os órgãos hoje que se preocupam em dar uma visão cooperativista. Nós hoje só temos escolas para formar elementos para um sistema de economia de mercado. O que falta ainda são instituições que têm uma visão mais cooperativista. Hoje as próprias cooperativas contratam elementos vindos de outras áreas, já viciados, e que só então começarão a conhecer a doutrina cooperativista.

COTRIJORNAL — Essa falta de consciência pode ser caracterizada pelo seguinte fato. O cidadão entra numa drogaria e compra, digamos um tubo de pasta dentífrica. Pede do tamanho gigante, porque a propaganda diz que é mais econômico e barato. É um pacote grande. O consumidor abre o pacote, a caixa. E tira a bisnaga, que já reduz em um terço o seu tamanho em proporção à embalagem. Aí ele faz pressão na parte inferior do tubo, e constata que perde mais um terço. Na realidade, ele comprou a metade do volume que visualmente lhe foi oferecido. Como é que nós reagimos diante desse fato. Muito naturalmente, nem ligamos. Achamos justo, natural. E por que? Por que nós nos criamos numa filosofia de vida de um regime capitalista. Suponhamos esse mesmo cidadão, o que comprou a pasta de dente, entrando numa cooperativa para comprar um produto qualquer. Se por uma razão ou outra ele não foi bem atendido, ou achou que foi lesado, ele culpa o sistema cooperativista, se revolta contra o sistema. Mas no caso da bisnaga, ele não culpa o capitalismo, pois durante séculos e séculos somos doutrinados para o sistema capitalista, uma sociedade de consumo.

CÍCERO — Nós técnicos de cooperativas, e na COTRIJUI mais especificamente, necessitamos que a conscientização aumente no âmbito do quadro social. Existem produtores que chegam ao ponto de obrigar os técnicos a reformular certas atitudes. Por exemplo, um associado que o técnico conhece dentro da unidade, e que não está agindo bem, ou agiu de uma forma errada. Quando ele quer fugir da orientação dada anteriormente, o técnico se recusa ter participação nesse procedimento. Mas posteriormente é obrigado a aceitar essa atitude em vista de interesses superiores, porém maiores, as vezes dentro da própria cooperativa em que atua. Então os técnicos ficam totalmente desmoralizados. Em compensação, o bom associado, que é cooperativista, ele as vezes não estando dentro do esquema traçado para o trabalho, ele não é aceito. Quando outros, mesmo não sendo cogitados, integram o plano.



Hélio Ito E. Pohlmann (Hortigranjeiros)



Cícero C. de Oliveira Júnior, Forrageiras



Celestino Dal Molin (Tenente Portela)

NOVOS HORÁRIOS PARA LOJAS E SUPERMERCADOS

Procurando oferecer melhores condições de compras aos associados e funcionários, as lojas e supermercados da COTRIJUI estão adotando novos horários de funcionamento. Damos a seguir os novos horários de atendimento ao público.

LOJA — Ijuí — de segundas a sextas-feiras, das 7,30 às 12,00 e das 13,45 às 18,30 hs; sábados, das 7,45 às 12,00 hs.

SUPERMERCADOS e expedição de Ijuí, lojas e supermercados das unidades de Santo Augusto, Tenente Portela, Ajuricaba, Chiapetta e Coronel Bicaco: de segundas à sextas-feiras, das 7,30 às 12,00 hs, e das 13,45 às 19,00 hs; aos sábados, das 7,30 às 12,00 hs.

Nas demais unidades abastecedoras, vigora o horário das 7,30 às 12,00 e das 13,45 às 18,00 hs de segundas à sextas-feiras e das 7,45 ao meio dia aos sábados.

ATENDIMENTO ESCRITÓRIOS

Damos a seguir, o horário de expediente na cooperativa, para atendimento aos srs. associados (escritório, insumos, tesouraria e cartão).

Segundas à sextas-feiras: Manhã, das 7,15 às 12,00 hs; tarde, das 13,30 às 18,20 hs; aos sábados, livre, ou seja, não será dado expediente.

DIFERENTES FUNÇÕES DE NOSSOS DENTES

E. Carlan



É chocante e feio, para todos, a visão de uma boca com falta de dentes ou com dentes quebrados, escuros e cariados. Como também é repugnante, para todos e em especial para aquelas pessoas mais íntimas, o odor e o mau cheiro, halitôze, exalado por boca que tenha inflamações, dentes cariados, dentes fraturados e "restos" de raízes. Não está muito longe o tempo em que se caracterizava o cabôclo, o agricultor e o gaúcho sempre com falta de dentes cariados ou com imponentes corôas de ouro. Nós mesmo auxiliamos na caracterização de pessoas, para festas tradicionais, colocando nas mesmas, dentes provisórios em ouro. E, o mais importante de tudo isto, é que, na maioria das vezes a própria pessoa não se dá conta de quanto lhe é desfavorável o aspecto da boca mal cuidada e a halitôze, pois vai, quase sempre, se habituando com o próprio aspecto feio e com o mau cheiro exalado da própria boca, sem se dar conta de que as demais pessoas não pensam da mesma maneira e muitas vezes exitam a aproximação. Atualmente as coisas estão mudadas. Ninguém mais se anima sorrir despreocupadamente se a dentadura não estiver perfeita. Ninguém mais concebe fazer uma fotografia sorrindo se este sorriso não apresentar arcadas dentárias perfeitas e bonitas, nem mesmo os homens ou o cabôclo. Todaquerem ter hálito agradável e sadio não somente para aquelas ocasiões mais especiais de festas ou de encontro com amigos e namorados. Enfim beleza é harmonia, e beleza harmônica do riso só se concebe com dentes

belos e boca sadia. Está aí uma das funções mais importantes dos dentes: embelezar e contribuir para a convivência a dois ou em grupo, em sociedade; estética e relacionamento. Todos nós já passamos pela experiência, ao menos na época, na idade, em que começamos trocar nossos dentes de "leite" pelos dentes permanentes da segunda dentição, da falta de um ou mais dentes, e muitos devem ter tido esta experiência já com dentes permanentes; então é fácil lembrar das dificuldades que temos quando nos falta um ou mais dentes, principalmente quando se trata dos dentes anteriores, aqueles que mais aparecem quando falamos ou sorrimos. Quando falta algum destes dentes temos grande dificuldade para falar, para articular as palavras, para a formação de determinados sons. É isso mesmo, se nos faltar um ou mais dentes, não conseguimos falar corretamente, não nos comunicamos com desembaraço e naturalidade. É outra importante função dos dentes: fonação e comunicação. Estética, fonação, comunicação, e relacionamento, funções para as quais é imprescindível boca bela e sadia. Qualquer destas funções que esteja prejudicada, pode acarretar para a pessoa distúrbios psíquicos de relativa gravidade. É pois função também do dentista prevenir ou corrigir estes distúrbios para que todos se harmonizem consigo próprios e tenham as melhores condições de integração do grupo e conseqüentemente na sociedade. As diferentes funções dos dentes serão abordados nas próximas edições.

NOCIVIDADE DO FUMO

Dr. João C. Roessler, médico-chefe do Centro de Saúde de Cruz Alta

O hábito de fumar se expandiu grandemente desde a 1a. Guerra Mundial. Esse fenômeno social universal, hoje vem ocupando a atenção de governos, órgãos internacionais de saúde, médicos e educadores.

Não restam dúvidas sobre os prejuízos causados à saúde pelo uso de tabaco. Há unânime acordo, através de experimentos clínicos e epidemiológicos, de que o fumo é o responsável pelo aumento da prevalência do câncer do pulmão, da bronquite crônica, do enfisema pulmonar, além de outras doenças como das coronárias, e pressão arterial, úlcera do estômago e duodeno, câncer da boca, da bexiga etc. Conseqüentemente os fumantes sofrem de mortalidade global mais precoce, maior, do que os não fumantes.

Nas gestantes está provado que o fumo é causador de maior incidência de aborto, prematuros, natimortos e mortalidade neonatal.

Todas essas causas adversas do tabaco, causando grande morbidade, grande número de faltas ao trabalho, invalidez, (especialmente em casos de Bronquite Crônica e Enfisema Pulmonar) tornam o vício do fumo um grande problema de saúde pública.

A fumaça do cigarro é uma mistura de várias substâncias nocivas, sendo principalmente a nicotina (responsável pelo vício de fumar) alcatrão que é cancerígeno e irritante da mucosa das vias respiratórias, e portanto responsável pela Bronquite e Enfisema, o monóxido de carbono, que não é em nada afetado pelos filtros dos cigarros e que tem a propriedade de agravar às doenças cardíacas e coronarianas pré-existentes.

Hoje em dia se fala muito em poluição. Quase sempre se culpa a poluição atmosférica especialmente, por muitas coisas ruins que acontecem, mas se fala do assunto com pouco conhecimento e muito emocionalmente.

A verdade é que dentro dos atuais conhecimentos científicos e nos níveis de poluição conhecidos, a poluição do ar não é a maior culpada pelo apare-



cimento de doenças respiratórias. É certo que a poluição atmosférica piora casos de doenças Bronco-Pulmonar pré-existentes. A maior incidência de doenças, tais como o Enfisema, a Bronquite são devidas a intensa poluição pessoal, a auto-poluição pelo cigarro.

Sabe-se também que se há 40 anos havia 20 vezes mais casos de câncer do pulmão em homens que em mulheres, hoje em dia essa proporção é de cerca de dois para um, devido ao fato de que as mulheres fumam hoje tanto quanto os homens. O mesmo está acontecendo com a Bronquite e o Enfisema.

A maioria das pessoas que deixam de fumar o fazem demasiadamente tarde, quando seus sintomas são bastante acentuados. Está comprovado que a propagação contra o fumo, nas escolas, televisão e cartazes surte muito pouco efeito. Mesmo a elevação dos impostos sobre o cigarro, proibição de fumar em público, resultam em poucos efeitos práticos. Parece-me que o caminho que indústria e governo seguirão será fabricar cigarros com o menor conteúdo de alcatrão e monóxido de carbono, e um nível pouco menor de nicotina (sem nicotina ninguém quer o cigarro e as indústrias querem vender cigarros) junto com campanhas de Educação Pública de fumar mais moderadamente. Se a satisfação de fumar tais cigarros será aceitavelmente alta e os riscos para a saúde aceitavelmente baixos, só o futuro dirá. Publicado originalmente no "Diário Serrano", de Cruz Alta.

MINHA EXPERIÊNCIA NO COTRIJORNAL

(Quinto e último artigo de uma série)

Raul QUEVEDO

No artigo anterior desta série, dissemos que o cooperativismo, como elemento de comunicação social, está na essência do próprio sistema, pois os associados formam uma comunidade de pessoas que defendem os mesmos princípios éticos e solidarizam-se numa mesma filosofia de ação conjuntural e de trabalho.

Ocorre, no entanto, que não é suficiente ao sistema praticar um relacionamento ético e viver dentro de sadios princípios morais, se essas virtudes não chegarem até a compreensão da totalidade ou pelo menos a um elevado número de seus membros.

As vezes basta uma decisão incompreendida, a difusão de uma mensagem mal interpretada, para que todo um trabalho de divulgação de princípios vá por águas abaixo.

Aliás, a esse respeito a COTRIJUI viveu experiência realmente significativa nos tempos que precederam a fundação do COTRIJORNAL. Por volta de julho ou agosto de 1973 o então presidente Nixon, dos Estados Unidos, cancelou o embarque de milhares de toneladas de soja vendida para a Rússia. Esse embargo, que representou uma quebra de compromissos inédita em termos de mercado internacional, imposto pelo maior produtor mundial a um grande importador de soja, causou uma revolução no mercado do produto. Como consequência imediata, o preço da soja foi aos céus. Basta dizer que de uma média de 70 cruzeiros a saca, nos dias imediatos que procederam a decisão do sr. Nixon, o produto chegou a alcançar a cifra de 140 cruzeiros, ou seja o dobro.

Coincidiu que naquela safra a COTRIJUI havia adotado o método de comercialização Preço Médio e Preço do Dia para a soja. Ocorreu então que quem entregou o produto na cooperativa para liquidar pelo sistema Preço do Dia, e ainda não tendo liquidado, obteve altos lucros. O contrário aconteceu com os que entregaram para comercialização ao Preço Médio. Por uma questão de mecânica de comercialização, a cooperativa já havia vendido a soja Preço Médio, pois neces-

sitava formar média de preços no mercado internacional para cumprir os compromissos locais.

O que houve? A COTRIJUI criou um sistema de comercialização novo, com mecânica de comercialização perfeita, mas não teve a previdência de popularizar o sistema através de uma boa campanha de esclarecimento aos seus associados, ao seu público. Então aconteceu o seguinte: assim que os produtores Preço-Médio tomaram conhecimento da escalada dos preços no mercado internacional, e deve-se acrescentar que na época mal se começava a falar em Bolsa de Chicago (é quem estabelece os preços da soja no mundo), estes produtores revoltaram-se contra a sua cooperativa.

Foi quando se chegou a conclusão que o produtor associado deve ser informado, esclarecido, orientado, e até mesmo, se for possível, dirigido culturalmente. E não há mal nenhum que se confesse de público essa intenção. O que faz o sistema econômico liberal-capitalista, há séculos, se não é doutrinar a humanidade para o que ele qualifica de "vantagens da livre iniciativa"? E apesar desse argumento não corresponder em absoluto a realidade, todos nós, menos por convicção do que por hábito consagrado, nem ao menos chegamos a contestar.

O COTRIJORNAL começou a circular (julho de 1973) em meio a um período de crise social que afetava a cooperativa. Quer dizer, o jornal começava a ser conhecido quando os ânimos ainda estavam exaltados entre aqueles associados que se julgaram prejudicados ao receberem menos do que seus colegas do Preço do Dia. Sem dúvida, não poderia haver melhor teste para o veículo de comunicação social que inaugurava a era do jornalismo cooperativo no Brasil.

Vejamos agora como o COTRIJORNAL fez uso do seu espaço tendo em vista um público definido com uma tendência sócio-vivencial e econômica, semelhantes. Era preciso nascer e viver dentro de parâmetros definidos como de alto sentido ético e moral. O pressu-

posto era que o jornal adotasse uma linha editorial de princípios, com o objetivo de focalizar o cooperativismo como sistema econômico válido. Consciente que o cooperativismo no Brasil é apenas consentido, tolerado; a editoria chegou a conclusão tácita que a linguagem a ser usada pelo jornal seria aquela que expressasse tons reivindicatórios e verberasse em termos críticos tendo em vista a busca honesta de soluções gerais para problemas globais e não apenas a preocupação com problemas locais ou nominais. Essa linguagem, exposta às vezes em tom ácido de crítica mordaz, mantém-se, praticamente, desde as primeiras edições.

Um jornalismo profissional caracterizado por linha de alto nível, deve ter sempre presente que as colunas de notícias pertencem ao leitor, enquanto as colunas editoriais, ao editor. Na verdade, tudo pertence ao editor. Mas é claro que em matéria de informação o editor pode ceder, temporizar, anuir. O que não pode fazer, sob qualquer hipótese, é ceder, temporizar, anuir, nos espaços destinados à formação geral. Alií, onde se define a linha editorial, espaço nobre por excelência não só em seu sentido físico mas doutrinário, tem de prevalecer sempre a expressão de seu próprio editor. É claro que falamos aqui de jornal de bom estofamento intelectual. Pois é nesse contexto que o jornal de cooperativa deve enquadrar-se. Já disse em artigo desta série, que agora chega ao fim, que o jornal de cooperativa não deve se constituir nunca no órgão preocupado a fazer propaganda do cooperativismo, mas sim no veículo voltado para os problemas do próprio cooperativismo. Essa a tônica determinante do jornal representativo de uma cooperativa. E se tal objetivo for conseguido, todos estaremos regamente pagos. Pois é do engrandecimento do homem do campo que vai depender o conseqüente crescimento e a consolidação sócio-econômica e filosófica do cooperativismo como sistema econômico válido; mola propulsora do desenvolvimento geral e opção para pequenos e médios produtores rurais.

GRANDEZA MAÇÔNICA DE UM BRASILEIRO NA INGLATERRA

O COTRIJORNAL tem focalizado com relativa frequência, a figura de Hipólito José da Costa, fundador da imprensa brasileira. Há uma razão especial para isso. É que Hipólito, o Patrono, foi também o primeiro jornalista agrícola em língua portuguesa: Seu livro, "Diário de minha viagem a Filadélfia", é mais um atestado dessa primazia. E o COTRIJORNAL, por um princípio de lógica, dispensa muito carinho a tudo o que se refere a agricultura.

Mas aqui não vamos falar do jornalista Hipólito; mas do Hipólito maçom. Ele viveu na Inglaterra do rei Georg III e de seu irmão, o duque de Sussex, grão mestre da Grande Loja inglesa, o fausto da maçonaria.

Apesar de estrangeiro, foi dos mais cultos e prestigiados membros da Ordem no país onde ela é mais venerada em todo o mundo. Até os dias de hoje, o rei da Inglaterra é grão mestre de honra da Maçonaria inglesa. E em sua época, tal foi o prestígio de Hipólito na venerável Ordem, que chegou a ser examinador do próprio Duque de Sussex, entre outros títulos de elevada honra.

Segundo documentos existentes na Biblioteca-Museu da "United Grand Lodge of England", de Londres, o brasileiro Hipólito José da Costa desempenhou os seguintes principais cargos naquela ilustre instituição: membro participante da Loja das Nove Musas em 1807; membro participante da Loja da Antiguidade em 1808, sendo mestre ativo entre 1812 e 1813. Indicado grão mestre provincial de Rutland em 1813, cargo que desempenhou até sua morte, ocorrida em 1823. Em 1814 foi indicado membro adicional da Loja de Reconciliação. Em 1819 foi indicado presidente da junta de finanças da Grande Loja Unida da Inglaterra, onde permaneceu até sua morte. Essa participação aconteceu no grau simbólico de obreiro.

Já nos graus filosóficos, chamados na Inglaterra, Arco Real, vejamos a sua ascensão: em 1809 foi compromissado como maçom do Arco Real em um capítulo de St. James. Em 1810, atuou como um dos examinadores do Duque de Sussex na eleição do Duque como Primeiro Grande Dirigente do Grande Capítulo do Arco Real. Nesse mesmo ano, foi indicado como grão hóspede assistente de Grande Capítulo Real. No ano seguinte, 1811, foi indicado como grão escritor (N) do Grande Capítulo do mesmo Arco Real. Foi reconduzido ao mesmo cargo em 1812, quando acumulou com a atividade de grão registrador para correspondência estrangeira no mesmo Capítulo.

Em 1817 foi indicado grão escritor (E) para correspondência estrangeira, do Supremo Grande Capítulo da Inglaterra.

Oportunamente voltaremos a apresentar traços biográficos desse inolvidável vulto da história da nossa pátria, quando também discutiremos na página de história sobre a vida e obra de seu grande amigo, o Duque de Sussex.



Hipólito da Costa, patrono do jornalismo brasileiro, com as insígnias do grau de Mestre Maçon na Inglaterra, retrato em 1811.



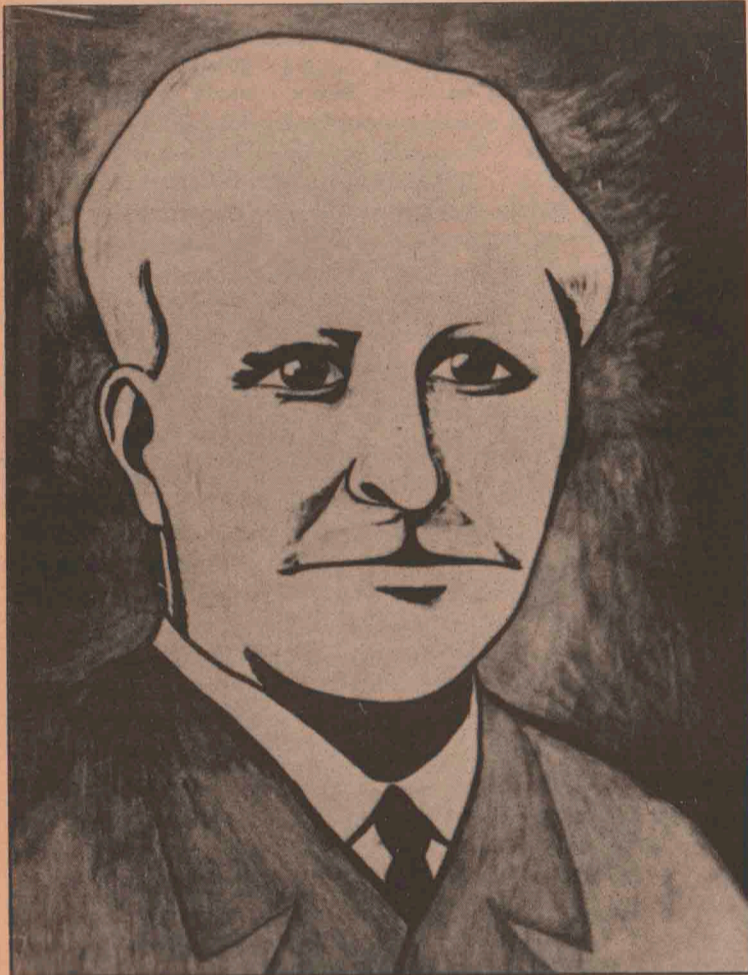
COTRIEXPORT
Corretora de Seguros Ltda.

**CONSULTORIA
TÉCNICA**

**ASSESSORIA
ADMINISTRAÇÃO
CORRETORA**

Em Ijuí, Rua das Chácaras,
1513 - Fones: 332-1800,
332-2599 e 332-1350
Em Porto Alegre, Rua Cel.
Vicente, 561 -
Fone: 25.83.88.

DOUTOR ASSIS BRASIL, UM DIPLOMATA-AGRICULTOR



Jovem estudante do 1º ano de Técnicas Agrícolas do IMERAB, de Ijuí, Odilon Beilner, desenhou o retrato do patrono de seu colégio, o dr. Assis Brasil.

No dia 24 do corrente mês estará fazendo 40 anos que faleceu o dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, um jurista e diplomata que chegou a fazer sucesso nas cortes da Europa; culto, polido e extremamente educado, mas que só sentia-se realmente bem, em pleno campo. Nem em Paris, a então chamada Cidade Luz, conseguia esquecer o campo. Tanto que em 1895, mal ingressado na vida diplomática, fundou com alguns compatriotas a Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura, entidade que prestou grandes serviços a agropecuária nacional, remetendo sementes e animais para o Brasil. No setor cultural, igualmente a entidade assistida francesa prestou reais serviços, inclusive editando livros técnicos, dentre eles a excepcional obra do próprio Assis Brasil, "Cultura dos Campos", cognominada a bíblia rural, que teve três edições num total de 37 mil volumes e que fez época no Brasil.

O dr. J. F. de Assis Brasil nasceu a 29 de julho de 1857 na estância São Gonçalo, município de São Gabriel, falecendo aos 81 anos de idade, a 24 de dezembro de 1938 em sua estância de Pedras Altas, município de Pinheiro Machado, onde está erguido seu castelo estilo inglês em plena campanha gaúcha.

Era filho do fazendeiro Francisco de Assis Brasil e de dona Joaquina de Assis Brasil, de famílias tradicionais de pecuaristas com fazendas em São Gabriel, Alegrete e Rosário do Sul. Após ter cursado o primário em São Gabriel prosseguiu os estudos em Pelotas, de onde seguiu para São Paulo, a fim de ingressar na Faculdade de Direito, a famosa Arcadas, do Largo do São Francisco.

Formado em 1882, junto com vários colegas também gaúchos, empenhou-se em militância política sendo ativo defensor dos ideais republicanos, elegendo-se deputado estadual nos pleitos de 1884 e 1887. A política, tanto quanto a diplomacia e a agropecuária, estavam na gênese do seu sangue. Tudo o que fez na vida teve essa conotação em forma de trindade: diplomacia, política, campesinato. Parece, no entanto, que mais do que tudo na vida amou o próprio campo. Era para o hinterland gaúcho, para as planícies pampeanas que endereçava o pensamento saudosos da terra distante, quando folgava dos compromissos diplomáticos em pátrias européias.

Verdadeiro sociólogo ru-

ral, talvez dos primeiros brasileiros a analisar o campo em termos de análise sócio-econômica global, foi precisamente de Paris que ele manifestaria toda a sua crença nos valores eternos do agro, e também condenaria a ignorância de muitos brasileiros em relação a esses mesmos valores.

Precisamente no dia que inaugurava a já referida Sociedade Brasileira para a Animação da Agricultura, a 10 de junho de 1895, proferia as palavras que transcrevemos a seguir. Essas palavras têm 83 anos. São, até hoje, um látego a vergastar nossas consciências, pelo simples fato de, em certo sentido, continuarem expressando uma realidade presente.

“Vejam os que disse em Paris, no distante 10 de junho de 1895 o saudoso J. F. de Assis Brasil, nosso diplomata-agricultor.

“Outro curioso fruto da ignorância do nosso homem do campo é uma espécie de consciência que ele tem da sua inferioridade, que o leva a considerar o seu ofício como um dos menos nobres. O estancieiro que tem filhos destina desde logo àqueles em quem observou maiores sinais de inteligência ao que ele chama — os estudos, guardando os que lhe parecem mais estúpidos para continuarem a sua rotina. Os tais estudos consistem na obtenção dos nossos incompletos preparatórios e depois nos cursos teóricos de medicina, de engenharia ou de direito. Quando volta a casa paterna, o novo letrado traz o espírito habilitado a considerar vil e desprezível a atividade do pai e irmãos que se ocupam de parar rodeio, bolear e domar, e vai meter-se na primeira cidadezinha, onde aumenta o número de desocupados que alimentam a intriga local, consagrando-se o funesto parasitismo que faz a nossa desgraça”.

“Coube a mim também o destino de meus patrícios; mas, como desde logo reagi contra o costume imperante, consagrando-me a aperfeiçoar e aumentar por processos inteligentes os bens que herdará dos seus maiores, não faltou quem desde logo me chamasse esquisito e excêntrico. Quantas acusações ferinas, quantos apodos engraçadíssimos valeu-me a dedicação com que sempre me ocupei do melhoramento da de-

caída indústria pastoril, à qual eu queria pagar uma dívida de gratidão, porque a ela devia desde a própria vida até as escassas letras que me abriram as portas da notoriedade”.

“Mesmo entre os correligionários com que trabalhava pela realização dum ideal político, não faltou quem me apostrofasse em tom de censura pela minha incorrigível mania de amar o campo, viver nele trabalhando, embora não divorciado dos livros. Não compreendiam como alguém podia amar o trabalho e aborrecer a rabulice. E, mais tarde, depois de feita a República, tendo-me chegado um momento em que não pude ser agradável a uns velhos companheiros que apoiaram a tentativa de Deodoro, disseram pelo seu jornal que eu acabaria doido, tanto assim que o meu prazer era viver entre vacas e cavalos. Ouvi dizer depois que quem isto escrevera era um positivista e tenente de engenharia. É que o fenômeno da bacharelise não domina só os advogados, mas a maioria dos nossos letrados. Poucos deles são homens positivos, embora muitos sejam positivistas”.

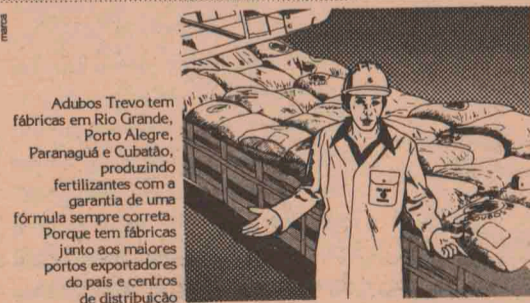
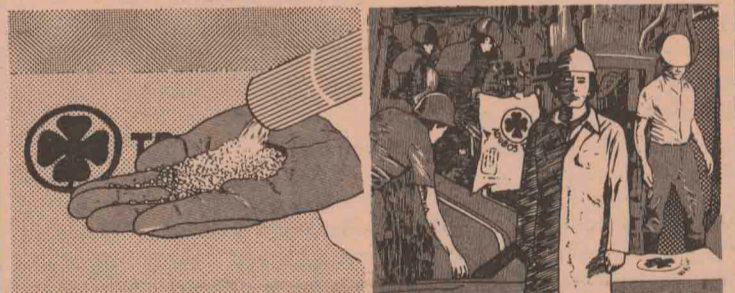
“Entretanto, não há meio mais digno do homem de espírito do que o campo, não há indústria que mais se concilie com o exercício da inteligência do que a da criação e da

agricultura. Em todos os povos cultos, a origem dos títulos de nobreza foi sempre a posse da terra, e ainda hoje as nações mais adiantadas conservam o mesmo critério”.

“Estive na Inglaterra, esse admirável monumento de aglomeração inteligente dos homens, e lá notei que nenhuma ocupação honrosa mais se estima do que a de fazer produzir a terra. O “speaker” da Câmara dos Comuns tem por cadeiras um saco de lã. O grande humanista Gladstone ocupa-se quando pode em plantar repolhos e rachar lenha. Nas exposições de gado gordo os maiores expositores são quase sempre a Rainha Vitória e o Príncipe de Gales. É adorável ver marcados os imensos bois obesos com cartazes que dizem: Engordado por Sua Graciosa Majestade a Rainha Vitória, engordado por Sua Alteza o Príncipe de Gales”.

O dr. Joaquim Francisco de Assis é o Patrono da Agricultura no Rio Grande do Sul, distinção conferida pela Secretaria da Agricultura, em ato público levado a efeito no Parque de Exposição de Esteio na Feira de 1977. Aqui em Ijuí funciona há muitos anos o tradicional IMERAB, Instituto Municipal de Educação Rural “Assis Brasil”, homenagem prestada pelo município a esse vulto da nossa história.

Adubos Trevo, há quase meio século à serviço da agricultura brasileira.



Adubos Trevo tem fábricas em Rio Grande, Porto Alegre, Paranaguá e Curitiba, produzindo fertilizantes com a garantia de uma fórmula sempre correta. Porque tem fábricas junto aos maiores portos exportadores do país e centros de distribuição

junto às principais áreas agrícolas, o Trevo garante uma vantagem extra aos nossos agricultores: os mesmos caminhões que levam as safras, podem voltar trazendo o fertilizante. Isso representa menos fretes e mais economia de custos.

ADUBOS TREVO
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Escritório Central: Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone: 25-5455 - Porto Alegre - RS

OS PROFISSIONAIS LIBERAIS E A MORTE

O nome é ginástica para executivos mas entre os frequentadores da academia de Paulão os executivos estão em minoria. A maioria é de profissionais liberais autônomos. Todos entre 40 e 50 anos, naquela faixa de idade em que o homem, subitamente, descobre a própria mortalidade e resolve que só o Cooper não adianta. Liberais, autônomos, sedentários e assustados. O Paulão sabe exatamente o que eles querem. Na primeira entrevista, com seu jeito expansivo de ex-remador do Flamengo, o Paulão dá um soco no ombro do novo pupilo e grita:

— Eu te conheço!
O outro massageia o ombro, meio sem graça.

— Eu não estou bem lembrado...
— Não, nunca nos vimos antes. Mas eu sei tudo sobre você. Conheço essa barriga. Você passa o dia inteiro sentado. Quando chega em casa não tem animo para nada. Nos fins de semana sai a passear de carro ou fica atirado na frente da televisão. Dieta irregular. Está bebendo demais. Muito cigarro. Tentou fazer Cooper mas não durou uma semana. Já passou dos 40 e acha que é preciso reagir antes que seja tarde. Por isso veio ao Paulão. Estou certo ou estou errado?

— Está certo. É isso mesmo.

Paulão dá uma gargalhada e outro soco no ombro do novo membro, que naquela noite não conseguirá mover os braços. Mas dormirá feliz. O sofrimento começou. E se dói é porque deve estar fazendo bem.

Paulão está perto do 50 mas tem um corpo de um atleta. É uma porta. Com a camiseta sempre bem esticada sobre o torax estufado, caminha entre as suas vítimas na hora da ginástica.

— Vamos lá, seus moles!
— Vamos sacudir as banhas.

— Isso aí não é traseiro, é reboque.

— Um, dois, um dois, Força! Estão pensando que isto aqui é o que, expressão corporal? Tem que fazer força.

Mesmo quando dá um descanso para a turma, Paulão não para de falar.

— Cada centímetro a mais na cintura é um ano a menos de vida.

E dá um soco na própria barriga.

— Olha aí. Uma táboa.

Os profissionais liberais, ofegantes, escorando-se nas paredes, olham para o Paulão com um misto de repulsa e adoração. Ele os redimirá pelo martírio. Purgará do seu corpo, gota a gota, cada gole de chope indevido, cada garrafa de gordura saturada, cada excesso indulgido. Paulão os salvará da morte nem que isto os mate.

Paulão gosta de marcar o ritmo das ginásticas com uma ladainha macabra. Grita:

— Cigarro!
E o grupo tem que berrear:

— Mata!
— Gordura!
— Mata!
— Indolência!
— Mata!
— Bebida!
— Mata!

No vestiário, antes ou depois das sessões, os profissionais liberais só tem um assunto. Não é mulher nem futebol.

— Amigo meu. Trinta e oito anos. Coração.
— Fulminante, é?
— Caiu na calçada. Trinta e oito anos.
— Puxa...
— Também, não se cuidava.

Um dia chegaram a aca-

Luis Fernando VERÍSSIMO

demia e a encontraram fechada. O que houve? Ninguém sabe. A recepcionista não está. Perguntam no bar ao lado.

O seu Paulão? Olha, não vi ele hoje. Ele sempre chega as seis da manhã, depois da sua corrida na praia. Passa por aqui, toma o seu copo de leite e vai para a academia. Mas hoje não apareceu.

— Coisa estranha.
— Talvez algum problema em casa.

— O Paulão é casado?
O dono do bar também não sabe. Pela cabeça de todo o grupo, ecoa a mesma frase:

— Mulher!

— Mata!

O grupo decide que o negócio é ir trabalhar porque hoje não tem ginástica. Dão outra olhada na porta da academia. Nisso chega a recepcionista. Tem os olhos vermelhos de quem esteve chorando.

— O que foi, dona Magali?

— O seu Paulão...
— Que que tem?

— Morreu esta madrugada. Coração.

Abre-se uma clareira de espanto. O Paulão!

— Me avisaram agora. Vim aqui buscar as coisas dele. Não sei, achei que ele gostaria de ser enterrado de adidas...

Ninguém do grupo consegue falar. Lentamente, em silêncio, os profissionais liberais derivam para o bar. Alinham-se contra o balcão. O dono do bar então pergunta se vão querer alguma coisa. Os profissionais liberais se entreolham. Finalmente, um deles diz:

— Me dá uma cerveja.

Outro pede um bolinho de bacalhau. Outro diz que não tomou nada de manhã e pede uma vitamina de abacate. Outro pergunta:

— Não se consegue umas batidinhas?

julgar por suas curiosas argumentações, um verdadeiro caos social. Já Rui Barbosa dissera que no Brasil era mais fácil mexer com o Estado do que com a família.

Muitos dos personagens deste último livro de Josué Guimarães — sem qualquer dúvida o escritor de mais prestígio no sul do Brasil e um dos mais representativos do atual momento literário brasileiro — demonstram, através de várias práticas algumas delas muito indecorosas, a validade deste rasgo de clareza de nossa figura jurídica mais incensada. Autoridades e chefes de família dos mais respeitáveis, tendo ao colo as frenéticas moçoilas da casa de Dona Anja, procuram resguardar a hora da instituição mais estável de que se tem notícia, deprimindo o ilustre senador que, com seu projeto, segundo eles, põe em risco a própria segurança nacional, ao permitir o divórcio. Para onde irá a família brasileira, com um senador tão atrevido?

Como se vê, depois de vários meses da aprovação do divórcio ainda não aconteceu nada do que temiam aqueles senhores. As outras nações tampouco entraram em decadência depois de instituir o divórcio. De modo que as argumentações desses senhores soam, no romance, tão falsas quanto a sua moral. Perspicaz como sempre, Josué vai, de páginas em páginas, construindo um imenso painel do caldo cultural da sociedade agrária brasileira, presa ainda a uma porção de hipocrisias, muitas delas incrustadas pelos nossos primeiros colonizadores. No ambiente específico do romance, as opiniões contrárias ao divórcio são falsas por outros motivos, porém. Não chegam a entrar no mérito mesmo da questão. Injunções jurídicas, ideológicas, políticas — todas elas são pratos de difícil digestão para os líderes da cidadezinha acampados na casa de Dona Anja. Eles estão preocupados com micuinhas.

como é que um deles, por exemplo, vai se explicar para uma das amantes, se antes da votação do projeto, convicto de que não seria aprovado, prometera casamento imediato, caso o divórcio fosse efetivamente autorizado? São ques-

tões deste tipo que preocupam aqueles respeitáveis senhores.

Infenso a todas essas cuidadosas observações, Atalbinha, filho de um grande plantador de trigo e soja, está a postos para usufruir, e mais que pode, as delícias de certos mistérios gozosos. O agricultor em questão, dizendo-se apoiado pelo crédito bancário, vai cobrindo as despesas do filho, orgulhoso do desempenho de seu rebento, e acreditando todos os seus bríos feitos ora ao exemplo paterno, ora ao exemplo do avô.

Não é a primeira vez em nossa literatura que a sociedade agrária brasileira aparece com cenário de romance. Outros grandes escritores lançaram mão do mesmo procedimento e de passagem podemos lembrar entre outros, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, todos eles escritores surgidos na década de trinta. Por haverem localizado suas histórias e temas na sociedade agrária nordestina, acabaram por ser qualificados como romancistas de trinta. E o romance de trinta, todo mundo sabe, é do nordeste. De modo que a vida das pequenas cidades semeadas pelo interior brasileiro mostrou-se sempre boa matéria para ficção. Nem faltou o exemplo de Érico Veríssimo, que fixa, como palco de muitos de seus romances, pequenas cidades do Rio Grande do Sul. O próprio Josué Guimarães havia tomado como tema principal de sua trilogia (ainda inacabada vez que falta o terceiro volume), denominada A FERRO E FOGO, a colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Temas bem brasileiros, personagens dos mais curiosos das últimas safras nacionais, narração divertida, linguagem fluente e escorreita e um enredo muito criativo estão à disposição dos leitores desses trópicos no último livro de Josué, cujo título completo é o seguinte: "História trágica e grotesca de uma cálida noite de junho que acabou por ferir de morte o conceito da casa respeitada de DONA ANJA e de suas pacientes e encantadoras meninas, contada com amor por Josué Guimarães e editada pela LPM".

JOSUÉ GUIMARÃES, OUTRA VEZ EM GRANDE ESTILO

Em Brasília, o Congresso Nacional está votando o projeto do senador Nelson Carneiro, que propõe o divórcio. Enquanto isso, numa pequena cidade do interior do sul do país, um grupo de autoridades acompanha, pelo rádio, a votação, torcendo, uns pela aprovação, outros pela rejeição

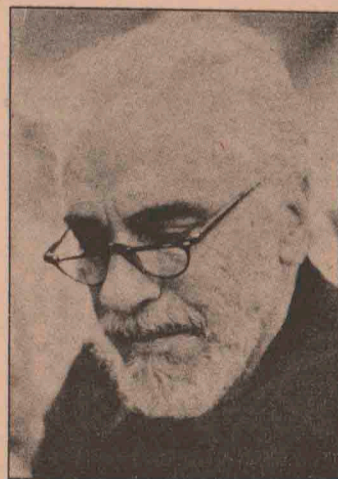
e outros ainda (ou serão outras?) estão na base do "quem ganhar, leva".

Até aqui, nada de novo. Tudo isso é apenas o pretexto para o escritor produzir mais um grande romance. Daqui pra frente a história se complica e se diferencia.

Acontece que as au-

toridades escolheram, para acompanhar a votação, a casa de Dona Anja e, entre bolinhas pelo varejo e atacado, defendem a moral, a família e outros valores que mais alto devem ser levantados. Segundo alguns deles, o divórcio acabará por desagregar a família brasileira, provocando, a

Deonísio da SILVA



Josué Guimarães

história trágica e grotesca de uma cálida noite de junho que acabou por ferir de morte o conceito da casa respeitada de

DONA ANJA

e de suas pacientes e encantadoras meninas, contada com amor por

JOSUÉ GUIMARÃES

e editada pela LPM

É FÁCIL CRIAR ABELHAS

Pedro KOLLAS (Secretário da A.A.I.)

Antes de pegar seus primeiros enxames é preciso aprender a lidar com as abelhas. Em primeiro lugar, nunca se deve trabalhar com as abelhas em dias ventosos, chuvosos ou frios. Para lidar nas abelhas deve-se escolher dias bem claros e ensolarados e de preferência trabalhar de manhã ou a tarde, das quatro horas até a parte da noite, isto é, se o apicultor tem abelhas muito agressivas. Nesse horário de manhã, a maior parte das operárias estão no campo, as que restam na colméia são as abelhas mais novas, que são menos agressivas. O trabalho deve ser rápido e sem muito ruído e batidas, com o menor número possível de pessoas, sendo duas o suficiente. Os fumegadores devem produzir bastante fumaça e quando tratar-se de famílias de abelhas muito agressivas, deve-se fumegar um pouco no alvado, antes de abrir a caixa. O asseio dos apicultores também é muito importante, pois qualquer mau cheiro irrita as abelhas, inclusive o cheiro do suor.

Elas não são perigosas, mas é preciso tratá-las com amor. Sempre que lidar com as abelhas o apicultor deve estar bem protegido, com luvas, chapéu com máscara de véu e macacão de mangas compridas (branco ou de cor clara), para evitar que seja picado. E se por acaso for atacado, nunca deve defender-se matando as abelhas agressoras, pois, o cheiro do ácido que é o veneno exalado por uma abelha morta, o mesmo usado nas picadas, é pressentido pelas outras, provocando maior agressividade.

COMO APANHAR OS ENXAMES

Devidamente equipado e conhecendo estas regras básicas de lidar com as abelhas, o futuro apicultor está preparando-se para começar a montar o seu apiário. As melhores épocas do ano para isso são os meses de julho a dezembro, que são períodos de enxameação. A esta altura o local já foi escolhido e algumas colmeias já estão prontas. Então, ele prepara algumas caixas-ninhos, com lâminas alveoladas ou favos em alguns dos caixilhos e os coloca vazios no lugar escolhido para o apiário. Assim, os enxames se alojarão naturalmente nas referidas colméias, denomina-se estas caixa-ninho de alçapão. A lâmina alveolada de cera também chamada de "guia", deve ser colocada bem no centro do caixilho, com o auxílio de uma tabuinha, e colocada com cera derretida, na parte superior. Na incubadora (ninho) deve ficar meio centímetro livre de cada lado do caixilho. Nas melgueiras usadas para as abelhas não construir favos com celas de zangão — deve ser só meio centímetro mais curta que o caixilho. Também podem ser apanhadas as famílias alojadas em abrigos naturais, no campo, mato, lajes, etc.. Para isso coloca-se uma colméia ao lado do alojamento natural, abre-se esse abrigo com boa fumaça, cortam-se os favos, um por um, afirma-se com grampos feitos de arame flexível e fácil de dobrar, na parte superior do caixilho, e depois, varre-se todas as abelhas para dentro da nova caixa colméia. Neste caso, a rainha pode ser apanhada, engaiolada e introduzida no ninho, devendo ficar presa durante 24 horas, para que as abelhas não abandonem a caixa nova. Existem gaiolas especiais para isso, a Associação de Apicultores de Ijuí tem a disposição as referidas gaiolinas, porém, os favos cortados para colocar na caixa nova, devem ser somente aproveitados os que contenham crias. Para transportar a caixa para o local do apiário, o que pode ser feito, deve-se fechar o alvado a noite anterior. Sendo a distância muito perto, menos de um ou dois quilômetros, deve-se conservar fechada de 24 a 48 horas, isto

é para as abelhas não voltarem ao lugar de origem.

ENXAMEAÇÃO

Uma colméia enxameia quando a família aumenta muito e está apertada, e também é natural a enxameação para continuação da vida da espécie. Sempre é a rainha velha que abandona o ninho, levando consigo boa parte das abelhas mais velhas. As mais novas ficam trabalhando e alimentando ovos fecundados com geléia real, para que nasça mais abelhas e a nova rainha assume a responsabilidade da nova vida de toda colméia. O exame natural pode não ser notado por ocasião da sua saída perdendo-se assim, o que representa sério prejuízo para o apicultor, para evitar a fuga do enxame, o apicultor cuidadoso não deixa uma família soltar enxame: quando quer aumentar o seu colmeal, faz duas famílias de uma, a nova família formada, chama-se "núcleo". Para dividir uma família de abelhas em duas, leva-se a colméia estirpe para um novo local, deixando-se em seu lugar uma colméia vazia "caixa" que o apicultor coloca 5 ou 6 favos com ovinhos e cria operculada na colméia nova, que receberá todas as abelhas campeiras já habituadas com a primitiva localização, estes 5 a 6 favos com quadros, tira-se da colméia velha a qual será mudada, e serão substituídos por novos quadros ou caixilhos com uma tira de cera laminada. O ano correndo bem, um apiário poderá até duplicar com suas próprias abelhas.

Quando a criação de abelhas e produção de mel, em nosso Estado continua crescendo vagarosamente. Temos notícias de que muitos pequenos agricultores dos municípios onde se planta menos soja, trigo, etc., e voltaram a plantar de tudo, culturas que dispensam inseticidas e já criam abelhas. Este é o caminho certo. Embora os lucros sejam menores, no primeiro ano, com a plantação de árvores frutíferas, instalação de apiários, darão bons resultados nos anos seguintes. Temos também uma boa notícia para todos que se dedicam a este ramo de atividade rural. O governo federal, já incluiu a Apicultura como prioridade no 3º Plano Nacional de Desenvolvimento Agrícola. Brevemente, vai-se reunir em Brasília a Comissão Nacional de Apicultura, já designada. Tudo indica que em 1979 a apicultura brasileira será amparada com regulamentos e leis, inclusive, financeiramente. A FAO, Organização Mundial de Alimentos, vai nos ajudar e os excedentes do mel brasileiro serão exportados. As divisas obtidas com a exportação de mel, embora pequenas no começo, por certo aumentaria a medida que a produção crescer. Portanto amigos agricultores, lembrem-se que há muitas culturas que dão dinheiro e favorecem a produção de mel, porém, os cientistas em apicultura falam, se 25 a 30% de agricultores minifundiários se interessassem em apicultura, em nosso país, dentro de 5 anos, com as divisas obtidas, pagava-se toda a dívida externa do Brasil só com o mel exportado. Como este País é rico, porém nós não sabemos aproveitar esta riqueza natural.

NOVOS ASSOCIADOS: Entraram para as fileiras da Associação de Apicultores de Ijuí, os srs. Leonard E. Spitzer, Helmuth Serves, Leopoldo P. Cavalheiro, Nelvir J. Zardim. Aos novos companheiros, os cumprimentos dos colegas.

Reunião: A A.A.I., realiza sua reunião habitual de cada mês, sempre na última sexta-feira do mês presente, local: residência do Sr. Affonso Haas, rua Mato Grosso nº 214, Ijuí.

Maiores informações com o secretário da A.A.I., rua Niterói nº 375, Bairro Mundstock, Ijuí.

ÁGUA E VIDA

Walter MARTINS (AGAPAN)

Você já refletiu alguma vez sobre a importância da água na sua vida? Já vivenciou aquela impressão desagradável que nos acomete nos dias em que, por um motivo ou outro, o nosso suprimento de água é cortado?

A água que bebemos, que usamos para cozinhar e lavar os alimentos, que usamos para a nossa higiene pessoal, deve ser límpida, sem odor ou sabor desagradável e isenta de substâncias nocivas à saúde.

Essa água, tão importante para a nossa vida e a de todos os seres na face da Terra, se considerada sob o ponto de vista do consumo humano, pode ter origens, tais como:

- água dos rios e lagos;
- de correntes subterâneas;
- da chuva;
- etc.

Há determinadas impurezas na água que são fáceis de separar, bastando para isso que a filtremos. Pode-se eliminar o perigo de contrair parasitas patológicos, fervendo-a ou usando outros meios profiláticos. Há, entretanto, substâncias que se dissolvem na água e são muito difíceis de separar.

A água potável, ou seja, água própria para o consumo humano e dos animais, está diminuindo em volume no mundo inteiro, e o tratamento de águas poluídas torna-se cada vez mais caro.

A água que recebemos em casa, com o simples abrir de uma torneira, é água tratada, e o seu tratamento implica no uso de bombas de recalque (que consomem energia) e produtos químicos (como o sulfato de alumínio para floculação e o cloro e/ou flúor no combate a organismos patogênicos). Essa água tão preciosa é usada com bastante liberdade pelos consumidores e há esbanjamento.

Você já pensou nos produtos de limpeza, produtos de beleza, nos venenos que usa em casa e que, cedo ou tarde, irão ser dissolvidos na preciosa água que escorre pelos ralos? Algum dia aquela mesma água voltará pelas torneiras de sua casa, de algum vizinho seu, de um parente ou de algum outro ser humano que você nem conhece. Talvez ela tenha passado por um processo de evaporação e os produtos que você usou tenham sido incorporados ao solo (nesse caso eles poderão ser absorvidos por algumas plantas e, se elas sobreviverem, tomara que não venham a se tornar algum alimento que você vá comer algum dia), talvez ela tenha ido direto a um rio ou lençol de água subterrânea. Nesse último caso, tomara que a ação da Natureza tenha sido efi-

ciente na sua purificação; tomara que algum micro-organismo tenha logrado absorver e transformar em inócuas as substâncias nocivas que você dissolveu nela, pois, do contrário, você ou outra pessoa irá ingerir aquelas substâncias tão boas na limpeza, magníficas no embelezamento, letais no combate às pragas. E quem sabe dizer que efeitos terão sobre o organismo humano?

Não se console achando que seria grande coincidência que aquela água voltasse justamente para você que a contaminou, pois muitas outras pessoas estão procedendo de forma igual e será inevitável que algum contaminante esteja na sua água. Nem confie na limpidez, na falta de odor ou sabor (água assim é cada vez mais rara) pois, há substâncias que, quando dissolvidas, não são visíveis. Há outras que estarão em quantidade tão pequenas que não serão perceptíveis mas, como você consome água todos os dias, irão se acumulando em seu organismo.

Você talvez diga que a Natureza é maravilhosa e possui meios de depuração eficientes. Isso é verdadeiro no que se refere àqueles produtos produzidos pela própria Natureza, e, mesmo assim, a depuração só ocorrerá se dermos à Natureza uma chance para fazê-lo (a saúde dos rios, ou seja, as oportunidades de vida dos organismos purificadores, neles presentes, têm diminuído devido à poluição desses rios).

Há que lembrar que os seres humanos têm sintetizado muitos produtos que a Natureza não está preparada para receber e degradar.

Pense muito na forma como utiliza a água na sua casa. Evite a sua contaminação com produtos químicos, produtos sofisticados e, muitas vezes, desnecessários. Evite também o esbanjamento desse precioso líquido em torneiras que pingam, aparelhos que vazam ou outro desleixo.

Imagine a utilização da água como um circuito fechado onde o líquido passa sempre por dois pontos: a usina de tratamento e a sua casa. Cada vez que ela passa por um desses pontos ela estará recebendo produtos químicos (na usina, pelo tratamento e, na sua casa, pelo uso). Quanto maior for o número de vezes que ela circular, maior será a sua contaminação. Uma comparação desse tipo, simplificada, demonstra o quanto é desejável que haja menor circulação dessa água.

Para que você possa sentir o que dissemos sobre purificação da água, faça uma experiência simples: dissolva um pouco de sal de cozinha na água e tente separá-lo dela.

CUIDADO! PASSAGEM DE ABELHAS

Placas de sinalização em estradas dos Estados Unidos com os dizeres do título, são comuns na maioria das regiões agrícolas do país. No entanto, ao contrário do que alguns poderão pensar, não se trata de advertência aos motoristas sobre algum possível perigo representado pelos úteis animaizinhos. Mas isto sim, a advertência é para que os motoristas reduzam a velocidade de seus veículos para evitar de atropelar as abelhas que se encontram em plena atividade de trabalho.

Nos Estados Unidos — país que contabiliza tudo — o valor de uma abelha operária é calculado em um dólar. Ultimamente, a campanha de trânsito que vem de ser desenvolvida visando preservar a vida das abelhas, foi pedida e é prestigiada principalmente pelos plantadores de alfafa, que descobriram que sem abelhas suas produções serão tremendamente reduzidas, pois são as abelhas que polinizam suas plantações, aumentando o rendimento.

NA CASA DOS DOBRACHINSKI EXISTEM MUITAS MORADAS

Um bom exemplo de comunhão familiar é dado pela família Dobrachinski, de Rincão do Tigre, interior de Ijuí, onde o casal Walter Adolfo e Arlinda conseguiram criar filhos unidos e solidários que mesmo casados e hoje chefes de família, preferem permanecer residindo no seio da casa paterna. Reeditando a expressão de Cristo, "Na casa de meu pai existem muitas moradas", Valdir Walter e Valmir Dobrachinski, casados e com filhos, residem com os pais num casarão de muitas peças. Por isso mesmo, a casa é alegre e jovial com a presença bonita das crianças: são quatro meninas e um garoto, todos se aproximando da idade de começarem a estudar.

O seu Walter Adolfo, que espera no futuro os netos crescendo e casando-se, mas permanecendo todos no Rincão, manifesta muito orgulho das crianças. Pois elas — disse — ainda são muito pequenas para ajudar na lavoura, mas brincam de agricultores. Disse que um brinquedo que "elas gostam muito é acompanhar as máquinas plantadeiras na lavoura".

POLICULTURA

São ao todo, onze pessoas na casa do seu Walter. Com exceção das crianças, todos trabalham. Os filhos são os homens da lavoura, onde cultivam, no todo, 216 hectares. Na grande extensão, o tradicional trigo e soja de todos os anos, conforme é praxe em nossa região. Mas a nível de manutenção familiar, os Dobrachinski produzem tudo. Pode-se dizer que eles só não produzem sal e açúcar. No mais, a situação é a seguinte: milho, arroz, mandioca, feijão, trigo, soja, víveres hortícolas, frutas, carne, leite, um grande açude onde criam a saborosa carpa, um peixe fácil de ser reproduzido, criam também porcos, aves, abelhas e ovelhas e mantêm um pequeno plantel de vacas leiteiras. Como se ve, um perfeito sistema de produção que se pode qualificar de policultura.

O TRABALHO

A divisão do trabalho é mais ou menos a seguinte: como já foi dito, os filhos encarregam-se do trabalho da grande lavoura. Seu Walter Adolfo trata dos porcos e das ovelhas. As noras ordenham as vacas, no sistema de ordenha manual e fazem outros trabalhos caseiros enquanto dona Arlinda se encarrega da cozinha. É um verdadeiro lar de trabalho, mas tudo anda normal, pois ainda sobra algum tempo para obsequiar os visitantes com um gostoso chimarrão.

Cooperativistas conscientes, entregam toda a produção para a COTRIJUI. Seu Walter

Adolfo conta que no passado a vida era dura demais. Ele sempre plantou de tudo, mas os produtos não valiam nada no comércio. E depois — diz sem nenhuma saudade — "do pouco que valia os comerciantes ficavam com tudo. A gente trabalhava para o comércio".

A COOPERATIVA

Valdir Walter e Valmir dizem que hoje é possível a tão poucos trabalharem em 216 hectares e ainda se dedicarem a tantas atividades subalternas, porque existe a cooperativa. "Ela se encarrega de conseguir o financiamento de repasse, onde a gente só vai para assinar; dá assistência técnica na lavoura, recolhe o leite na porta da casa. No forte da colheita, seja trigo ou soja, não se entra mais na fila do armazém para descarregar os produtos". Assim, ressaltaram os dois, "está nos sobrando tempo que aplicamos no nosso trabalho".

ECOLOGIA

Todo esse desempenho da família nas diversas atividades, não priva os Dobrachinski de ainda se preocuparem com a conservação do meio ambiente. Eles têm consciência que a terra é nossa mãe e tudo o que nela há deve ser usado com cautela e zelo. Um exemplo: Eles leram no COTRIJORNAL que não se deve lavar os aparelhos de aplicação de veneno, nos riachos, rios e açudes. Então, construíram um poço especial para lavar os aparelhos. O local fica num baixio sobre uma vertente. É chamado de "poço negro", e é conservado fechado quando não está sendo usado.

MINIFÚNDIO

Respondendo aos fariseus, Jesus disse: "Na casa de meu pai há muitas moradas." Nós podemos dizer que na casa dos Dobrachinski há três moradas, todas bem constituídas. Além da união fraternal e dos bons exemplos de família, percebemos um outro fator alta-

mente positivo. As terras não se fracionaram com o casamen-

to dos filhos. Numa palavra: a família Dobrachinski não cola-

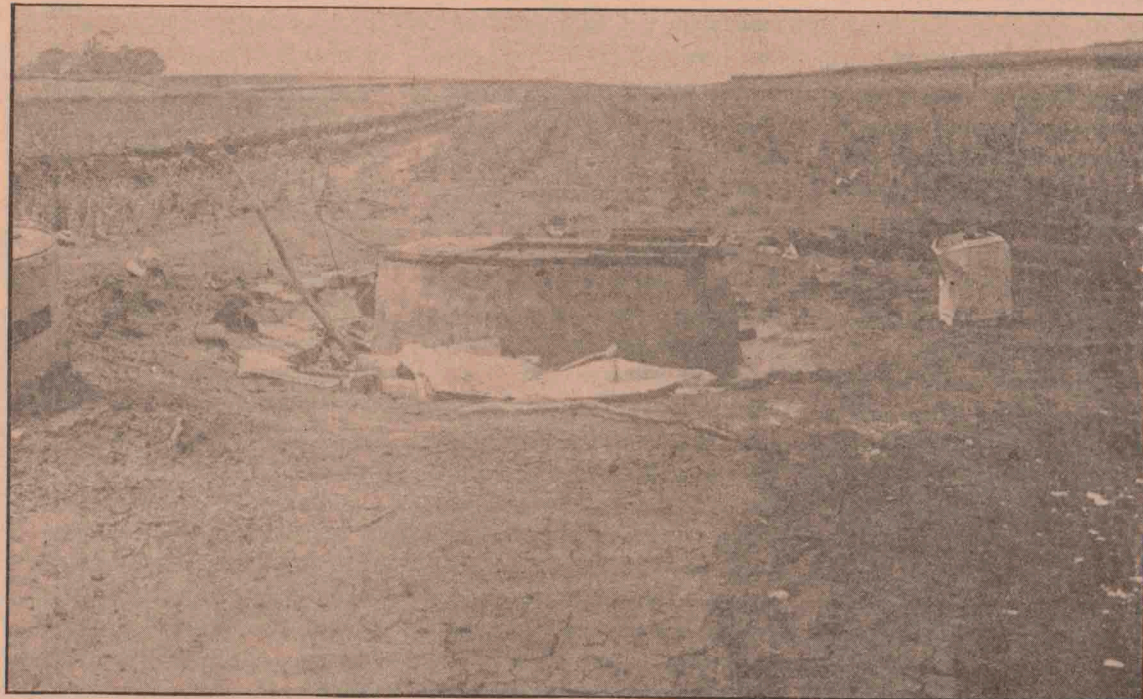
borou para a evolução do minifúndio.



O casal Walter Adolfo e Arlinda felizes na companhia dos filhos, noras e netos, em frente a vasta casa do Rincão do Tigre



Valdir Walter dá ração às carpas, no amplo açude.



Aqui, a preocupação com a ecologia. O poço, que fica em lugar ermo, destina-se a limpeza dos aparelhos de aplicação de venenos.

AGRO-INDÚSTRIA GLOBAL E SUPERMERCADO GLOBAL

Segundo relatório tornado público pela FAO no final do ano passado, 400 milhões de pessoas — cerca de quatro vezes a população brasileira ou dez por cento da população mundial estimada para 1976 — passam fome em todo o mundo. Mas a própria FAO admite que os números são modestos, pois há estatísticas relatando que somente na Ásia há mais de 300 milhões de pessoas malnutridas.

O que fazer ante tão assombroso volume de pessoas subalimentadas em todo o mundo? Quais as medidas a serem tomadas para ao menos diminuir o ritmo de crescimento desse número de famintos? Toda vez que o assunto é levantado surgem os teóricos que clamam por uma reformulação na distribuição de alimentos, melhor aproveitamento das terras aráveis através da reforma agrária, menores juros para as atividades agrárias e isenção de tributos sobre os gêneros alimentícios. Então se penetra num verdadeiro jogo de palavras: baixa produção de alimentos, insuficiente tecnologia agrícola, falta de terras, excesso de população.

Será que são apenas esses os problemas ou eles já são consequência de outros; talvez do próprio capitalismo clássico?

A revista "Ceres", órgão oficial da FAO (Food and Agriculture Organization), agência da ONU para a alimentação e agricultura, em sua edição de julho/agosto de 1977, publicou oportuno artigo de autoria de Frances Moore Lappé e Joseph Collins, co-diretores do Instituto de Política para a Alimentação e Desenvolvimento. O artigo é intitulado "Alimento em primeiro lugar: o mito da escassez". Dada a importância do tema, que já tem sido objeto de análise pelo COTRIJORNAL em diversas oportunidades, damos um resumo do mesmo nas páginas a seguir.

Pode a escassez de alimentos ser considerada seriamente como responsável pela fome? Mesmo durante a crise de alimentos do começo dos anos 70 não havia também a abundância? Naquela época havia no mundo cereais suficientes para assegurar a todos uma ampla ração de proteínas e 3.000 calorias por dia, que é mais ou menos o consumo de calorias do americano médio.

Mas o que mais invalida o argumento de que os países em desenvolvimento sofrem de uma penúria de recursos alimentícios não são as estatísticas de produção, mas as estatísticas de exportações. Esses países, mesmo os geralmente considerados como pobres em alimentos e dependentes da importação, são exportadores de produtos agrícolas. Quarenta por cento do total das importações agrícolas dos Estados Unidos, um dos três importadores principais destes produtos, vem de países em vias de desenvolvimento. Em 1973, 36 dos 40 países mais gravemente tocados pela fome exportavam gêneros para os Estados Unidos.

As exportações dos países do Sahel — a região mais pobre da África — aumentaram de maneira espetacular no início dos anos 70, ainda que ali imperasse a seca e, por consequência, a fome fosse uma

constante. No Mali, para considerar um único país, as exportações de algodão aumentaram em 400% de 1966 a 1972, enquanto a produção de gêneros de exportação para alimentação de gado cresceu 70%; a produção de arroz, igualmente destinada quase toda à exportação, atingiu um record. Cerca de 15 milhões de quilos de legumes foram exportados do Sahel, principalmente para a Europa, durante a terrível seca de 1971.

As pesquisas da FAO mostraram que cada país saheliano, salvo a Mauritânia, por sua vez rica em minerais, produziria na realidade o suficiente em cereais para alimentar o conjunto de sua população, mesmo durante os piores anos de seca. Mas a fome ceifou milhares de vidas, principalmente de jovens. E não foi por causa de subprodução, mas por consequência da exportação desses alimentos.

Em Bangladesch, depois das inundações de 1974, quatro milhões de toneladas de arroz se acumularam porque ninguém tinha dinheiro para comprá-las. Cada ano um bom terço dos cereais colocados a venda em Bangladesch passa como contrabando para fora do país.

E se trata realmente de falta de terras? Apenas 44% do total mundial da terra cultivá-

vel são atualmente cultivadas. Isso se explica em parte pelo fato de que numerosos proprietários de terra a consideram como um investimento e não como uma fonte de alimento. Deixam extensas áreas como reservas e para especulações. Um estudo efetuado na Colômbia, em 1960, mostrou que os maiores proprietários, que controlam 70% da terra do país, somente plantavam em 6% dela.

A CHINA, A ÍNDIA E O EXCESSO POPULACIONAL

Se fosse verdade que uma população grande é uma causa de fome, esperar-se-ia encontrar muito mais gente faminta nos países que detêm as maiores populações. Uma tal correlação não existe. A China, por exemplo, em relação a Índia tem justamente a metade de superfície cultivada por habitante. E no entanto, em 25 anos somente, a China conseguiu eliminar a fome. Aliás, os países que têm as maiores áreas de terra cultiváveis por habitante sofrem gravemente de fome.

A fome é uma triste realidade cotidiana para a maioria dos bolivianos, que vivem em um país que conta com mais de 0,2 hectares de terra cultivada por pessoa e um potencial de mais de quatro hectares cultiváveis por pessoa, sensivelmente mais que na França, onde o povo vive à farta.

Examinando os chamados "casos críticos" de Bangladesch aos países do Sahel, descobre-se que em nenhum país do mundo faltam recursos físicos que impossibilitem a nutrição da população. De fato, acaba-se vendo que, na medida em que a alimentação é uma coisa que se compra e se vende, aparece o lucro e atrás dele a fome, a miséria. É que nas sociedades onde as diferenças de renda são grandes, o grau de fome e a quantidade de famintos é uma coisa e outra é a quantidade de alimentos produzidos no país.

Da mesma forma acontece com relação a fome e a terra. A fome é muito menos função da quantidade de terra do que de seu controle. Aqueles que têm o controle da terra determinam se ou como ela será utilizada e quem aproveitará os seus frutos.

A fome e o crescimento

rápido da população são os dois sintomas de um mesmo mal. Ficar falando dos sintomas não leva a nada. Aliás, é uma diversão trágica a que não podemos nos permitir. Se queremos seriamente equilibrar a população de nosso Planeta e seus recursos, devemos tratar da causa primeira, quer dizer, da fome e das taxas elevadas de natalidade: a insegurança e a miséria da maioria, resultante da monopolização dos meios de produção nacionais por um pequeno número de pessoas.

MODERNIZAR AGRICULTURA SERÁ QUE É A SOLUÇÃO?

Diagnosticar que a causa da fome é a escassez, conduz à idéia de que uma produção mais elevada vai resolver o problema. Foi assim que o desenvolvimento e o emprego de técnicas visando aumentar a produção constituíram o esforço central da chamada "segurança contra a fome", durante pelo menos 30 anos. Os governos, as instituições nacionais e as sociedades multinacionais promoveram a "modernização da agricultura" para aumentar a produção.

Mas, quando uma tecnologia agrícola penetra ou é forçada a penetrar num sistema minado por desigualdades de poder, o proveito que ela traz vai para aqueles que já possuem, em algum grau, a terra, o dinheiro, o crédito e, por consequência, a influência política. Por outro lado, na medida em que a agricultura se torna um investimento especulativo, no qual o simples controle da terra é a garantia do sucesso financeiro, uma série enorme de acontecimentos é colocada em ação. A concorrência pela terra faz subir rapidamente seu valor. Então, grandes extensões exigem investimentos maiores. Nas vastas superfícies cultivadas, as grandes empresas comerciais mecanizam para evitar os "problemas" da mão-de-obra. Como consequência imediata, camponeses despojados de suas terras abandonam o interior e se fixam como párias nos arredores das cidades maiores.

Em todos os países onde é permitido que os recursos agrícolas sejam uma fonte de riqueza individual, as campa-

nhas de rápido crescimento da produção afastam cada vez mais a maioria dos camponeses do processo de produção. E estar fora da produção significa estar fora do consumo. A observação de um trabalhador agrícola ganhando 36 centavos de dólar por dia, em Bihar, na Índia, confirma esta verdade: "Se você não possui a terra, você jamais terá o que comer, mesmo que a terra produza bem". Na verdade, em numerosos países, a produção alimentar por pessoa cresceu, ao mesmo tempo em que uma parcela maior da população se marginalizou.

Estudos recentes da Organização Internacional do Trabalho demonstram que nos países onde se buscou unicamente o crescimento da produção e onde, de fato, a produção e o produto nacional bruto por pessoa aumentaram, os pobres do campo estão em situação mais miseráveis que antes. O estudo da OIT conclui que o "crescimento da pobreza está associado não a uma queda, mas a uma elevação da produção de cereais, componente principal da alimentação dos pobres".

QUEM PRODUZ MAIS É O PEQUENO PRODUTOR

Os governos, as instituições financeiras internacionais e os programas de assistência negligenciaram os pequenos proprietários porque eles acreditaram que concentrar esforços nos grandes era o meio mais rápido para aumentar a produção.

E no entanto, o pequeno agricultor é que é no geral, o mais produtivo. Um estudo desenvolvido na Argentina, Brasil, Colômbia, Equador e Guatemala, mostrou que os pequenos agricultores produzem de três e quatro vezes mais por hectare que os grandes. Na Tailândia, terrenos de 0,8 a 1,6 hectares produzem pelo menos 60% mais de arroz do que as propriedades acima de 50 hectares. Da mesma forma isto se dá nos Estados Unidos.

Não obstante, é grande o número daqueles que pensam que nossa segurança alimentícia é tanto maior quanto mais se confia a produção a vastas empresas agrícolas. De outro lado, acabamos de ver a arma-



O pão, cada vez mais escasso na mesa de milhões de indivíduos em todo o mundo. Foto "Farm Journal".

dilha: os pequenos proprietários e os operários sem terra são ainda mais separados da produção, uma vez que os novos proprietários abastados aumentam seus domínios e os mecanizam. Cada vez menos os trabalhadores do campo são capazes de cultivar ou de comprar os produtos alimentícios. E quando o círculo de pobreza se alarga, o mercado nacional de produtos alimentícios estaciona ou mesmo se encolhe. Mas se o mercado interno pára, em direção a quem as empresas agrícolas vão orientar sua produção? Para os mercados que pagam preços elevados; uma camada social restrita de cidadãos e de consumidores estrangeiros.

Por exemplo: os fundos internacionais para o desenvolvimento irrigaram o deserto do Senegal para que as empresas multinacionais pudessem cultivar as beringelas e as mangas que a cada ano são transportadas por avião até as melhores mesas da Europa. Os fazendeiros de Sinaloa, no México, descobrem que podem ganhar vinte vezes mais cultivando tomates para os americanos do que milho para seus compatriotas mexicanos. Os proprietários colombianos deixam de produzir trigo para cultivar flores, que rendem 80 vezes mais por hectare. Cada vez mais a terra cultivável da Costa Rica serve para nutrir o gado que será transformado em "hamburgers" para as casas de carne dos

Estados Unidos, ainda que os nativos costariquenhos, em sua grande maioria, não consuma nem uma grama de proteína.

No Paquistão, o milho que antes era alimento básico dos pobres, cultivado pelos pequenos camponeses, foi convertido em cultura extensiva para fins comerciais. Hoje aquele grão faz parte da pauta de exportação do país e desapareceu da mesa dos pobres.

A segurança alimentar de um país no qual os grandes produtores controlam virtualmente a produção, está sempre ameaçada também por outra razão. Os comerciantes retiram os gêneros alimentícios do mercado no momento que precedem as safras para aviltar os preços. Então, a preços aviltados, compram os produtos. Compram mas não os expõem no mercado até que os preços alcancem os índices que desejam. Só então, a preços inflacionados os produtos retirados da praça retornam. Nesse jogo todo só quem ganha são os grandes proprietários e os comerciantes, a custa do pequeno produtor agrícola e do consumidor final.

DESTRÓI-SE O MEIO AMBIENTE NACIONAL

São realmente as necessidades alimentares de uma produção crescente que forçam os camponeses a cultivar terras que aceleram a erosão? Um país das Antilhas oferece um quadro chocante de destruição

do meio ambiente. Os camponeses, no instinto de sobrevivência, destroem as encostas das montanhas em um esforço desesperado para cultivar o que comer.

Será que nesse país a produção de alimentos já ocupou todos os espaços? Será que as terras de boa qualidade estão sendo bem aproveitadas para produzir alimentos? Não! Nada disso. É que as terras ricas do vale pertencem a poucos proprietários que correm atrás de dólares para viver segundo um estilo de vida importado. Então, suas terras são ocupadas com culturas de baixo valor nutritivo mas que tem mercado certo na faixa do dólar: açúcar, café, cacau e alfafa para o gado, todos produtos de exportação.

As pastagens são igualmente orientadas para a exportação. Recentemente os fazendeiros do Texas começaram a exportar gado para pastagens especiais em países das Antilhas. Esse gado sai magro dos Estados Unidos e retorna oito meses depois, enlatado, pronto para consumo. Esse gado é engordado nos vales férteis enquanto os nativos são forçados a praticar agricultura de subsistência nas encostas e subindo montanha acima.

Um estudo do Banco Mundial feito na Colômbia mostra que "numerosas famílias de agricultores tentam subsistir frequentemente cultivando em encostas de inclinação

até superior a 45 graus". Eles exploram a terra ao máximo, aumentando a erosão e acelerando outros problemas. Mas mesmo assim não conseguem ter um nível de vida conveniente.

De fato, as terras próprias para a agricultura na Colômbia estão nas mãos de proprietários que nem ao menos comparecem na propriedade pois são representados por simples feitores que as utilizam para pastagens e flores que exportam para os Estados Unidos e Europa.

É PRECISO LOCALIZAR ONDE ESTÁ O INIMIGO

Termos como "mundo tem fome", ou "mundo pobre", fazem pensar em massas uniformemente famintas. Eles mascaram a realidade de sociedades estratificadas verticalmente nas quais a fome aflige as camadas inferiores. O que é pior, o caráter global desses rótulos leva a crer que todos aqueles que vivem em um "país da fome" tem um interesse comum de eliminar a fome. Assim, se considera um país em desenvolvimento supondo que seu governo represente a maioria dos famintos. Pessoas bem intencionadas nos países ricos acreditam que as concessões feitas a esses governos — por exemplo, as facilidades de tarifas para suas exportações ou um aumento do investimento estrangeiro — represente um progresso para os famintos. Na realidade, esse "progresso" pode valer apenas para as elites e seus parceiros, as sociedades multinacionais, que são quem geralmente agenciam tais "auxílios".

Este clichê do "mundo rico" oposto ao "mundo pobre", mostra os desnutridos como uma ameaça ao bem-estar material da maioria das populações nos países industrializados. Para o americano ou europeu médio, os famintos tornam-se o grande inimigo. Na realidade, a fome não será enfrentada enquanto os cidadãos comuns dos países ricos não se derem conta de que os famintos não são seus inimigos, mas seus aliados.

A maioria pobre dos países em desenvolvimento e o americano médio estão unidos por uma ameaça comum: o agravamento do controle da necessidade humana mais fundamental — a alimentação — em escala ao mesmo tempo nacional e mundial. O próprio processo de concentração crescente do controle da terra e dos outros meios de produção, que identificamos como causa direta da fome nos países em de-

envolvimento, continua nos Estados Unidos.

Cinco e meio por cento de todas as propriedades dos Estados Unidos englobam atualmente a metade de todas as terras restantes. A falta de terra e de trabalho na América rural está na origem direta de uma fome persistente no meio da abundância.

Pelo menos 90% da produção de legumes do país são controlados, por contratos ou diretamente, pelas mais importantes firmas de transformação. Numerosos produtores rurais já não têm outra escolha a não ser assinar o contrato proposto pelo industrial ou perder o seu trabalho.

Hoje, menos de 0,2% das empresas do setor de alimentação dos Estados Unidos controlam 50% de toda essa indústria. As quatro maiores companhias das cadeias de produção alimentar controlam mais da metade do mercado. Muitos desses oligopólios, defendidos por governos e instituições internacionais, expandem suas operações nos países em desenvolvimento. A agro-indústria americana está empenhada na criação de uma exploração global, que alimentará um supermercado global.

Tendo encontrado os locais de produção nos países em desenvolvimento, onde a terra e a mão-de-obra custam apenas um décimo de seu preço nos Estados Unidos, as grandes empresas alimentares deslocam a produção de produtos de valores elevados — legumes, frutas, flores e carne — para fora dos países industriais. Eles encontram sócios bem dispostos nas elites estrangeiras que, tendo em vista o empobrecimento crescente da maioria da população local, são garantia de lucros fantásticos e seguros.

Sob a bandeira da "interdependência" alimentar, a produção global para o supermercado global, a agro-indústria multinacional está criando um sistema agrícola mundial único no qual ela exercerá um controle integrado de todos os estágios da produção, desde o cultivo ao consumidor. A "interdependência", num mundo de extrema desigualdade de poderes, torna-se uma cortina de fumaça atrás da qual os recursos alimentares do mundo são usurpados por uma minoria para uma minoria. E sem dúvida, a fome, que podia ser evitada se cada país produzisse segundo suas necessidades vitais, será cada vez mais ampliada para satisfazer o apetite pantagruélico das multinacionais que abastecerão seu supermercado global.

PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO

*Eugênio GIOVENARDI

É comum ouvir-se que o homem é a preocupação central do progresso econômico e que, numa cooperativa, o mais importante é o associado. Quem é o associado e o que se sabe a seu respeito? São eles tão numerosos quanto se imagina? Qual sua idade média? Qual o grau de formação que possui, para que se possa ajustar uma linguagem comunicativa eficaz? Qual o regime de posse da terra? E qual sua participação associativa e operativa na cooperativa a que pertence?

Em recente pesquisa realizada sob os auspícios do Ministério da Agricultura, que analisou o comportamento do cooperativismo agrícola brasileiro, no período de 1973 a 1975, e terminada em setembro de 1977, constatou-se que o número de associados das 1.136 cooperativas que informaram (foram pesquisadas 1.136) era de 795 mil. Agregando-se, por estimativa, os associados das cooperativas de crédito, habitação, consumo e de outros serviços, a população cooperativa atingia, em 1975, aproximadamente um milhão de unidades familiares, ou seja, cinco milhões de pessoas.

A maior concentração de associados (50%) se encontra nos três estados do Sul, ficando a região Sudeste com 29% e as demais regiões do país, com 21% dos associados.

Através de um estudo por amostragem, a pesquisa revelou que 70% dos associados pertencem a pequenas cooperativas (com menos de 500 associados) e a média cooperativas, (com 500 a 2.000 membros). No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, contudo, mais da metade dos associados estão em grandes cooperativas (com mais de 2.000 sócios).

Seguindo os mesmos critérios de amostragem, constatou-se que apenas 20% dos associados tem grande experiência em cooperativa, com mais de 15 anos de militância dentro de sua associação. Com um ano apenas de filiação existiam só 3% dos associados, o que demonstra que o crescimento do número de cooperados, no Brasil, é muito pouco intenso. Este dado sugere que as cooperativas e suas lideranças deveriam se preocupar mais em difundir os benefícios do cooperativismo para obter maior número de adesões.

A idade de quase a metade dos sócios das cooperativas ultrapassa os 50 anos. A população cooperativa mais jovem se encontra no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e a mais idosa, com média de 59 anos, está em São Paulo e Minas Gerais.

O grau de escolaridade dos associados, segundo a amostra levantada, sugere que os métodos tradicionais de comunicação através de cursos formais ou extensão rural baseada em programas curriculares ou de demonstração científica devem ser adaptada ao tipo de conhecimento empírico do agricultor brasileiro.

Entre analfabetos e com primário incompleto estão 58% dos associados e apenas 12% tem ginásio completo ou curso superior.

O cooperativismo brasileiro tem se estabelecido especificamente entre os agricultores que possuem terra própria. Quase 80% dos associados trabalham sob o regime de propriedade individual e própria; 8% trabalham sobre terra arrendada e 7% sob regime de ocupante. A expansão de novas fronteiras agrícolas através de cooperativas, talvez seja uma das melhores medidas que o cooperativismo possa propor ao Governo para se iniciar um processo sadio e eficaz de reforma agrária.

As cooperativas não demonstraram ser mais

eficientes do que seus concorrentes para despertar maior confiança em seus associados e não se dedicaram a manter constantes diálogos educativos com eles a ponto de aumentar maciçamente sua participação operativa. No Sul, somente 55% dos associados entregaram, em 1976, toda ou, pelo menos, mais da metade da produção para ser comercializada pela cooperativa. No Nordeste, apenas 32% o fizeram. É de se notar, porém, que nesta região, nem todas as cooperativas estão aptas a receber e comercializar a produção.

As distâncias entre as cooperativas e seus associados, as dificuldades de comunicação e, como vimos, o pouco interesse que ainda anima o cooperado para tratar de seus negócios e discutir seus problemas junto à sua associação e, por outro lado, a forma precária e incipiente de organização dos associados em núcleos mais ou menos homogêneos tem impedido uma participação maior em assembleias, reuniões ou congregamentos em que se deveria discutir assuntos relacionados com o agricultor e onde se deveriam tomar decisões relativas à expressão da cooperativa.

Entre os anos de 1974 e 1976, 40% dos associados não haviam assistido a nenhuma assembleia, no Sul e, no Nordeste, 64% não compareceram às assembleias. E os que compareceram, segundo o estudo, compõem a grande maioria silenciosa da assembleia que vota sentada, sem fazer esforço, a aprovação do balanço e dos atos da diretoria.

Vai se tornando quase-anual o tipo de cooperativa à qual o associado se dirige como pedinte e não como dono e usuário de uma organização com qual ele opera e de cuja gestão participa.

À associação cooperativa tem uma característica peculiar que torna o associado, ao mesmo tempo, proprietário e usuário da empresa — aspecto econômico — e membro de um grupo humano — aspecto social — com necessidades, interesses e objetivos semelhantes.

Alguns entre os principais dados recolhidos em torno do associado, acima apresentados, indicam que as lideranças do movimento cooperativo, através de suas organizações, incluam entre os objetivos de uma política de longo prazo a educação cooperativa do associado não só sob o aspecto doutrinário, como também empresarial. Educação para os objetivos da empresa cooperativa, da qual ele é proprietário e usuário. O associado deve transformar-se num empresário cooperativo, consciente de todos os riscos que envolve uma empresa moderna em seus aspectos de eficiência gerencial e competitiva.

Há que se criar estruturas para que o associado participe de todas os passos de organização da empresa, desde a definição de seus objetivos e das principais atividades, até à capitalização e à utilização dos serviços criados para atender a seus interesses. É aconselhável que os associados, como membros de um grupo social mais amplo, sejam subdivididos em pequenos grupos ou núcleos de base, onde todos possam tomar parte das discussões de problemas de sua área e apresentem as soluções adequadas que serão canalizadas até a diretoria da cooperativa. Toda cooperativa deveria ter pelo menos um técnico exclusivamente a serviço da organização dos associados.

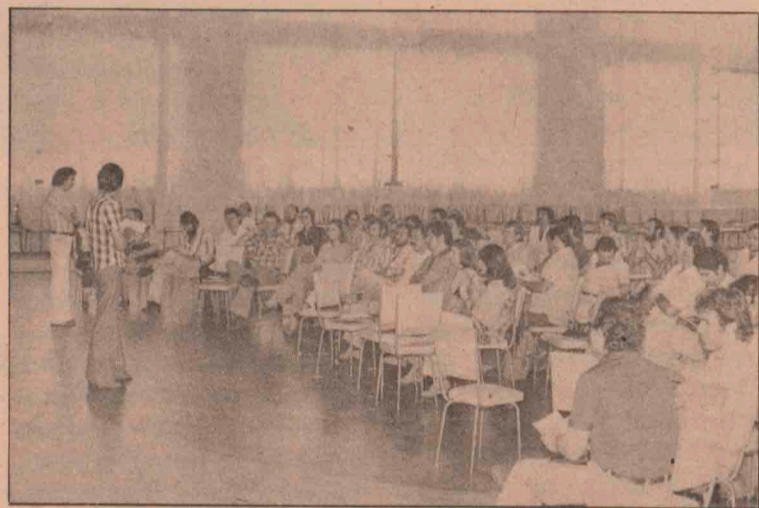
Não será necessário insistir que, para alcançar uma participação efetiva e racional, a diretoria representativa deva abrir-se ao diálogo, convencida de que, sem associados participantes, dificilmente se terá cooperativas sólidas.

*(Coordenador de Cooperativismo do BNCC)

TÉCNICA DE COMUNICAÇÃO DEBATIDA EM CRUZ ALTA

A exemplo de outras vezes, o setor de comunicação e educação da Fecotriga promoveu há poucos dias em Cruz Alta mais um encontro de equipes e elementos encarregados dessa área junto às cooperativas, além de técnicos em agropecuária. Se por um lado o encontro foi proveitoso para elementos que estão implantando o setor de comunicação, de outra parte se tornou repetitivo por voltar a discutir temário de reuniões anteriores. Tanto é assim que ao seu final,

unânimemente, se aprovou a idéia de realização em 1979, não mais de quatro encontros estaduais, mas encontros microregionais e um seminário Estadual, este com participação de painelistas convidados e das direções das cooperativas, que devem ser sensibilizadas de forma mais direta para o trabalho que está se desenvolvendo. Na foto aspecto de uma reunião plenária, no salão do Clube Internacional e Recreativo, de Cruz Alta, aparecendo vários participantes.



EMPRÉSTIMOS PARA HABITAÇÃO RURAL NO RGS

O programa de Habitação Rural, criado por convênio entre o Banco Nacional de Habitação e o governo do Estado com o objetivo de financiar a construção, ampliação ou melhorias de habitações rurais aos pequenos e médios proprietários gaúchos, está, a partir deste semestre, em funcionamento.

Com a liberação de vários contratos de financiamento pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul e a Caixa Econômica Estadual, a Secretaria do Trabalho e Ação Social, que coordena o programa, alerta aos 4.500 proprietários rurais já inscritos que poderão agora, oficializar seus pedidos de empréstimo, encaminhando toda a documentação necessária através dos sindicatos que atuam como agentes promotores deste projeto.

Todo o proprietário rural de área não superior a 500 hectares e que tenha no trabalho rural a sua atividade fundamental, poderá partici-

par do Programa, dirigindo-se aos sindicatos próximos, pois os mesmos estão devidamente credenciados a prestar todas as informações e esclarecimentos sobre a promoção.

Cabe ainda aos sindicatos de classe, o encaminhamento das propostas aos agentes financeiros dos municípios: Banco do Estado do RGS e Caixa Econômica Estadual.

Os recursos financeiros que estão sendo aplicados no programa são oriundos do BNH, sendo que os limites de financiamento estão compreendidos entre o valor mínimo de Cr\$. . 15.164,50 e o máximo de 151.645,00 neste trimestre, com prazos de amortizações que variam até 25 anos.

A meta do Programa de Habitação Rural é oferecer no biênio 78/79 um total de 10.000 empréstimos em um investimento aproximado de um bilhão de cruzeiros.

CURSOS PARA SENHORAS

Na intenção de promover ainda mais a integração da família rural ao espírito cooperativista, enquanto presta serviços ao seu quadro social, a COTRIJUI proporcionou a realização de mais dois cursos de corte e costura à esposas e filhas de associados. A programação de encerramento ocorreu, respectivamente, dia 11 de novembro no núcleo da Linha 6 Leste-Ijuí e dia 28 de novembro no núcleo de Linha São João-Augusto Pestana. Conforme se tem noticiado, tais cursos fazem parte de uma programação desenvolvida pelo setor de comunicação e educação da cooperativa, que visa aumentar a participação da família na discussão de assuntos e tomada de decisões. Das atividades de encerramento, tomaram parte representa-

tes do IEP-FIDENE, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, gerentes e técnicos das unidades, e pessoal do setor de comunicação e educação. Os cursos foram ministrados pela professora Herminia Pannebecker. Destacamos a colaboração prestada pelas lideranças dos núcleos, nas pessoas dos associados Henrique Chichesqui e Adão Zucobato, e dos presidentes dos clubes: Romano Putinick, Linha 6 e João Scheider-Linha São João. Após a entrega de certificados, todos os presentes confraternizaram com um jantar oferecido pelas comunidades.

FORMANDAS DA LINHA 6 LESTE-IJUÍ
Receberam certificados de conclusão do curso.

de corte e costura, na Linha 6 Leste, as seguintes senhoras e jovens: Jeni Maria Czyzeski, Leonilda Bartz, Irene Garzella, Lidia Garzella, Olinda Margarida Kramatschek, Nilza Helena Steurer Prauchner, Anna Prauchner, Nelci Novotny, Suzana Leila Czyzeski, Ana Maria Heck, Edi Maria Woiam, Loni Dreffs, Nair Holler, Iraci Maria Pardzinski, Cleci Inês Pardzinski, Maria Alzira Schambelan, Agnes da Rosa Prauchner, Lourdes Terezinha Guth, Luci Inês Guth e Cleci Thomé da Cruz.

AS FORMANDAS DA LINHA SÃO JOÃO

Na linha São João, foram 23 as concluintes do curso, a saber: Reni Fetter, Lila Fortes Jardim, Flávia Renz, Lara Terezinha Renz, Eleni Terezinha Zucolotto, Roselí Schossler, Semilda Dumke, Anna Eberle, Irene Renz Walter, Ilé Maria Berwig Mensch, Amélia Carré Schneider, Noemia Desbessell, Lirdi Rohden, Roselí Mensch, Salete Lidia Renz, Elisa Carolina Flesch, Geni Maria Schneider, Anadir Weiler, Maria Elenir Welzbacker, Casilda Gonçalves, Eloá Terezinha Portolan, Cleusa Fátima Berwiz e Marcelina Carré Schneider.



Na Linha São João-Augusto Pestana, o grupo era integrado por 23 senhoras e moças.



Na Linha 6 Leste-Ijuí, 21 concluíram corte e costura.

ALGUMAS SUGESTÕES PARA CEIA DE NATAL



É Natal! Que tal prepararmos alguns pratos diferentes criados especialmente para esta data.

ARROZ DE NATAL

Rendimento: para 4 pessoas
Ingredientes: 1/2 kg de peixe; 3 colheres de sopa de óleo de soja; 1 colher de sopa de manteiga ou margarina; uma cebola, salsa, cebolinha, 4 tomates picados sem a pele e a semente; 3 xícaras de água fervente, 250 gr. de arroz, sal, 3 ovos cozidos, 2 colheres de sopa de parmeizão ralado, 1 limão, pimenta do reino e 100 gr. de azeitona.

Modo de preparar: limpe o peixe, lave, tempere com sal, limão e pimenta, deixe repousar por 30 minutos. Leve ao fogo uma caçarola com o óleo; junte a cebola picadinha e deixe dourar um pouco. Acrescente o peixe e os tomates. Junte o arroz bem lavado à água fervente; tampe e deixe cozinhar até absorver todo o líquido. Acrescente os temperos verdes e a margarina ou manteiga, ponha em um pirex. Salpique com queijo ralado e leve ao forno por 8 minutos. Retire e enfeite com ovos cortados em fatias e as azeitonas.

RABANADAS

Trata-se de sobremesa feita com pão amanhecido embebido em leite e ovos, e frito em gordura (óleo ou manteiga). Fica macio e não crocante. O pão mais indicado é o pão branco tipo francês, cortado na espessura de 1 a 1,5 cm., deixando de molho em leite adoçado por 5 minutos. Deixe escorrer o excesso do leite e passar em ovos batidos, e fritar. Além de ser servida em festas natalinas, são ótimas para os dias frios. Só que neste caso, servidas quentes, acompanhadas de molho de baunilha quente, e vinho tinto.

Rabanada, uso: no lanche
Rendimento: 6 pessoas
Ingredientes: Um pão próprio para rabanadas (pão de forma branco).

Modo de preparar: Corte o pão próprio (pão de forma) para rabanadas em fatias e coloque num pirex. Esquente o leite com o açúcar e derrame sobre o pão. Quando o leite estiver frio retira-se o pão, espremendo levemente, passando em ambos os lados ovos batidos inteiros. Frite em óleo quente e escorra sobre o papel absorvente (papel de embrulho).

Arrume as rabanadas em um prato grande e bonito polvilhando com açúcar e canela. Sirva acompanhada com molho de baunilha e vinho tinto.

PUDIM DE NATAL

Ingredientes: 1 lata de leite condensado, 1/2 litro de leite, 2 colheres de sopa de maizena, 1 xícara de frutas cristalizadas, 25 gr. de passa de uva, 100 gr. de biscoito de champanhe, 1 cálice de vinho branco.

Modo de preparar: Bata no liquidificador o leite condensado, a maizena, o leite comum, ovos, baunilha. Para caramelizar, use forma de pudim, coloque as frutas picadas e biscoitos, passas e por cima a mistura.

Asse em banho-maria numa panela de pressão durante 30 minutos. Depois de 15 minutos, tire da forma e junte o vinho à calda do pudim e sirva.

Mato Grosso do Sul:

SIDROLÂNDIA COM BANCO DO BRASIL



A COTRIJUI passou a operar em Sidrolândia a partir de dezembro de 1977, época que encampou a Cooperativa Agrícola Mista Maracaju, Mato Grosso. Agora, menos de um ano depois, aquela cidade do sul matogrossense já conta com uma agência do Banco do Brasil.

O ato de inauguração foi prestigiado por autoridades municipais dirigentes e pessoal técnico do estabelecimento de crédito em Sidrolândia e cidades da região, destacando-se a presença do prefeito mu-

nicipal Daltro Fiuza, que aparece na fotografia hasteando a Bandeira Nacional, na parte fronteira a nova agência.

A COTRIJUI esteve presente ao ato através da presença dos seus gerentes na região: Valdeci Oli Martinelli, de Sidrolândia; Luis Mariotti, de Maracaju; Clóvis Canova, de Rio Brillhante e o assessor da diretoria Nirton Fröder, em Campo Grande. A gerência de Sidrolândia, que é dirigida pelo sr. Geraldo de Oliveira Rocha, é a 1099ª agência do Banco em todo o país.

DIFUSORES DE TECNOLOGIA REUNIDOS EM PASSO FUNDO

Ocorreu em Passo Fundo, no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo — EMBRAPA, uma reunião com técnicos em Difusão de Tecnologia da Região Sul do País e o Departamento de Difusão de Tecnologia da EMBRAPA em Brasília. O encontro realizou-se de 21 a 23 de novembro e contou com a presença de 13 técnicos que atuam nas unidades de pesquisa da EMBRAPA e Empresas Estaduais de Pesquisa.

O objetivo foi discutir temas como: A Difusão na Unidade de Pesquisa;



Sistemas de Produção; Articulação entre Unidades de Pesquisa e Assistência Técnica; Programação de Atividades e Estratégia de Ação.

A Difusão de Tecnologia é uma atividade

que tem por objetivo levar resultados, novas técnicas e recomendações da pesquisa até o extensionista. Este levará a tecnologia ao agricultor que terá condições de em menor espaço de tempo adotar a tecnologia e assim obter melhores resultados em sua lavoura. O difusor mantém um contato permanente com agentes da extensão e agricultores, a partir deste relacionamento ocorre uma troca de informações que permitem à pesquisa tomar conhecimento dos problemas que afligem a agricultura e assim solucioná-los.

ESCOLA CATARINENSE DE APICULTURA

Em solenidade levada em efeito a 25 de novembro, a Escola Catarinense de Apicultura, que funciona em Lages, estado de Santa Catarina, diplomou mais uma turma de concluintes do Curso Básico de Apicultura. Foi paraninfo da turma o juiz de Direito da primeira vara da Comarca de Lages, bacharel Wilson Vidal Antunes Senior.

É a seguinte a nominata dos formandos:

Alcira Kock Poepper, Argeu Pereira da Silva, Ari Ferrari, Carmosino Tadeu Waltrick

Cordava, Claudine Aparecido Pereira Sanchez, Cleones Passos Garcia, Dorlete Laci do Nascimento Bispo, Elton José Blageski, Getulio Arruda Figueiredo, Gilberto Eckel, Ivam Tadeu Baldissera, João Batista Zatt, Juarez Rodrigues Bispo, José Doita, Leovegildo Antonio Pasetto, Lidio Antonio Araujo, Luiz Claudio Todeschini, Marcos Lenzi de Castro, Mario Benedito do Carmo, Nelso Pasqual, Norberto da Silveira, Peter Johann Burger, Rubens Ferreira da Silva, Sergio Peça.

SOCIEDADE DE DAMAS COMEMORA JUBILEU

A Sociedade de Damas Progresso, de Chiapetta, comemorou festivamente seu Jubileu de Prata, no dia 8 de outubro.

Fundada em 11 de outubro de 1953, a sociedade conta atualmente com 136 associadas e tem como local de encontro o salão Eickhoff, de Chiapetta, onde são realizadas reuniões e encontros festivos, objetivando fortalecer cada vez mais a integração

e conagração da mulher Chiapetense.

A atual diretoria da Sociedade está a cargo das senhoras: Ana Maria V. Hoppe — presidente; Erminda Pires — vice-presidente; Ella Both — tesoureira; Lauri Eickhoff — vice-tesoureira; Eliria Wolmer — secretária; Dulce Rodrigues — vice-secretária e Erminda Bellarmino — comandante.

Treflan
o mata-mato nunca falhou

De uma coisa você pode estar certo. Graças ao Sistema Treflan, este agricultor não está sonhando com mato.

Treflan
o mata-mato nunca falhou

Leo Burnett

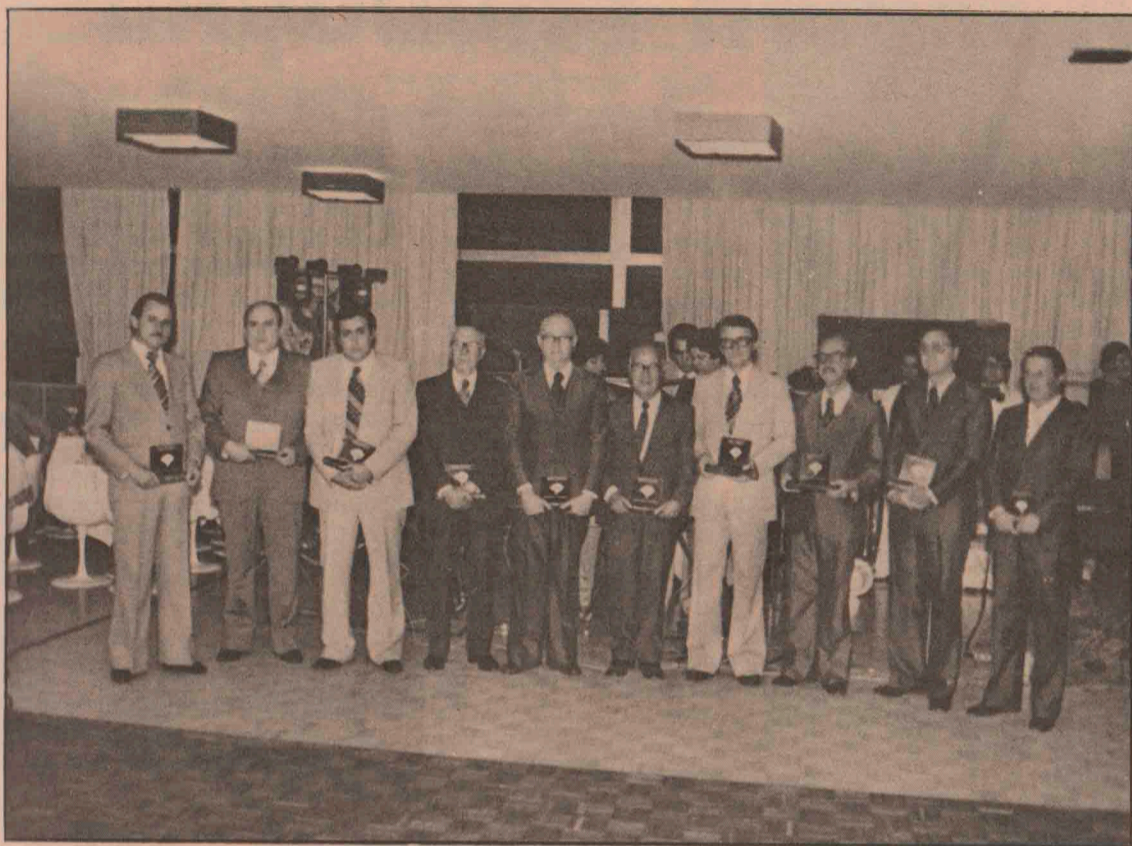
Todo agricultor sabe que um herbicida não pode ser eficiente apenas na palavra. Ele tem que ter Assistência Técnica o ano todo, antes e depois da compra. Tem que ter experiência comprovada. Tem que ser um produto que nunca falhou. Tem que ter o Controle de Qualidade Elanco. E para ter tudo isso, só o Sistema Treflan. Não existe nada igual. Quem protege sua lavoura com o Sistema Treflan, além de dormir tranqüilo, ainda fica com os lucros. Fale com o homem Elanco, seu Distribuidor ou o Engenheiro Agrônomo de sua Cooperativa.

ELANCO

Fabricante de: Treflan, Coban, Hygromix, Parlan, Surlan, Tylan e Trifluralina.

Treflan é indicado para as culturas de algodão, alho, amendoim, berinjela, brássicas (brócoli, couve-flor, couve-manteiga e repolho), café em formação, cebola de transplante, cenoura, citrú, feijão-vagem, girassol, mamona, mandioca, pimentão, quiabo, soja e tomate.

"DESTAQUE NA AGRICULTURA"



Os destaques do "Jornal do Comércio".

O "Jornal do Comércio" de Porto Alegre, através do Caderno Agropecuário que edita, distinguiu diversos técnicos e personalidades gaúcha nas diversas áreas setoriais da agricultura, pecuária, agronomia e veterinária, com o troféu "Destaque na Agricultura". A iniciativa teve como objetivo exaltar os técnicos e empresas que atuam no setor primário integrados na finalidade comum de desenvolver a agricultura no Estado e, conseqüentemente, destacar os profissionais da área que representa tanto em termos de economia para o país.

No setor de cooperativismo o desta-

que coube a Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI. A relação dos destacados é a seguinte: setor de ensino, agrônomo José Porfírio da Costa Neto; setor agrônomo, agrônomo João Giugliani Filho; setor agro-indústria, Luchsinger Madörin; setor de cereais, agrônomo Felix Marcos Caldeira; setor veterinário, Antonio Mies Filho; setor de zootecnia, Geraldo Velloso Nunes Vieira; setor parlamentar, deputado Aldo Pinto da Silva; setor de fruticultura, Sérgio Sachs e Ruben Ilgenfritz da Silva em cooperativismo. Foi uma iniciativa do Jornal do Comércio portoalegrense.

PELOTAS SEDIA V CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA

O V Congresso Brasileiro de Fruticultura se realiza em Pelotas, no pe-

ríodo de 7 a 14 de janeiro próximo. Técnicos de todos os estados brasileiros e do exterior, a maioria acompanhados por familiares estarão na cidade Princesa do Sul durante aqueles dias.

Os trabalhos do Congresso se realizarão no campus da Universidade Federal de Pelotas, no salão nobre da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, distante 10 quilômetros do centro da cidade. Paralelamente as sessões técnicas e de estudos, será desenvolvido extenso programa social, inclusive excursões a

diversas cidades do Estado.

O Congresso é uma promoção e organização da Sociedade Brasileira de Fruticultura, que tem o patrocínio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA; Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, Secretaria da Indústria e Comércio do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL; Prefeitura Municipal de Pelotas e Sindicato da Indústria de Doces e Conservas Alimentícias de Pelotas.



SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUI CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30/11/1.965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Previsão Orçamentária para o exercício de 1979, aprovado em Assembléia Geral Ordinária realizada em 29 de novembro de 1978.

CONTAS	RENDA PRÓPRIA - Cr\$	RENDA SINDICAL - Cr\$	TOTAL Cr\$
RECEITA			
Renda Tributária		600.000,00	600.000,00
Renda Social	964.000,00		964.000,00
Renda Patrimonial	80.000,00		80.000,00
Renda Extraordinária	1.590.000,00		1.590.000,00
Mobilização de Capitais	-		-
TOTAL GERAL	2.634.000,00	600.000,00	3.234.000,00
DESPESA:			
Administração Geral	1.472.000,00		1.472.000,00
Contrs. Regulamentares		204.000,00	204.000,00
Assistência Social	1.061.000,00	306.000,00	1.367.000,00
Outros Servs. Sociais	55.000,00		55.000,00
Assistência Técnica	8.000,00		8.000,00
Desps. Extraordinárias		90.000,00	90.000,00
TOTAL DO CUSTEIO	2.596.000,00	600.000,00	3.196.000,00
Aplicação de Capitais	38.000,00		38.000,00
TOTAL GERAL	2.634.000,00	600.000,00	3.234.000,00

IJUI, (RS), 29 de novembro de 1978

CARLOS KARLINSKI

Presidente

FREDERICO CASALI

Tesoureiro

ARLINDO BAUERMANN

Téc. em Contabilidade CRC. RS. Nº 22.688

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUI CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30/11/1.965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Suplementação de Verbas à Previsão Orçamentária para o exercício de 1978, aprovado em Assembléia Geral Extraordinária realizada em 29 de novembro de 1978.

CONTAS	RENDA PRÓPRIA - Cr\$	RENDA SINDICAL - Cr\$	TOTAL Cr\$
RECEITA:			
Renda Tributária		50.000,00	50.000,00
Renda Social	20.000,00		20.000,00
Renda Patrimonial	10.000,00		10.000,00
Renda Extraordinária	87.500,00		87.500,00
Mobilizações de Capitais	-		-
TOTAL GERAL	117.500,00	50.000,00	167.500,00
DESPESAS:			
Administração Geral	9.500,00		9.500,00
Contrs. Regulamentares		17.000,00	17.000,00
Assistência Social	90.000,00	25.500,00	115.500,00
Outros Servs. Sociais	18.000,00		18.000,00
Assistência Técnica	-		-
Desps. Extraordinárias		7.500,00	7.500,00
TOTAL DO CUSTEIO	117.500,00	50.000,00	167.500,00
Aplicação de Capitais	-		-
TOTAL GERAL	117.500,00	50.000,00	167.500,00

IJUI (RS), 29 de novembro de 1978

CARLOS KARLINSKI

Presidente

FREDERICO CASALI

Tesoureiro

ARLINDO BAUERMANN

Téc. em Contabilidade CRC. RS. Nº 22.688

COOPERATIVISMO NA PECUÁRIA O DESAFIO PARA MAIOR PRODUÇÃO

Muito mais do que a simples reunião de pecuaristas tradicionais, técnicos do setor e convidados, a realização do II Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, realizado pela COTRIJUI em Dom Pedrito, significou a confirmação de algo importante. É que, a exemplo da exploração racional já alcançada na agricultura, também é possível encontrar na pecuária caminhos mais seguros e independentes. Para isso, não basta concordar com os números, altamente positivos, do concurso em pé e de carcaças. Se faz necessário aceitar o desafio feito na ocasião pelo dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da COTRIJUI. Modificar a idade de abate dos animais, assim como, pela luta organizada, se transformou a charqueada de Dom Pedrito em um moderno frigorífico. E o gaúcho que aceitou e venceu o primeiro desafio, embora sestroso, há de confirmar sua garra e talento, ainda mais que alicerçado nos princípios cooperativistas e à cavalo em números difíceis de contestar: novilhos dois dentes com peso de abate de quase 600 quilos. E não se chegou à isso pelo simples orgulho de equiparar nossos rebanhos ao que de melhor há na Europa. Mas sim para garantir ao pecuarista viabilidade econômica à sua atividade, a partir do instante em que se buscará reduzir a importação de carne.

ESTRUTURA DE CAMPO DA COTRIJUI

Para operacionalizar dados de um concurso de engordadura e cujos resultados estão já servindo de apoio à outras iniciativas, a COTRIJUI criou através de seu Departamento Técnico uma estrutura de campo para assistir e acompanhar o produtor à partir da compra dos terneiros em feiras, preparo de pastagens de inverno e verão, até atingir a terminação desses animais com idade aproximada de 24 meses. Tendo em vista a importância do peso de abate, não só para concursos, mas também na comercialização, uma equipe está realizando estudos mais profundos em cima das quebras decorrentes do transporte dos animais de seus criatórios até Dom Pedrito, levando em conta horário de transporte e duração da viagem; condições climáticas e de trafegabilidade das estradas; alimentação pré-embarque e outros. Segundo afirmou por ocasião do encerramento do II Concurso o engenheiro agrônomo Becklerc Oliveira da Silva, do Departamento Técnico da COTRIJUI, a menor distância percorrida por lotes concorrentes, desde o local de origem dos novilhos até Dom Pedrito, foi de 330 km e a

maior distância, 570 km. Disse também que a média de quebra de peso por novilho, à cada 100 km rodados, foi de 5,5 kg, enquanto a quebra de peso por hora de viagem foi de 2,5 kg por animal. Era intenção da equipe de campo da COTRIJUI, nesse segundo concurso, transportar lotes de novilhos de uma mesma propriedade durante o dia e também à noite, para fazer comparações de quebra de peso. Isso no entanto não foi possível, devido às condições desfavoráveis de clima.

O dr. Becklerc O. da Silva também discorreu sobre as raças e cruzas, com predominância neste segundo concurso de animais da raça charolesa. Dos 105 animais inscritos no concurso de carcaças, o peso médio de abate foi de 458 quilos, sendo 400 quilos o peso de abate do menor e de 572 quilos o peso de abate do melhor novilho, este último de propriedade do associado Avelino Scarton.

Paralelamente às carcaças, também foram expostos ao público presente na inauguração do II Concurso de Novilhos Precoces, os chamados cortes nobres do animal, a saber: patinho, filet mignon, contra filé, tatú, alcatra, coxão de dentro e coxão de fora. Brevemente a COTRIJUI e sua co-irmã, Cooperativa Castilhense de Carnes, iniciarão a comercialização desses cortes industriais em Porto Alegre, na Boutikarnes, instalada à rua 24 de Outubro, 615/617, no Moinhos de Vento. Além dos cortes nobres, a casa fornecerá também matambre e costela, cortes de intensa procura principalmente pelo consumidor gaúcho.

CLASSIFICAÇÃO E TIPIFICAÇÃO INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Coube ao dr. José Luiz Nelson Costaguta, zootecnista da Secretaria da Agricultura, discorrer sobre dados técnicos do concurso promovido pela COTRIJUI. Juntamente com o engenheiro agrônomo Mauro Dante Aymone Lopez, integrou o corpo de jurados. Disse que no concurso em pé (julgamento) foram consideradas as características de conformação, constituição, estrutura física e acabamento. Na classificação e tipificação das carcaças, de forma a uniformizar os critérios já empregados no concurso do ano passado, foi utilizado o método do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, considerado muito bom pelas variadas informações que dá, o que leva sempre à constantes modificações e atualizações. Fez referência ao peso de carcaça do novilho cam-

peão (que foi classificada também como carcaça campeã), afirmando que se equipara ao peso de carcaças de bois mansos e de torunos. Reforçando a iniciativa da COTRIJUI como mais uma alternativa dentro de um processo de diversificação da produção, o médico veterinário Costaguta disse que o evento do novilho prececo não significará o abandono puro e simples da pecuária tradicional, isso porque os novos processos de engorda se generalizados, esbarrariam em condições climáticas desfavoráveis. À par do novilho de dois anos, se continuará por certo a produzir carne proveniente de torunos, bois mansos e bovinos de quatro a cinco anos.

Sobre a classificação das carcaças, disse que os jurados levaram em conta os fatores qualidade e quantidade de carne. Enalteceu a COTRIJUI pelas condições criadas e que proporcionaram aos jurados realizar um trabalho a contento.

CARCAÇAS PREMIADAS

No COTRIJORNAL anterior, já divulgamos resultados do concurso em pé. A seguir, detalhes do julgamento post-mortem, reunindo dados das três carcaças que aparecem na foto.

Tat.	Idade	Peso de abate kg	Peso de carcaça quente kg	DADOS		Rendim. de carcaça fria %
				Rendim. de Carcaça quente %	Peso de carcaça fria kg	
02	2D	561	342	60,9	333,5	59,4
03	2D	567	347	61,2	338	59,6
20-12	2D	490	288	58,7	280	57,1

Área do olho de lombo cm ²	GRAU DE QUANTIDADE			Rendim. de cortes nobres %
	Gordura interna %	Gordura de cobertura mm	Grau	
81,20	2,3	9	2,6	51,0
84,30	2,2	8	2,3	51,6
70,60	2,2	3	2,0	52,3

A destacar que do novilho grande campeão saiu a carcaça classificada grande campeã. Corresponde ao animal cuja foto ilustrou a capa do COTRIJORNAL do mês de novembro último. Na sua composição, a referida carcaça apresentou ainda os seguintes dados: 19,14% de osso; 61,70% de músculo; e 19,16% de gordura.



O veterinário José Luiz Costaguta: "A produção de novilhos precoces é uma nova realidade no Rio Grande do Sul". Foi um dos jurados dos animais já abatidos.

PREÇOS COMPENSARAM INVESTIMENTOS

O Suplemento Rural do "Correio do Povo", assim se manifestou sobre o Concurso, em uma de suas últimas edições:

A evolução havida nos níveis comerciais do boi vivo nesta entressafra com fortes indicativos de manter-se em valores atrativos na próxima safra, concorreu para que também os participantes do Segundo Concurso de Novilhos Precoces obtivessem uma lucratividade bastante marcante em seus investimentos na produção de um novilho de pouca idade. Sabe-se que investir em pastagem e terminar animais com uma complementação com ração determina um aumento nos custos. Desde logo, é óbvio, a carne sofisticada que estaria sendo oferecida teria, necessariamente, uma cotação correspondente ao trabalho dos produtores. A evolução natural do mercado foi muito benéfica e ajudou bastante, porque se há de compreender que 1978 foi bastante difícil para a produção de carne. Forte estiagem, pastagens atrasadas, ração a preços altos com componentes como o milho ultrapassando todas as previsões etc., concorreram para inflacionar os custos da produção, naturalmente, acima dos que tradicio-

nalmente têm os invernadores rio-grandenses.

Os participantes do concurso da COTRIJUI vão receber não só o preço justo de mercado mas uma bonificação. Avelino Scarton que concorreu com 15 animais já recebeu mais de 151 mil cruzeiros por seus novilhos, numa cotação que andou em torno de 36 cruzeiros a carne fria. Para ele que participa pela segunda vez o resultado financeiro foi muito bom. Seus novilhos chegaram a terminação em torno de 5 mil cruzeiros. Scarton disse ainda que foi o melhor grupo de novilhos que ele já produziu. Inseminou poucas vacas e de um lote de 17 animais selecionou 15 exemplares. Se fossem 100, disse, "poderia esperar um nível destes, mas foi apenas 17 que tirei 15. Infelizmente para o próximo ano não vou poder manter o padrão".

Ele explicou ainda que os animais foram preparados em pastagem desde o desmame. Este ano teve que dar resíduos de milho e aveia (sobra da seleção das sementes) no período de seca. Em 77 não foi preciso. Nos últimos cem dias os animais receberam a campo 3 quilos de ração produzida pela própria COTRIJUI diariamente.



Esse gesto se repetiu por cinco vezes. Avelino Scarton (esquerda), recebeu prêmios por Lote Grande Campeão, Novilho Grande Campeão, Carcaça Grande Campeã, Carcaça Reservada de Grande Campeã e Carcaça Grande Campeã Cruza. É cumprimentado pelo sr. Paulo Rosa Wairich, diretor-presidente da Cooperativa Castilhense de Carnes.



As carcaças premiadas no concurso. Pela ordem, da esquerda para a direita: carcaça grande campeã, com mais de 59% de rendimento; carcaça reservada de campeã, a exemplo da primeira também de animal cruzado Hereford com Charolês; e carcaça campeã de raça definida, Santa Gertrúdis. As duas primeiras de animais de Avelino Scarton, e a última do expositor Cevi Italo Gioda, de São Francisco de Assis.

JORNAL "PONCHE VERDE" ANALISOU O CONCURSO

O tradicional jornal pedritense, "Ponche Verde", assim analisou o Concurso:

Revestiu-se do mais significativo sucesso a instalação do IIº Concurso do Novilho Precoce em nossa cidade.

Consideradas as proposições do ano passado, quando o primeiro concurso, chega-se a conclusão animadora de que esta promoção alcançará, em breve, os seus mais altos propósitos e objetivos, dentro dos quais está o da comercialização a nível de exportação.

Um fato, porém, nos chamou atenção: a ausência da participação de nossa pecuária nesta promoção da COTRIJUI.

A não ser como anfitrião, Dom Pedrito não figurou entre aqueles municípios que aqui trouxeram seus produtos conquistando lauréis, num atestado justo e eloquente de suas efetivas participações e, acima de tudo, por acreditarem nesta promoção.

É preciso que nossa gente desperte! Afinal, de que vale dizer-se que aqui estão os melhores rebanhos e os melhores campos?

Precisamos, agora, mais do que nunca, mostrar na prática, aquilo de que tanto nos orgulhamos: a pujança de nossa pecuária, a qualidade de nossos rebanhos, para não figurarmos apenas como meros expectadores em um Concurso de tamanha envergadura como este.

Nessa edição, o seu Faustino não aparece. Nem ele, nem seu trator, comprado com os lucros do dinheiro depositado na Apesul. O homem está em férias. E antes de viajar, deixou um recado. FELIZ NATAL e UM VENTUROSO 1979 para todos. São estes os desejos da APESUL à todos os amigos.



Caderneta APESUL de Poupança

Rua do Comércio 219 - Ijuí

Recreação:

COTRIJUI PROPORCIONA LAZER PARA FUNCIONÁRIOS



No sorriso alegre das meninas, a exteriorização do prazer que a recreação representa.

Recreação também tem sido preocupação da COTRIJUI. Associados e funcionários encontram na sua cooperativa um forte elemento de soma de esforços para alcançar esse objetivo que tem em vista melhor adaptar o ser humano para enfrentar o trabalho.

Em cada unidade da COTRIJUI existem as Associações de Funcionários. E em Rio Grande, na praia do Cassino, a cooperativa instalou a Colônia de Férias para a recreação de seus associados. Nesta edição estamos apresentando a AFUCOTRI, Associação dos Funcionários em Ijuí. Na edição que circulará em março, a Colônia de Férias dos Associados merecerá destaque de reportagem.

AFUCOTRI

Natação, basquete, ping-pong, futebol (de campo e de salão); vôlei, bocha, e bolão, são algumas das modalidades esportivas que a sede campestre da AFUCOTRI proporciona aos associados, na Linha 3-Oeste, em Ijuí. Outros atrativos são: piscina para adultos, infanto-juvenis e criança, salão

de reuniões sociais onde se realizam bailes e a já tradicional Festa do Chope de todos os inícios de ano. Amplo parque arborizado para repouso em fins de semana é outro atrativo da sede-campestre.

Na parte da prestação de serviços e assistência social, os associados da AFUCOTRI de menor renda recebem desde janeiro deste ano um rancho pago pela Associação. Esse serviço social está beneficiando um total de 540 funcionários subalternos. A entidade mantém uma assistente social que faz visitas periódicas aos colegas em suas residências.

Com o objetivo de melhorar cada vez mais o atendimento desses funcionários beneficiados com o rancho mensal, a Associação começou a entregar no domicílio de cada funcionário, para que eles não tenham despesas nem com o carro.

A Festa de Natal dos filhos de associados é outro serviço que deve ser considerado. Milhares de presentes são distribuídos, alegrando as crianças e marcando em suas consciências a passagem da data tão significativa em



Vista parcial do parque, aparecendo ao fundo o moderno salão-restaurante.

nossa tradição cristã.

PARTE SOCIAL

A Festa do Chope, chamada COTRICHOPÉ, é o mais antigo e tradicional acontecimento social da AFUCOTRI. A décima primeira (11a.) edição dessa grande festa está prevista para acontecer a 30 do corrente mês de dezembro. A Associação tem participado do Concurso Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul, inclusive com pre-

sença na seleção final no Ginásio Gigantinho, em Porto Alegre.

GINÁSIO COBERTO

A diretoria atual, que tem a frente o economista Oswaldo Olmiro Meotti, diretor financeiro da cooperativa, tem concretizado vários empreendimentos, dentro do mesmo espírito de proporcionar melhores condições de lazer aos funcionários.

A sede social foi

concluída. Entre outros melhoramentos, foi instalado um moderno restaurante, cuja vista parcial externa pode ser vista numa das fotos que ilustra esta reportagem. A meta seguinte da diretoria, é a construção de um ginásio coberto. O local já foi adquirido. Consta de uma área de dois hectares em excelente local, junto a área do atual parque sócio-esportivo da Linha 3-Oeste.



Ao fundo, a preocupação com a preservação da mata e o replantio de novas essências.

FORRAGEIRAS DE ESTAÇÃO QUENTE



Pastagem de milheto Comum (*Pennisetum americanum*), no Centro de Treinamento COTRIJUI, município de Augusto Pestana.



Pastagem de bermuda Coastcross (*Cynodon dactylon*), no mesmo Centro da COTRIJUI.

O Departamento Técnico da COTRIJUI editou e está distribuindo aos associados um folheto explicativo sobre as forrageiras de verão mais importantes para a região sul do país. No folheto são analisadas as variedades em relação ao seu hábito de crescimento, com todas as explicações técnicas a respeito de densidade de plantio, épocas de semeadura, rendimento médio, estimativa dos ciclos de produção, etc.

Consideramos uma válida contribuição do Departamento Técnico da cooperativa, principalmente se considerarmos que é mínima a existência de publicações técnicas no Brasil sobre esse importante setor, que é a pecuária.

Publicamos uma parte do folheto, onde são destacadas considerações de ordem técnica de como desenvolver boas pastagens em clima quente.

ADUBAÇÃO E INOCULAÇÃO

Muitas vezes os produtores desanimam com suas pastagens em decorrência dos baixos rendimentos que elas apresentam. Geralmente nestes casos, a correção do solo não foi adequada ou a adubação de manutenção não foi realizada de acordo com as necessidades da pastagem. No sentido de evitar que problemas como estes aconteçam, a seguir são apresentadas algumas recomendações sobre a adubação das pastagens.

CORREÇÃO DO SOLO

Tem por objetivo elevar a fertilidade do solo até o nível ótimo. Deverá ser feita de acordo com as recomendações da análise do solo. Os corretivos mais utilizados são o calcário dolomítico, os fosfatos naturais ou superfosfatos e o cloreto de

potássio. Para a alfafa deve ser aplicado o dobro da quantidade de calcário indicada no boletim de análise do solo. Quanto ao calcário, é desejável que seja incorporado no solo entre três a seis meses antes do plantio. Os demais corretivos podem ser incorporados antes da semeadura. Após cada quatro ou cinco anos, o produtor deve realizar nova análise do solo, aplicando os corretivos indicados.

ADUBAÇÃO DE MANUTENÇÃO

Deve ser feita anualmente para cada pastagem com a finalidade de repor os nutrientes retirados. Para a maioria dos nossos solos a adubação de manutenção é realizada utilizando-se fórmulas comerciais contendo nitrogênio, fósforo e potássio.

Quando a pastagem é formada somente de gramíneas, a

aplicação de 300 kg/ha da fórmula 6-24-20 normalmente atende às exigências das plantas. Se a pastagem é consociada (gramínea mais leguminosa) a adubação nitrogenada pode ser diminuída. Neste caso o produtor pode utilizar 300 kg/ha da fórmula 4-28-20.

A aplicação desta adubação deve ocorrer junto com a semeadura das pastagens e, no caso das perenes, aplicar também no início de cada período de produção (primavera).

Para a alfafa, por ser uma cultura muito exigente, é recomendável que o produtor compre os adubos puros e faça a mistura na propriedade. Como sugestão, na primavera recomenda-se aplicar em cada hectare uma mistura que contenha 150 kg de superfosfato triplo, 200 kg de cloreto de potássio e 25 kg de Borax. Na entrada do outono aplicar mais 150 kg de cloreto de potássio com 15 kg de Borax.

ADUBAÇÃO DE COBERTURA

Quando a pastagem é formada somente por gramíneas recomenda-se utilizar uma quantidade média de 80 kg/ha de nitrogênio, que corresponde a 180 kg/ha de uréia. Para que as perdas de uréia sejam reduzidas ao mínimo, a aplicação deve ser fracionada em duas ou três oportunidades. O melhor momento é após os cortes ou pastejos.

As recomendações sugeri-

das devem ser tomadas apenas como orientação, pois uma adubação correta deve seguir as quantidades indicadas no boletim de análise do solo.

INOCULAÇÃO E PELETIZAÇÃO

As leguminosas têm a particularidade de fixarem nitrogênio atmosférico nas raízes. Este fenômeno resulta de uma simbiose com bactérias, conhecidas por *Rhizobium*, que se fixam nas raízes, incorporando nitrogênio ao solo e tornando-o disponível às plantas.

Geralmente estas bactérias não existem em quantidade suficiente no solo. Em consequência, não ocorre uma boa nodulação (colônia de bactérias) nas raízes das leguminosas. Por este motivo, o produtor deve realizar a inoculação, que consiste em colocar o *Rhizobium* em contato com as sementes. Para cada leguminosa existe um inoculante específico.

Com o objetivo de garantir a vida da bactéria (*Rhizobium*) e acelerar a formação de nódulos é recomendável peletizar as sementes. Esta técnica consiste em recobrir a semente inoculada em *Rhizobium* de uma capa protetora, utilizando-se carbonato de cálcio ou hiperfosfato. Os detalhes sobre a técnica de inoculação e peletização os produtores podem obter no Departamento Técnico da COTRIJUI.

A Shell Química lança produto extremamente eficaz contra as pragas da soja e do trigo.

Alacran 40
A mais poderosa formulação contra as pragas



Novo solvente facilita misturas

Alacran 40 é formulado especialmente para as culturas da soja e do trigo, com ingredientes cuidadosamente desenvolvidos para produzir a mais versátil das formulações em termos de compatibilidade com outros defensivos.

Alacran 40 extermina lagartas e percevejos da soja e pulgões do trigo, eliminando as pragas por contato, ingestão e também por ação sistêmica.



Em frasco de 1 litro e em balde de 20 litros

Para maiores informações consulte seu agrônomo, o de sua cooperativa ou diretamente a Shell Química.



Shell Química

Técnica e pesquisa a serviço de um mundo melhor

CONTROLE INTEGRADO DE PULGÕES DO TRIGO

Luiz Antônio B. de SALLES
CNPTRIGO/EMBRAPA

Ao final de mais uma safra dos cereais de inverno (trigo, cevada, centeio, aveia), constatamos uma fabulosa realidade a de vermos a grande maioria das lavouras gaúchas com excelente estado fitossanitário e na expectativa de grandes produções, fato este não muito comum nos últimos anos para estes cereais. Um dos principais fatores para esta situação foram as boas condições climáticas, comparadas a anos anteriores, que resultaram em pequena incidência de doenças e pragas. Conseqüentemente, o uso de defensivos agrícolas foi muito restrito.

Devido ao menor uso de inseticidas, houve chance para que diversos inimigos naturais do pulgão pudessem reproduzir-se, e então, atingirem níveis populacionais que conseguiram controlar e manter estas pragas em um nível de equilíbrio.

Entre os inimigos naturais que ocorreram, destacaram-se, principalmente, os predadores tais como: *Alograpta* (pequenas larvas verdes, tipo "lesma" que vivem comendo pulgões sobre as folhas e espigas) em agosto-setembro até meados de outubro e as joaninhas *Cicloneda* (vermelha) e *Eriopis* (pintada de preto-vermelha-branco), de agosto a dezembro. Estes inimigos naturais exerceram um excelente trabalho de controle mantendo o pulgão em nível baixo. Durante todo o ciclo vegetativo do trigo foram ainda observados alguns outros inimigos naturais, tais como: *Chrysopa*, aranhas predadoras, fungos entomógenos e muitos parasitas.

O controle natural, exercido por condições climáticas e inimigo naturais, é fator que deve ser prioritariamente observado em um sistema agrícola, pois esta forma de controle é gratuita, permanente e, sobretudo, não poluente. Nesta safra que finda isto foi uma realidade inconteste.

O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da EMBRAPA, em Passo Fundo, iniciou nesta safra um novo programa de pesquisa, chamado de "Programa de Controle Integrado de Pulgões". Este centro de pesquisa está trazendo diversas espécies de insetos benéficos de países onde são estudados e aplicados na agricultura. Até o momento já chegaram a Passo Fundo nove espécies de parasitas e uma de predador vindos da França, Estados Unidos e Chile.

Estes insetos foram multiplicados no CNPTRIGO e liberados em diversos municípios do RS (Ijuí, Cruz Alta, Carazinho, Palmeira das Missões, Passo Fundo) e alguns do Paraná e Santa Catarina, num número aproximado de 200.000 parasitas.

Confiamos que estes novos insetos benéficos importados, juntamente com os inimigos naturais nativos, venham a minimizar o problema dos pulgões que atacam estes cereais, diminuindo cada vez mais a necessidade de uso de inseticidas.

O sucesso de um programa de controle biológico depende sobretudo da orientação que o agricultor usa na sua lavoura. O uso intensivo de inseticidas não seletivos agrava o problema das pragas e impede a ação dos inimigos naturais.

QUANTO MAIS INSETICIDAS APLICARMOS HOJE, MAIS SERÁ NECESSÁRIO APLICARMOS NO FUTURO.

O controle biológico das pragas agrícolas é estudado há mais de um século e já provou por inúmeras vezes e em muitas partes do mundo que é eficiente. Isto será também uma verdade nas nossas lavouras de cereais de inverno.

PRODUTIVIDADE COM SEGURANÇA

Seguindo integralmente as recomendações da pesquisa é possível produzir com segurança e bom lucro.

Cinco Unidades Demonstrativas, conduzidas pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo e pela EMATER - RS, em colaboração com a FECOTRIGO e APASSUL evidenciam esta possibilidade.

As Unidades Demonstrativas, com área de 1 ha, foram instaladas em lavouras de agricultores, onde não havia trigo nem cevada nos últimos três anos, e corrigidas com 1/2 SMP, ou seja, com a metade da recomendação de calcário para soja. O controle de doenças foi realizado com equipamento normalmente empregado pelos produtores utilizando-se 0,5 kg/ha de Bayleton e mais duas pulverizações com 0,5 kg/ha de Bayleton + 2,0 kg/ha de Dithane nas épocas recomendadas pela pesquisa. Entretanto, nas demonstrações de São Borja e Ijuí foram realizadas apenas duas aplicações de fungicidas pois não houve uma ocorrência de oídio que justificasse o controle.

No Quadro 1 podemos ver a produtividade as áreas que receberam o controle integrado de pragas e doenças e daquelas onde somente o pulgão foi combatido.

Se analisarmos os rendimen-

tos apresentados veremos que, com exceção da Unidade de São Borja, onde a cultura desenvolveu-se em condições de umidade deficientes, nos demais municípios houve uma resposta favorável à aplicação dos fungicidas. Esta resposta diferiu de uma para outra cultivar e foi mais acentuada onde as condições climáticas favoreceram o aparecimento das doenças. Temos assim, em Ijuí, um aumento de 7,5 sc/ha da cultivar Nobre com tratamento, justamente na região onde identificamos uma grande infestação de ferrugens e septorioses. Podemos também notar uma produtividade sempre supe-

rior das cultivares lançadas recentemente em comparação com a cultivar Nobre já há vários anos cultivada.

As produtividades alcançadas nestas Unidades Demonstrativas, nas mesmas condições que os produtores encontram para realizar os tratamentos fitossanitários, dão-nos a certeza de que adotando um sistema de rotação de culturas, usando corretamente fungicidas, escolhendo as melhores cultivares, é possível produzir trigo com segurança e rentabilidade, tanto em anos bons como em anos adversos.

Quadro 1. Dados de rendimento, em kg/ha, das cultivares de trigo com e sem tratamento fúngico

Local	Cultivares	Rendimento kg/ha	
		c/fungicida	s/fungicida
SÃO BORJA	CNT 10	2.330	2.322
	PAT 7219	1.921	1.917
	MASCARENHAS	2.097	2.052
	NOBRE	1.717	1.632
IJUI	CNT 10	2.076	1.821
	NOBRE	1.632	1.182
SANTA BÁRBARA DO SUL	CNT 10	2.546	2.204
	PAT 7219	1.931	1.657
	NOBRE	1.853	1.397
NÃO-ME-TOQUE	CNT 10	2.343	1.962
	NOBRE	2.171	1.668
PASSO FUNDO	CNT 10	2.845	2.434
	NOBRE	2.655	2.356

PESQUISA ALERTA SOBRE O MAL-DO-PÉ

Pesquisadores do CNPTrigo visitaram triticultores nas regiões de Giruá, Santa Rosa e Santo Angelo visando verificar a incidência do mal-do-pé ou *Ophiobolus* e em especial observar a evolução do mesmo em relação ao ano anterior.

Os dados obtidos permitiram ter uma idéia da situação atual da doença em uma zona em que a área de plantio do trigo foi praticamente a mesma da soja. A incidência da doença foi bastante intensa, e caso não sejam tomadas providências os danos causados terão grandes reflexos para a cultura na região, nas próximas safras.

A doença surge em locais onde foi depositado calcário para ser espalhado na lavoura, ou onde o calcário foi distribuído e incorporado indevidamente.

Nas áreas onde o calcário foi reaplicado antes da época recomendada (4 a 5 anos após a última aplicação), encontram-se os maiores problemas em relação ao mal-do-pé. Existem lavouras cuja incidência da doença alcança mais de 70% da área cultivada com trigo e está evoluindo de maneira alarmante.

Os técnicos observaram que a doença surge após o 3º ano de colocação do calcário. Após o aparecimento do foco da doença, esta se espalha para as áreas contíguas. Em solos bem preparados (lavração + gradagem) a incidência foi menor naqueles com preparo realizado com pé-de-pato, grade, etc. Em novas lavouras a doença não surge, com exceção de alguns locais onde houve destocamento (remoção do solo). Nas lavouras onde é praticado o pousio de inverno ou rotação, áreas sem cultivo de trigo ou cevada nos últimos 2 anos, não ocorreu incidência do mal-do-pé. Baseados nestes dados e em resultados obtidos com pesquisas, o CNPTrigo adverte ao agricultor para a importância da rotação de culturas ou pousio. Outro detalhe muito importante é não aplicar calcário em doses superiores a recomendação para trigo, cuidar de uma perfeita distribuição e incorporação, e não fazer reaplicações do corretivo antes do 4º ano após a última correção.

Devido aos prejuízos que essa doença causa à triticultura, a pesquisa em conjunto com a extensão realizará um trabalho de conscientização dos triticultores com o objetivo de mostrar a importância do uso de tecnologia que evite o aparecimento da doença ou que a controle depois que o "mal-do-pé" já está presente na lavoura. É importante lembrar que

essa enfermidade do trigo não pode ser controlada pela utilização de resistência genética ou por controle químico com aplicação de fungicidas. As únicas opções que se oferecem aos agricultores para o controle do "mal-do-pé" são o pousio de inverno ou rotação com culturas que não mantenham o fungo no solo e lavração profunda (30 cm).



Na hora de comprar um inseticida, exija este selo.

Toxaphene é um produto de origem vegetal, não persistente. Além de ser de moderada toxicidade, é biodegradável, isto é, não fica acumulado nos tecidos adiposos.

Toxaphene é rapidamente degradado e metabolizado, tanto no solo como na água, no ar e nos organismos vivos. Com Toxaphene você obtém um alto rendimento com um menor número de aplicações. Resultado: maior lucro por hectare. Se você trabalha com lavouras de algodão, soja, feijão, trigo, arroz, amendoim ou milho, e não tem usado inseticidas com Toxaphene, chegou a hora de você também usá-lo: sozinho ou associado com Malathion, Parathion, Monocrotofos, Phosalone e outros, em formulações em LVC ou em concentrados emulsionáveis.

Toxaphene, presente nos mais importantes inseticidas.

Produzido pela
AGROQUISA S.A.
Empresa do Grupo Matarazzo

Distribuído pela
HERCULES

A LAVOURA NO MÊS



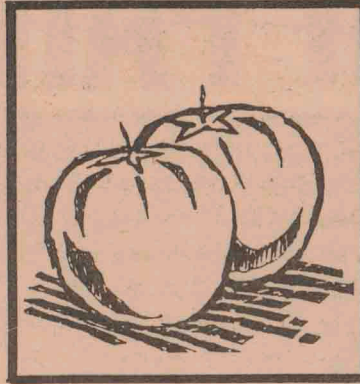
ALFACE: As fortes chuvas ocorridas nos últimos dias tem prejudicado seriamente o desenvolvimento da alface, a qual somente irá se recuperar quando ocorrerem dias ensolarados mas não muito quentes. Para novas semeaduras recomenda-se as variedades que se adaptam ao calor, onde encontramos a Maravilha de Verão, Bobá, Kagrener e Aurelia; todas adaptam-se bem à semeadura definitiva ou seja sem transplante, resistindo melhor nessas condições ao calor do verão.



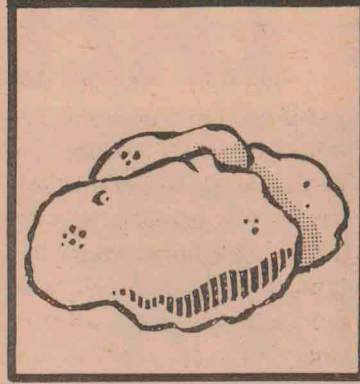
FEIJÃO: O feijoeiro está em fim de ciclo da produção de safra, considerada a mais importante, devendo ser observado o ponto de colheita. O melhor produto obtém-se pela trilha semi-manual, seja com uso das rodas do trator ou outro semelhante, quando usada trilhadeira estacionário deve-se observar a regulagem no sentido de evitar a quebra dos grãos. A colheita com automotriz não é recomendada por ocasionar perdas muito grandes, não se justificando economicamente.



CENOURA: O grupo Kuroda são variedades de verão, cuja raiz apresenta formato cônico, diferenciando-se assim do grupo Nontes cujas raízes são cilíndricas e que normalmente tem maior valor comercial. A cenoura deve ser cultivada em linhas espaçadas de 30 cm para facilitar a capina e escarificação (fofar a terra) com enxada. Com a alta umidade e temperatura deve-se observar as moléstias que causam queima das folhas conhecida como *Alternaria*, que deve ser controlada preventivamente com produtos à base de Maneb.



TOMATE: O tomateiro está sendo seriamente prejudicado pela alta umidade e tempera, tornando-se necessários tratamentos constantes. Recomenda-se o uso de produtos à base de cobre, que agem de maneira preventiva e que apresentam toxidez muito reduzida, praticamente não causando inconvenientes à saúde humana. Quanto às brocas que atacam os frutos do tomate, podem ser combatidas com produtos sistêmicos, mas que apresentem curto período de carência, neste sentido a sempre necessidade de entrar em contato com o Departamento Técnico da Unidade.



BATATA: O ciclo cultural da batata está praticamente finalizando, já estando algumas lavouras em colheita. A colheita da batata deve ser efetuada quando a parte aérea estiver seca e a película (casca) estiver firme. Para colheita deve-se escolher dias sem chuva com baixa umidade e solo relativamente seco, em seguida deixar o tubérculo secando à sombra para posteriormente comercializar. Em termos de valor comercial alcança melhor cotação o produto que estiver lavado e classificado, esta classificação basicamente compreende 3 classes por tamanho, cujos preços são proporcionais à qualidade do produto.

DEFENSIVOS PARA HORTALIÇAS

Os defensivos para hortaliças devem ser aplicados com cuidados especiais OBSERVANDO-SE fundamentalmente: — o período de carência do produto; — a especificidade (se é solúvel naquela cultura); — dosagem; — toxicidade. Assim você poderá ter mais confiança no produto que consome.

Erva-Mate:

UMA ESSÊNCIA NATIVA QUE FAZ DINHEIRO

O hábito de tomar chimarrão — que alguns até chamam de vício — pode ter perdido alguns aficionados, pela concorrência de um dia-a-dia mais atribulado. A mudança de costumes diante dos apêlos da propaganda, faz com que a nova geração substitua o salutar mate de erva por um refrigerante gelado, fatalmente composto por química que ninguém sabe o quê, menos por chá ou essência extraída do que é natural, nosso. Esse quadro nos leva a raciocinar em torno da erva mate, uma essência nativa e natural da região sul, cuja conservação e cultivo foram abandonados com a chegada da mecanização na lavoura. Abandonada em termos, é verdade, pois ainda hoje ervais de bom rendimento e indiscutível contribuição ecológica podem ser vistos, sem ao menos interferirem na atividade da lavoura. E isso é possível, salienta o técnico agrícola Adroaldo Hartmann, da COTRIJUI. Basta um pouco de dedicação. O técnico não culpa os que abandonaram o cultivo da erva mate, eis que essa essência se espalhou desordenadamente. Mas apela no sentido de que os produtores procurem plantar ervais ao longo das divisas, junto aos cercados. A partir do quarto ano, uma árvore de erva mate



produzirá até quatro arrobas (60 quilos), com assegurada colocação nas indústrias. A seguir, um aconselhamento técnico sobre o plantio e a poda da erva mate.

Para o plantio de erva mate, as sementes devem ser provenientes de árvores que tenham as

pontas dos ramos amareladas. O plantio se realiza na distância de quatro por seis metros. Esse espaçamento de 6 metros entre as linhas possibilita passar a grade para limpeza de inços. Nos primeiros dois anos, a erva mate se desenvolve melhor à sombra, daí ser aconselhável protegê-la do sol forte, principalmente do lado norte. É costume proteger a muda em seus primeiros dois anos, colocando tábuas ou com capim. A cada ano, a cooperativa dispõe de mudas de erva mate para atender pedidos dos agricultores interessados.

Quanto à poda (ou colheita), o conselho técnico é deixar em cada árvore pequenos ramos verdes distribuídos uniformemente em toda a copa, numa proporção mínima de 20 por cento dos ramos existentes antes da poda. Agindo assim, a erva mate se recuperará mais depressa, conseqüentemente terá maior produção. Os que costumam eliminar todos os ramos, devem ter observado que o sistema radicular perde muito de sua alimentação, pois esta é produzida pelas folhas em parte. Também é desaconselhável deixar apenas um ramo verde na copa da árvore. Isso de nada adiantará, além de promover um crescimento desuniforme na planta.

COTRISOL

DEZEMBRO DE 1978

Cultiva um bom Ano Novo

Já é dezembro, fim de ano. Tempo de capinar, cuidar da lavoura e do campo, que nessa época já perdeu o amarelo dos trigais e já deixa aparecer o verde da soja que começa a brotar. Mas e a terra, esta não se cansa? Não precisa de repouso para oferecer seus recursos sem prejuízos a si própria?

O trigo pode permanecer como a principal cultura de inverno e a soja de verão, mas a introdução de outros produtos não seria satisfatória também? Sem a pretensão de produzir só para exportar, vender a outros países?

Entretanto, dezembro não é só tempo de cuidar da terra. É época também de festas e férias. Nas férias podemos refletir para aperfeiçoar nosso entendimento em relação ao ano que chega e nas festas podemos procurar lazer para conseguirmos ânimo de continuar as tarefas diárias. Por isso, um Feliz Natal e Próspero Ano Novo.



O MENININHO DO
PRESEPIO
PÁG. 3

Gira Mundo

ELEIÇÕES

Ainda está repercutindo entre nós o resultado das eleições que em fins de novembro movimentaram todas as cidades do país, como o acontecimento mais importante. De fato, as eleições quando diretas envolvem todas as pessoas com idade acima de 18 anos, que através de um documento chamado título eleitoral têm a possibilidade de votar.

Por este processo de eleições diretas foram escolhidos pelo povo brasileiro, senadores, deputados federais e deputados estaduais pertencentes aos dois partidos existentes que são a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) no dia 15 de novembro.

Os senadores e os deputados federais formam o Senado e a Câmara Federal, que juntos vão se constituir no Poder Legislativo encarregado de elaborar leis e com a função também de aprovar ou reprová-las. Em cada estado, igualmente existe o mesmo Poder exercido através das Assembleias Legislativas, onde os deputados estaduais exercem as mesmas funções descritas acima, só que em relação ao Governador do Estado e às leis estaduais.

Pelo processo indireto, isto é, sem a participação do voto popular, outros senadores também vão ocupar o Congresso Nacional escolhidos pelo presidente Geisel. Estes senadores foram chamados de biônicos, que quer dizer escolhido indiretamente, sem a manifestação do povo. No próximo ano teremos, então, a posse do novo Presidente da República, dos novos Governadores de Estados, que também foram escolhidos indiretamente, juntamente com a posse dos deputados, tanto nos Estados como na Capital Federal.

Como vão governar e conduzir o destino do Brasil nos próximos anos, é uma pergunta importante que paira no ar. Alguns dos candidatos eleitos ou não, já falam na criação de outros partidos políticos para o futuro. E assim muitas coisas poderão se modificar no nosso país daqui para diante, e que vocês verão.

DDD

Você sabe o que é DDD? Pois esta é a novidade de Ijuí, que agora está integrada ao Sistema Nacional de Discagem Direta à Distância, ou sistema DDD. Isto significa que para se telefonar de Ijuí para outras cidades ou, o contrário, de outras cidades para Ijuí não se precisa mais pedir a ligação para a telefonista. É só discar o código 055 antes do número com que se quer falar e está feita a ligação, diretamente. E tem mais: para se telefonar com outras cidades próximas de Ijuí e que também são integrantes do sistema DDD é só fazer a ligação normal como se estivesse falando com um vizinho de um outro bairro.

CHUVAS

Um agricultor jamais pensa em replantar a sua lavoura. Mas com as fortes chuvas e temporais que vêm ocorrendo no nosso estado, causando danos às lavouras, principalmente de arroz e soja, a idéia de refazer a plantação começa a ser enfrentada por diversos agricultores.

Entre as cidades atingidas, o município de Alegrete, por exemplo, foi um dos mais atingidos pelas chuvas que fizeram o Rio Ibirapuitã transbordar deixando regiões alagadas e pessoas desabrigadas, assim como Uruguiana e outras cidades vizinhas a Ijuí, igualmente estão tendo dificuldades decorrentes das chuvas.

Também por causa dos temporais que têm ocorrido no interior do estado, uma das paredes internas das ruínas de São Miguel das Missões desabou, provocando um prejuízo irrecuperável, sob o ponto de vista histórico. As ruínas se constituem num acervo muito valioso que restou da República Guarani. Elas foram construídas por índios guaranis, orientados por padres jesuítas.



A TURMA DO ZECA em: A SOLUÇÃO

QUE SUJEIRA!

A GENTE CHEGA AQUI PRONTO PRA JOGAR FUTEBOL...

... E O GILBERTO DIZ QUE NÃO VAI MAIS NOS EMPRESTAR A BOLA!

E AÍ PESSOAL?! POR QUE ESSAS CARAS?

CONTEM PRO ZECA, PESSOAL.

NÓS ESTAMOS SEM BOLA PRA JOGAR. O GILBERTO DISSE QUE NÃO VAI MAIS NOS EMPRESTAR.

EI! MAS ACHO QUE SEI UMA SOLUÇÃO PRA ISSO NUNCA MAIS ACONTECER.

PRIMEIRO JUNTAMOS TODA A NOSSA TURMA E FORMAMOS UM CLUBE.

ASSIM, QUANDO PRECISAMOS QUALQUER COISA, TODOS COLABORAM!

ÔBA! VAI DAR PRA JOGAR FUTEBOL TODOS OS DIAS!

COM ESTE ESPÍRITO - O DA COOPERAÇÃO MÚTUA - SE ORIGINOU O COOPERATIVISMO, CUJO SÍMBOLO, EM TODO MUNDO, É ESTE:

COFRE DO CLUBE

JUSKA

FIM